

AMOR FATI....



ELYSÍO DE 
CARVALHO 

P, 2, 35

©

Je ne fay rien
sans

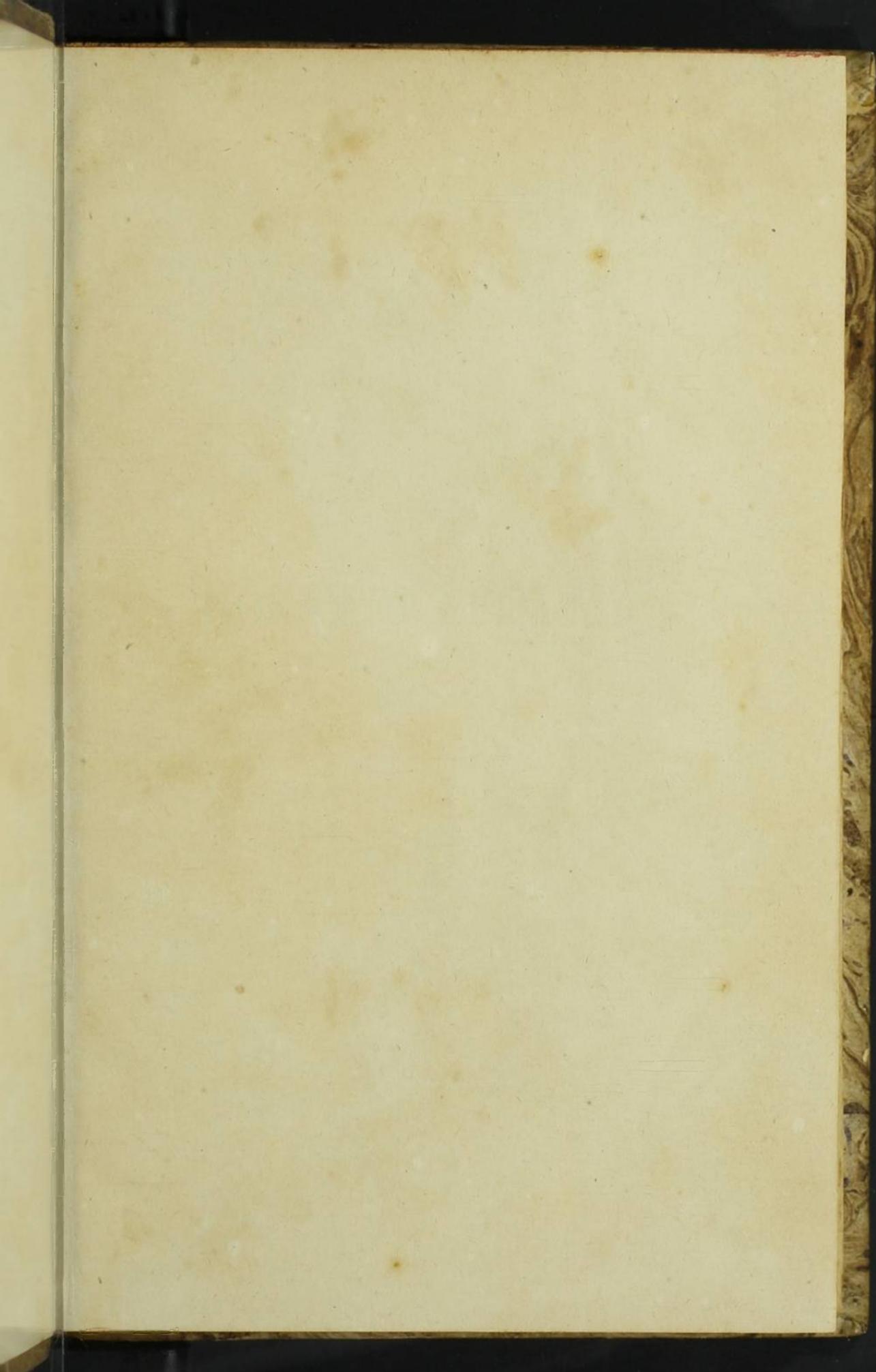
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

300,00.

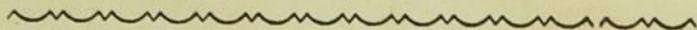
100
100
100



LIBRARIUM

ALFREDO DE CARVALHO

(Da Academia Pernambucana)



HORAS
DE
LEITURA



RECIFE

M. NOGUEIRA DE SOUSA, *Editor*

LIVRARIA ECONOMICA

R. Barão da Victoria, 17

—
1907

TYPOGRAPHIA DO «JORNAL DO RECIFE»

Rua 15 de Novembro n. 47

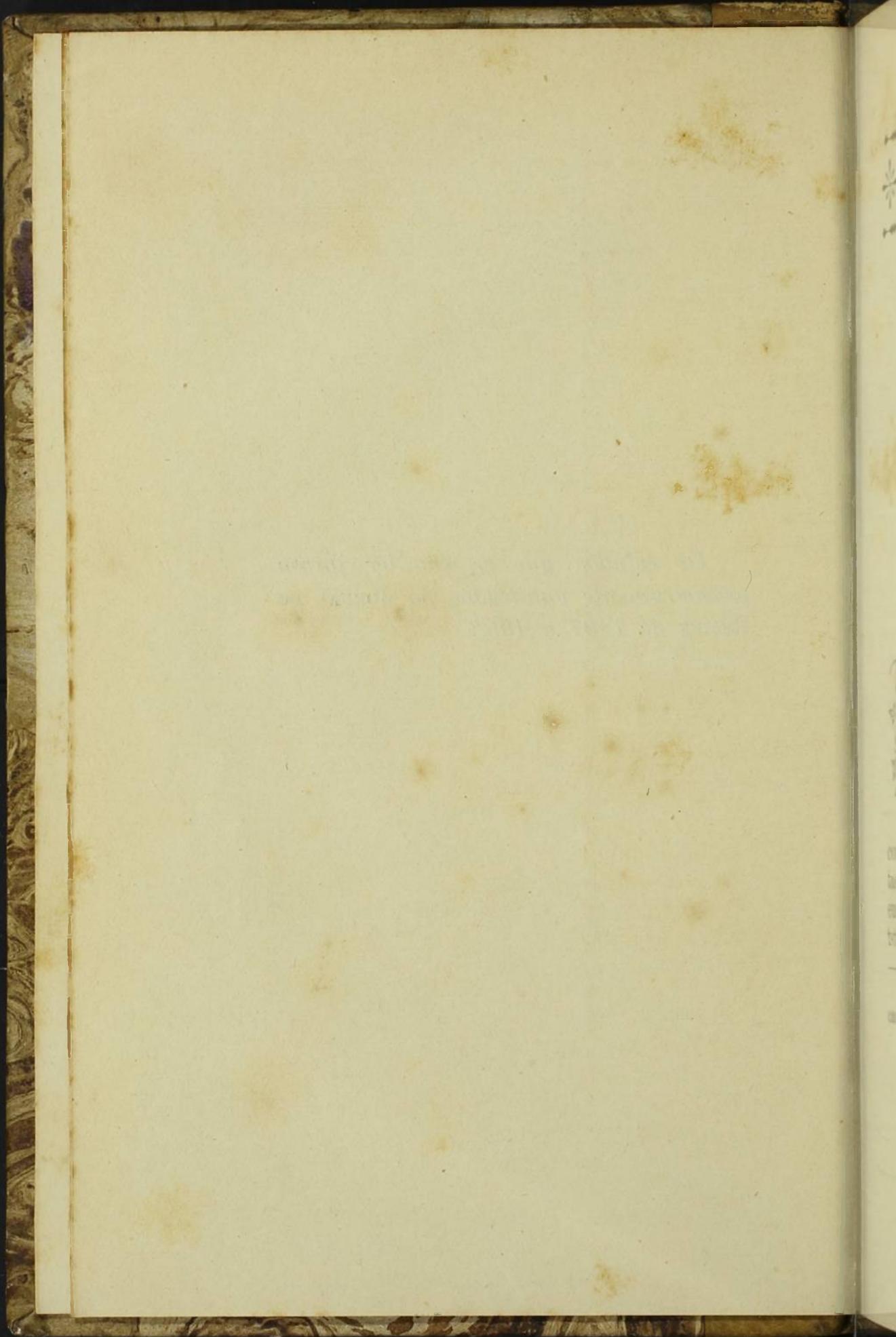
AO BOM AMIGO

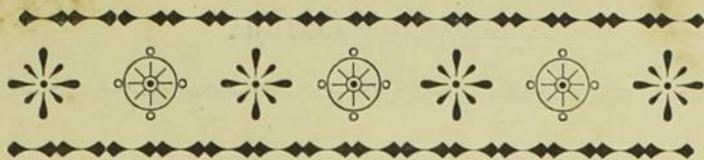
Eduardo de Moraes Gomes Ferreira

ANNO 1811

Edwards de la Torre

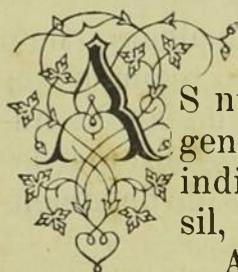
*Os estudos que se vão lêr foram
primeiramente publicados no JORNAL DO
RECIFE de 1897 a 1906.*





I

UM LIVRO INFAME



S numerosas narrativas de viagens publicadas na Europa, por individuos que visitaram o Brasil, pertencem a duas classes.

A primeira e mais numerosa comprehende trabalhos de valor, obras feitas com verdade e consciencia, que constituem contribuições inestimaveis para o estudo da nossa terra e dos seus habitantes.

Ubaldo A. Moriconi. — Nel Paese de «Maccchi». — *Torino*, 1897, in-8°, 517 pp.

Foram seus autores cientistas notáveis, como os geólogos Eschwege e Hartt, os botânicos Martius e Saint-Hilaire, os zoólogos Spix, Burmeister e Agassiz, o philologo von den Steinen, ou simples negociantes, como Koster e Luccock, ou diplomatas, como Tschudi e Burton, mas todos homens de hũa fé, escrupulosos e sinceros, que observaram sem opiniões preconcebidas e escreveram sem rancores pessoaes.

Em dilatadas excursões pelo nosso vasto paiz ou prolongadas residencias, em alguns pontos delle, quizéram ver e procuraram comprehender como aqui os homens se agrupam e vivem, como trabalham, como se divertem, emfim estudar o regimen e os instinctos de uma determinada familia humana, e fizeram farta mèsse de observações comprehensivas e minuciosas, de documentos precisos e concretos.

A outra classe, felizmente menos copiosa, abrange poucas dezenas de brochuras, geralmente escriptas ao correr da penna por *touristes* apressados que, depois de perambularem durante algumas semanas, ou mesmo dias, pelas nossas cidades maritimas, ignorantes da nossa lingua, in-

capazes de se familiarizarem com os nossos costumes, entregam ao publico as suas «impressões de viagens», rotuladas de pomposos titulos.

Trae-se-lhes a superficialidade no excessivo pendor á generalização dos conceitos, e são sempre ridiculos, grotescos e ás vezes torpes os episodios imaginados pelos seus autores para caracterizar a nossa indole e os nossos habitos.

Não passam, na maioria, de productos da vaidade de ignorantes pretenciosos, dominados do desejo dese mostrarem viajados.

Entretanto, não é raro servirem de vehiculo ás calumnias e ás falsidades com que aventureiros despeitados tentam denegrir o Brasil.

Têm sempre a mesma origem estes ignobeis libellos.

Inventores visionarios, planejadores de empresas inexequiveis ou de arranjos illicitos, charlatães ou meros cavalheiros de industria, depois de haverem arrastado o fracasso das suas ambições por todas as latitudes do planeta, surgem um dia em a nossa terra, esperançados, mais uma vez, de realizarem os seus sonhos de fortuna.

Mas, novas decepções não tardam a lhes mostrar que não é ainda aqui a região propícia á fructificação dos seus projectos. Então, longe de attribuirem o seu mallogro á propria incapacidade, fazem-no derivar de mil defeitos e vicios que pretendem descobrir na nossa civilização e procuram vingar-se das suppostas causas das suas desventuras, cobrindo de lama um povo inteiro.

Depois de cautelosos se esquivarem a um justo desforço por parte dos offendidos — recolhendo-se para além do oceano — lançam á publicidade, sob o disfarce de narrações de viagem, os seus repertorios de insultos.

São deste numero os vis escriptos de Seidler, Biard, Expilly, d'Assier, Carrey, e as paginas tristemente celebres do maniac cirurgião Fort.

Porém, jamais se viu esta tendencia a diffamar o Brasil, tão systematizada, tão friamente calculada, como no livro infame que, para descredito de sua patria, acaba de dar á luz um italiano.

Valendo-se da sedição alcunha com que fomos mimoseados pelos nossos vizinhos do Prata, deu-lhe o titulo de

No Paiz dos Macacos, porque, explica ironicamente, «a extraordinaria abundancia de simios na fauna brasileira justifica assaz esta denominação.»

Começando por nos atirar ao ridiculo, o Sr. Moriconi passa a apresentar aos seus leitores o povo brasileiro como a mais abjecta parcella da humanidade.

Através de quatorze estirados capitulos, outros tantos aspectos da vida nacional são indignamente desfigurados pela penna rancorosa desse compatriota de Pasquino.

La donna brasiliana é uma flor sem aroma; a magistratura é, sem excepção, venal; a imprensa vive exclusivamente de *chantages*; o exercito é um bando indisciplinado de salteadores — taes são alguns dos assertos em que mais insiste, procurando documenta-los com *qualche aneddoto piccanti* verdadeiramente pornographicas.

Até fatalidades pathologicas, como a febre amarella, são astuciosamente exploradas e servem de armas ao nosso detraCTOR: aqui tudo é infecto, até o ar.

Depois segue-se a apothéose do immigrante italiano, exemplo de todas as vir-

tudes, vindo abnegadamente sacrificar-se pelo progresso material e pela reabilitação moral de um povo corrupto e ingrato.

E do parallelo que então estabelece entre as duas nacionalidades tira, com revoltante impudencia, partido para de novo aviltar o Brasil. Enumera miudamente as pretensas superioridades dos seus patricios, contrapondo-lhes os defeitos, as fraquezas e os vicios que phantasia em os nossos conterraneos.

O nativismo, assegura, nasceu da mesquinha inveja que o brasileiro, rachitico, debil, indolente, estúpido, destituido de todo senso moral, vota ao italiano, forte, activo, intelligente, honesto, que facilmente o suplanta na luta pela existencia, como se nós fossemos *negritos* australianos e elles pertencessem á raça excelsa destes modernos romanos que são os anglo-saxões.

Tal é o criterio dominante neste volumoso pamphleto; analysal-o por miudo é tarefa que nos repugna. Os vis doestos que pullulam nas suas paginas, repassadas de odio impotente, são demasiado despre-

ziveis para merecerem contestação, e a nossa reputação de povo culto está ao abrigo das acommettidas de um louco moral. Livros como *Nel Paese de «Macacchi»* só aviltam, só deshonram a quem os escreve.

1897.



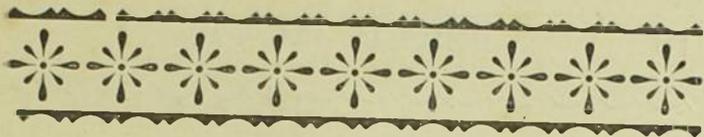
200

THE HISTORY OF THE

ROYAL SOCIETY OF LONDON

AND OF THE
ACADEMY OF SCIENCES
AND ARTS OF BERLIN
AND OF THE
ACADEMY OF SCIENCES
AND ARTS OF PARIS

1703



II

A ARTE COLONIAL

 ARTE, como florescencia brilhante da cultura nacional, ainda não existiu entre nós, e ao falar de arte no Brasil convem advertir que se dá ao vocabulo a sua mais ampla significação, fazendo-o abranger todo o dominio da actividade humana em que o brasileiro tem podido revelar preoccupações estheticas.

Compreende-se que em campo tão vasto seja possivel ao historiador especial co-

A. da Cunha Barbosa. — Estudos Historicos. — Rio de Janeiro, 1899, in-8º, 89 pp.

lher avultada somma de attestados, mais ou menos significativos, da capacidade artistica do nosso povo; foi o que fizeram Eduardo Prado, o Barão do Rio Branco, Gonzaga Duque Estrada e ultimamente o Dr. Cunha Barbosa, em um interessante volume intitulado — *Aspecto da Arte Brasileira Colonial*, com o qual inaugurou prometteadora série de *Estudos Historicos*.

Colligindo com a curiosidade do erudito e o faro do antiquario um sem numero de noticias sobre todas as manifestações artisticas que se têm produzido em a nossa patria, desde os tempos do Descobrimento aos da Independencia, analysando-as quasi sempre com criterio, comparando-as e completando-as com profusão de observações pessoais, o Autor conduz-nos em amena digressão da arte balbuciante dos indigenas aos quadros de Leandro Joaquim, ás estatuêtas de Valentim da Fonseca e ás missas do P.^e José Mauricio.

Através do seu estylo, talvez por demais imaginoso e florido, assistimos ao perpassar fugaz de uma multidão de cousas preciosas e raras — velhos moveis sumptuosos e diademas de pennas iriadas, sombrios paineis

de santos e rendilhadas alfaias de marfim; ouvimos em rapida successão o rouco troar de inubias guerreiras, os sons monotonos de selvagens melopéas e a sublime melodia do *Ingemisco*, e todas estas variadas impressões vão, pouco e pouco, aggregando-se, juxtapondo-se em o nosso espirito para, finda a leitura, produzir a evocação nitida de tres seculos de vida brasileira.

O methodo adoptado pelo Autor de fragmentar o assumpto do seu livro pelos diversos centros onde, na éra colonial, mais intensa e fecunda se manifestou no Brasil a actividade cultural, permite-nos destacar o capítulo II, inteiramente consagrado a Pernambuco, para objecto de ligeiras considerações.

No rude periodo da conquista, quando as energias dos povoadores se consumiam todas nas lutas incessantes contra os incolas ferocissimos e no desbravamento da terra virgem, mesmo na prospera capitania de Duarte Coelho existia apenas a arte ingenua dos primitivos habitantes do paiz. Na edição *princeps* do curioso livro de Hans Stade, o soldado aventureiro, occorre uma gravura tosca, representando a nas-

cente Olinda (*Marim*) defendida por fósos e palissadas, circumdando a legendaria torre quadrada—é evidente que naquelle burgo fortificado, entre homens d'armas e batalhadores audazes, as bellas-artes difficilmente encontrariam cultores.

Ao expirar do seculo XVI, após as jornadas de exterminio comprehendidas por Jorge de Albuquerque contra os Cahetés, sob o influxo civilizador dos Jesuitas e graças á opulencia dos colonos, a sociabilidade e o luxo tornaram-se consideraveis. Em Pernambuco, diz Oliveira Lima, os traficantes de negros e senhores de engenhos, plebeus e nobres endinheirados, ostentavam riqueza nos vestuarios de bellos tecidos de sêda simples, adamascada ou avelludada; nos cavallos de preço ricamente ajaezados, palanquins e liteiras. Não desprezavam o adorno das habitações, pois que o P.^e Cardim relata que nas fazendas pernambucanas, maiores e mais ricas que as da Bahia, o agasalhavam e aos seus companheiros, não em rêdes indigenas, mas em leitos de damasco carmezim franjado de ouro e ricas colchas da India.

Era, sobretudo, na ornamentação dos templos, generosamente dotados, que mais exuberante se revelava a abundância e o gosto dos moradores; Baers, descrevendo em 1630 as igrejas olindenses, admirava os seus altares profusamente dourados, mas notava com surpresa a ausência de «quadros preciosos e outros.»

Esta observação confirma o facto de terem sido os seus compatriotas os introductores da pintura no Brasil. Realmente, se os holandeses, que nunca foram architectos, nada de duravel — além das fortalezas — edificaram no solo conquistado, ao pincel dos seus artistas devemos as primeiras representações veridicas das nossas paizagens e a fiel caracterização dos nossos aborigenes e da nossa lavoura e flora, circumstancia que, a nosso ver, impunha ao Dr. Cunha Barbosa mais largo desenvolvimento do trecho respectivo do seu livro.

Na comitiva, «mais espiritual que bellicosa», que acompanhou Mauricio de Nassau á nova possessão neerlandeza, vieram diversos pintores, dentre os quaes Frans Post, de Harlem, e A. van der Eckout

se distinguiram, patenteando, pela primeira vez, a Europa o genuino aspecto da natureza americana, traduzida com tão feliz expressão que do proprio Humboldt mereceu phrases entusiasticas.

Infelizmente, grande numero de suas producções, hoje de preço inestimavel, parece perdido. (1)

Regressando a Hollanda, Mauricio levou um verdadeiro thesouro de *raridades* do Brasil, entre objectos de arte e pinturas, com que adornou o seu esplendido palacio de Haya. Em 1652, porem, vendeu parte consideravel a Frederico Guilherme, Eleitor de Brandeburgo, pela quantia de 50.000 taleres.

Do seu inventario, communicado por Driesen, na *Vida do Principe de Nassau-Siegen*, verifica-se que algumas ainda são conservadas na Bibliotheca Real de Berlim; taes são os dois albuns de desenhos e as numerosas pinturas a oleo sobre papel grosso, mencionadas sob os n.^{os} 14 e

(1) Pesquisas posteriores nos habilitaram a reunir os materiaes para um estudo completo sobre *Os Quadros Brasileiros de Frans Post*.

15, que foram intelligentemente organizadas, de 1661 a 1664, pelo medico Christiano Menzel e formam actualmente quatro grandes volumes in-folio, com o titulo de *Theatrum rerum naturalium Brasiliae*.

Collecção preciosissima de 1460 estampas, representando indios, quadrupedes, passaros, reptis, peixes, arvores, plantas, fructos e flores do Brasil, a sua importancia, não só artistica como scientifica, é tal que Lichtenstein, o traductor allemão de Markgraf, não vacillou em affirmar que se Linneu a houvésse conhecido o seu systema teria ganho muito em exactidão e utilidade; sobram, pois, motivos para lamentarmos não se tenha realizado o projecto de publica-la, aventado, em 1850, pela Real Academia de Sciencias de Berlin.

Quanto aos dezeseis quadros a oleo, de que o inventario faz menção sob o n. 16, apenas de dois havemos noticia precisa.

São duas telas figurando tapuios, que se acham no Museu de Frederiksborg, em Copenhague, em cuja secção ethnographica tivemos occasião de aprecia-los em 1886; no catalogo do museu são attribuidos a

A. van der Eekout, o que Driesen contesta, confundindo evidentemente o seu autor com Gerbrandt van der Eekout, irmão daquelle e famoso discipulo de Rembrandt.

Tambem nas pinacothecas de Hamburgo, de Amsterdam e de Praga, nos consta existirem outros destes quadros, se acaso não forem dos vendidos por Nassau, em 1679, a Luiz XIV, cujo paradeiro é ignorado.

Valendo-se principalmente da memoria do nosso indefesso polygrapho Pereira da Costa, sobre as *Bellas-Artes em Pernambuco*, o Dr. Cunha Barbosa ministra curiosos dados sobre a musica, as artes de ornato e de decoração, a pintura, a talha, os dourados e a alta marcenaria, cultivadas e executadas nas egrejas do Recife e de Olinda, nos tempos coloniaes.

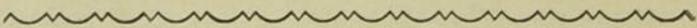
O espaço forçosamente limitado desta noticia não nos permite, como bem quizeramos, insistir sobre cada um destes pontos, salientando o merecimento artistico de tantas obras estimaveis e até expressar as divergencias de opinião que nos separam do laborioso escriptor no modo de apreciar muitas dellas.

Entretanto, não nos podemos esquivar a uma breve observação.

O Dr. Cunha Barbosa parece-nos ter a admiração demasiado facil e pecca pelo exagero dos encomios: por isso não partilhámos do seu enthusiasmo, em face dos quadros da egreja de N.^a S.^a dos Prazeres, ao ponto de acha-los bellissimos.

Como os retabulos da matriz de Igua-rassú e da Intendencia de Olinda, e o fôrro da egreja da Conceição dos Militares, aquelles velhos paineis testemunham de certo do engenhoso esforço de um genio inculto; mas, não podem aspirar á classificação de obras d'arte.

Executados, em 1802, por um mero curioso, ignorante das mais rudimentares principios do desenho e sem noção de colorido, são plausivelmente copias de outros quadros mais antigos, e têm por assumpto as duas gloriosas batalhas feridas nos montes Guararapes; em uma superficie quasi negra, de cerca de quatro metros quadrados, vêem-se centenares de soldadinhos mettidos em anachronicas fardas vermelhas e agglomerados em grupos symetricos, sem cuidados de perspectiva nem gradações de



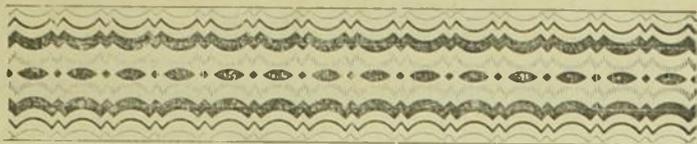
luz; a impressão recebida pelo espectador é a de um baixo-relevo confuso, com os personagens grotescamente arrumados uns por cima dos outros e como que paralyzados por subito estupôr.

Não ha movimento, não ha vida, naquellas sombrias telas, inspiradas, sem duvida, pelas descripções baralhadas e gongoricas do *Castrioto Lusitano*.

Relembrando feitos imarcesciveis de heroicos antepassados, podem despertar um sentimento de veneração patriotica; prazer artistico é o que a sua contemplação jamais produzirá.

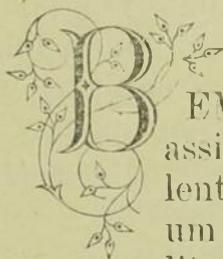
1899.





III

UM ROMANCE TAPUIO



EM como outr'ora a epopéa, assim o seu moderno equivalente — o romance — constitue um dos mais difíceis generos literarios.

A verosimilhança do enredo, a symetria artistica na disposição das scenas e dos episodios, a limpidez da linguagem, a fulgurancia do estylo, a naturalidade das conversações, mesmo quando reunidas

R. N. Pennafort. — Mandú. (O Eremicola). Romance indo-brazileno, neontologico e nativista. — Ceará, 1901, in-8º, XXV, 289 pp.

numa obra de ficção romantica, não satisfazem mais ás exigencias da inexoravel critica contemporanea, nem logram assegurar-lhe logar conspicuo em meio das numerosas produções congeneres que annualmente saem á luz da publicidade.

Para que uma creação desta natureza possa aspirar á superioridade e distincção se requerem ainda, no artista, singulares, privilegiadas e excepcionaes qualidades pessoases.

Como classificar, pois, um livro com altas pretensões a romance, no qual falcerem simultaneamente os requisitos e as qualidades que acabámos de apontar?

Que é apenas uma unidade a mais na bibliographia dum paiz, nunca, porém, um elemento novo a opulentar a sua literatura.

Mau grado as sympathias que nos desperta todo labor sincero a serviço de nobres estimulos, somos forçados a qualificar como tal o recente ensaio belletristico do sr. Conego Pennafort.

O seu *Mandú* poderia ser—aquilatado com a mais affectuosa tolerancia—inventariado no ról destas «novellas moraes» com que, nas escolas primarias, os mestres

costumam premiar os alumnos mais aproveitados, se para semelhante escolha não n'ò incapacitasse a linguagem hybrida e viciosa e as estiradas digressões scientificas, eriçadas duma rebarbativa technologia.

Num longo prefacio — intitulado preciosamente de *Preludio* e de *Antiloquio* — o Autor combate o conceito de Pinheiro Chagas, de não possuir o Brasil uma literatura nacional e declara vaidoso encontrarem-se provas sobejas da sua existencia no *nativismo* fecundo d'*O Uruguay*, de Basilio da Gama; no *Colombo*, de Araujo Porto Alegre; n'*O Caramurú* de Santa Rita Durão; no *tupanismo* (?), de Gonçaves Dias; no *indianismo*, de José de Alencar; no *lyrismo social*, de Castro Alves; nas obras sertanejas, de Guimarães e de Taunay; no *tupinismo* (?), de Mendes de Almeida e Couto de Magalhães; no *brasileirismo*, de Araripe Junior e Mello Moraes; no *naturalismo natirista*, de Coelho Netto, Aluizio e Rodolpho Theophilo, e agora no seu *brasilenismo*.

Como se vê, não penetraram mais soberbos e arrogantes na liça contra os clas-

sicos os paladinos que venceram «a batalha do *Hernani*».

Mas, para que lembrar Hugo e as fragorosas lutas do romantismo, quando a realidade presente nos aconselha á puridade: *Paulo minora canamus?*

De facto, o primeiro fructo do *brasilismo* não podia ser mais peço e mesquinho.

Carece de imaginação na fabula, de interesse dramatico nos episodios, de destaque caracteristico na figura principal, de encadeiamento logico na narrativa e de vigor descriptivo nas paizagens; afeiam-n'o, além disto, o estylo excessivamente guindado e inçado de solecismes, e a linguagem heteroclitica, mixto extravagante de portuguez e de tupi.

E' a historia monotona e inverosimil dum caboclinho, de treze annos, que, naufragando numa ilha deserta, se transforma em anachoreta. Salvo do furôr das vagas, o joven Robinson, á semilhança dos ousados e devotos descobridores do seculo XVI, cuida, em primeiro logar, em dar nome á terra e erigir uma cruz; logo apés, *Mandá*, na taba natal, «vaidoso,

zangado, travesso e muito teimoso, ralhando, asperamente e dirigindo palavras duras e pesadas aos seus irmãos menores, e reunindo ainda a um character ardente e imperioso o defeito de comer sobreposse», se faz um modelo de todas as virtudes; alimenta-se sobriamente deervas e de insectos como um cenobita da Thebaida — elle, o glutão precoce—, lamenta choroso as traquinadas passadas e leva horas inteiras em fervorosas preces a Deus, a quem outr'ora «pouco se lembrava de dar graças pelos beneficios que delle recebia quotidianamente».

Passados tres annos nesta santa vida— digna de S. Hilario ou de S. Hilarião— o solitario rapaz é restituído ás caricias do lar paterno e á fartura das comezanas; mas o milagre persiste e *Mandú* abraça a carreira religiosa, entra para a Sociedade de Jesus e vae ser missionario.

O bom senso e a evidencia de dezenas de factos averiguados de indigenas que, depois de longa permanencia entre gente civilizada, voltando á solidão das mattas, regressaram fatalmente á primitiva selvageria—protestam bem alto contra a estu-

penda transformação psychica operada no extraordinario caboclinho do Sr. Conego Pennafort: das verdades positivas assentadas pela anthropologia só é permittido zombar em assumptos pertinentes ao dominio do phantastico e do maravilhoso, jamais, porém, em representações calcadas sobre a realidade.

Entretanto, estas profundas e rasgadas eivas, que lezam a contextura interna do primogenito da escola *brasilenista*, passariam, talvez, sem reparo, não n'ò desfigurassem mais graves defeitos e falhas exteriores.

Infelizmente, estas pullulam em cada pagina, sob o aspecto de innovações exóticas, de anachronismos imperdoaveis e de impropriedades de expressão.

O Sr. Conego Pennafort data o seu romance duma localidade desconhecida, *Arabutan*—e assegura ser este o «nome generico com que os Indios brasilenos denominavam o vasto territorio do Brasil».

Similhante affirmativa é, porém, duplamente falsa.

Nenhuma lingua barbara possui palavras para exprimir generalizações, e isto

prova, diz Tylor, não terem os povos que as falam idéas geraes. Elles têm percepções que figuram idealmente sem a presença dos objectos productores, isto é: abstraem e logram denominar as suas abstracções; mas, não conseguem reunir numa só idéa as abstracções denominadas, quer dizer: são incapazes de generalizar.

Ora, aqui na America o exemplo se nos impõe: mesmo entre os povos de civilização mais adiantada, as designações geographicas ou tinham o character puramente local de toponymos, ou se identificavam com a concepção do mundo todo. No tempo da conquista do Mexico o nome de *Anahuac* era restricto ao valle em que se erguia, dentre as aguas, a orgulhosa capital de Montezuma, e não havia expressão geral para appellidar o conjunto dos seus dominios.

Quando os companheiros de Pizarro, ao invadir o dilatado imperio dos Incas, indagaram dos prisioneiros qual o nome daquelle paiz, obtiveram como resposta: *Tavantinsuyú*, ou conforme ao sabor da epocha traduziu Garcilasso, — *las quatro partidas del mundo* — demonstração flagrante de que

para os antigos peruanos o solo patrio constituia a totalidade do orbe.

Como admittir, pois, que os nossos aborigenes, divididos em centenas de tribus hostis, falando um sem numero de dialectos, estacionadas em gráo infimo de cultura, houvessem possuido o singular privilegio de abranger sob uma denominação generica precisa a amplitude territorial, de mais de oito milhões de kilometros quadrados, que constitue o Brasil?

Além disto — *Arabutan* — nunca foi palavra indigena: é apenas a graphia portugueza de *Araboutan*, em que Lery, Thevet e outros escriptores francezes do seculo XVI, transformaram o vocabulario *ibirapitan* — pau vermelho ou pau brasil — ouvido dos Tamoyos do Rio de Janeiro.

Com muito mais plausibilidade o Dr. Couto de Magalhães, já no declinio do seu celso espirito, suggeriu a denominação de *Pindorama* — região das palmeiras — que seria acceitavel não lhe faltasse a condição essencial de haver sida empregada pelos indigenas.

Deste genero de novidades o *Mandú* é fertilissimo; mas, registremos maior dilate d'outro jaez.

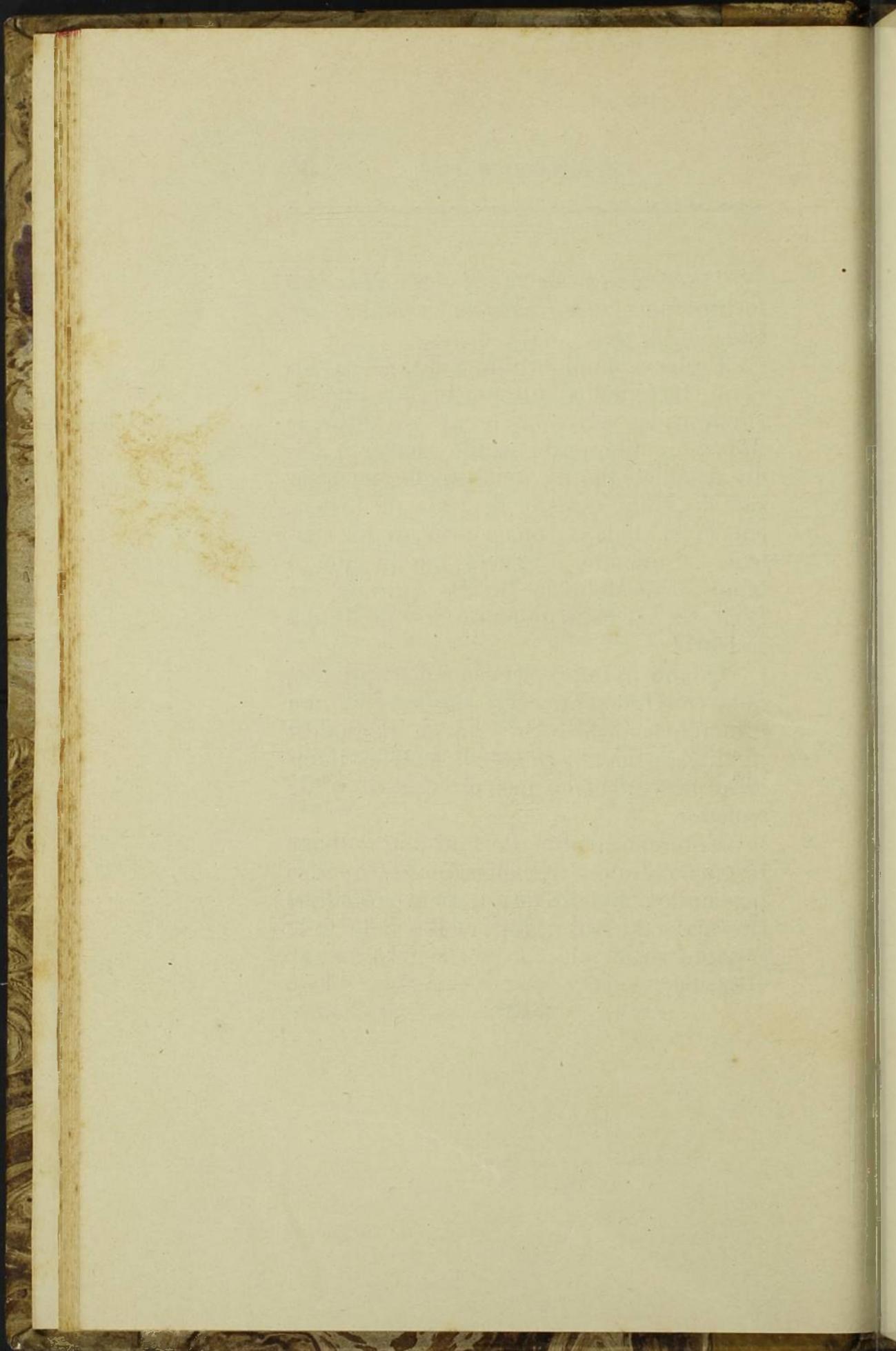
Preleccionando eruditamente sobre vulcões e terremotos, ante um bronco auditorio de rudes selvicolas, o cura da aldeia de *Mandú*, conta muito sizudo «haver o Padre Anchieta lhe dito uma vez que, por acca-sião do grande tremôr de terra de Lisbôa, em 1755, toda a zona vulcanica foi abalada...» quando ninguem ignora que o famoso «apostolo do Brasil» falleceu, em Rirityba, no Espirito-Santo, a 9 de Junho de 1597!

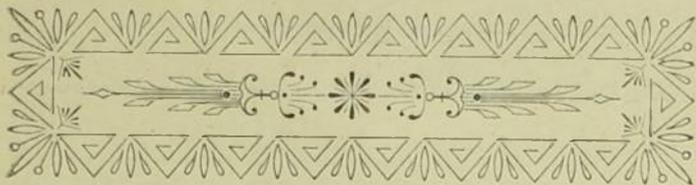
Quanto ás impropriedades de expressão, notaremos sómente esta: descrevendo um diluculo tropical o Sr. Conego Pennafort qualifica-o de *aurora boreal*, meteóro luminoso desconhecido nas proximidades do equador.

E' tempo, porém, de terminar a longa resenção deste originalissimo *romance*, e fazemo-lo convictos de que, para os creditos literarios do Autor, fôra melhor não te-lo escripto.

1901.

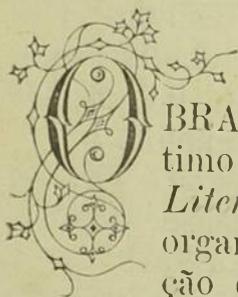






IV

A LITERATURA TEUTO-BRASILEIRA



BRA de consulta de grande prestígio é o *Repertório Crítico da Literatura Teuto-Brasileira*, organizado, com invejável erudição e methodo, pelo Sr. Oscar Canstatt, um estrangeiro credor da nossa maxima gratidão pelos relevantísimos serviços que em prol duma noção verdadeira do nosso paiz e das nossas cousas tem prestado, numa propaganda intelligente e efficaç, por mais de quarenta annos.

Oscar Canstatt.— Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur.—*Berlin, 1902*, 8º, 124 pp.

Um dos seus primeiros livros — *Brasilien. Land und Leute* — (Berlin, 1877), vulgarizou na Allemanha, como nenhuma publicação anterior, as condições reaes do nosso desenvolvimento cultural e contribuiu poderosamente para desfazer a acreditada lenda, que o poeta Eichrodt, ainda em 1848, decantava nestes versos duma deliciosa ironia:

Nach Brasilien nach Brasilien,
Reissen jetzt mich die Gefuehligen,
Wo der Kaefer leuchtend huepft,
Wo sich baeumt der Krokodile,
Wo verwegen der Mandrile
Durch die seltnen Pflanzen schuepft,
Dahin, Alter, lass mich ziehn!

No presente volume o seu proposito— que logrou realizar brilhantemente—foi ministrar ao explorador, ao viajante, ao politico e ao emigrante allemães, interessados em assumptos brasileiros, um epitome substancioso e fidedigno do que de melhor se tem publicado a respeito na lingua de Goethe e de Schiller, e, ao contrario das aridas nomenclaturas que se nos deparam

geralmente em obras similares, fez um excellente trabalho analytico, abundantissimo em curiosas informações bio-bibliographicas ineditas, judiciosas apreciações criticas e noticias interessantissimas sobre escriptores e livros.

Attenta á prodigiosa quantidade de especies existentes não deve sorprendender tenha por vezes incorrido em omissões e enganoso, que peço venia para ir apontando, mercê dos fartos elementos que tenho colligido para o preparo de publicação similhante.

O capitulo inicial, abrangendo todo o vasto periodo triseccular de 1500 a 1800, é talvez o mais deficiente do livro, sem duvida em consequencia de não ter o Autor consultado principalmente a *Bibliotheca Americana Vetustissima* de Harisse e a *Bibliothèque Américaine* de Troemel, dois monumentos bibliographicos de permanente valia. Naquelle teria verificado que a primeira publicação allemã sobre o Brasil não foi, segundo affirma, a *Copia der Neuwen Zeytung auss Presilly Landt*, presumivelmente de 1520, existente na Bibliotheca de Dresda e descripta por

A. von Humboldt em 1836; mas, sim, a traducção da celebre carta de Americo Vespuccio, apparecida, com o titulo de—*Vonder new gefunden Region*—, em Nuremberg já em 1505, e da qual no nesmo anno surgiram mais seis edições em differentes cidades da Allemanha; da *Copia* citada ha ainda outra impressão de Augsburg em 1520.

No catalogo de Troemel o Sr. Constatt teria encontrado noticia das seguintes obras antigas que deixou de mencionar: a traducção, feita pelo medico Jobst Ruchamer da curiosa collecção de viagens compilada pelo veneziano Alessandro Zorzi, e editada, em Nuremberg, por Georg Stueck em 1508, com o titulo de—*Neue umbekante landt*—na qual vem a narração das viagens de Cabral e Pinzon; a traducção de Michael Harr da collecção de Symon Grinæes, impressa em Strassburgo, por Georg Ulrich von Andrer em 1533; as afamadas collecções de Sigismond Feyerabend, publicados em Frankfurt sobre o Meno, em 1567; e de Conrad Loew, *Getruckt zu Coelln, auff der Burgmauren, Bey Bertram Buchholtz, Im Jahr 1598*; a *Neue Welt Vnd Ame-*

ricanische Historien de Johann Ludwig Gottfried^t, apparecida, em 1631, em Frankfurt sobre o Meno; a apreciada traducção da obra de Arnold Montanns, dada á luz por O. Dapper, em Amsterdam, com o titulo de — *Die Unbekante Neue Welt* —, em 1673, e o desvalioso — *Thesaurus Exoticorum* — de E. G. Happel, impresso em Franckfurt sobre o Meno no anno de 1688.

Occupando-se da — *Brasilianische — und West Indianische Reiss Beschreibung*, de Ambrosio Richshoffier, o Autor presume seja [differente do — *Diario dum soldado da Companhia das Indias Occidentaes* — por mim traduzido para o portuguez, em 1896; agradecendo ao Sr. Canstatt a honrosa referencia ao meu modesto trabalho, devo ponderar que a distincção estabelecida é improcedente, porquanto se trata de um e mesmo livro; na traducção julguei dever alterar o titulo de accordo com a indole do original impresso em Strasburgo, por Josias Staedeln, em 1677: a indicação do formato — *in-quarto grande* — dada pelo Autor discorda da cuidadosa descripção de Troemel (in-8º) que corresponde ao exemplar em meu

poder, o qual—um tanto curto de margens—tem apenas 0^m,10×0^m,16 de dimensões.

Esta confusão talvez seja explicavel, considerando-se que Bernardes Branco, na estimada bibliographia — *Portugal e os Estrangeiros*—(Vol. II, pag. 428) cita uma outra descripção de viagem muito semelhante a julgar pelo titulo — *Brasilische Reise von einem Teutschem soldaten in America, wie es ihm allda ergangen, auch Leibe und Lebens-Gefahr allda ausstehen muessen. Nahmens Lorentz Simon aus Sachsen. Ghedruckt in Jahr 1677, (in-4° gr.)*—; a noticia do escriptor portuguez é extrahida dum catalogo do livreiro parisiense Chassonery, que considera a obra rarissima, razão pela qual ainda não me foi possivel averiguar se é realmente um trabalho original ou apenas uma contrafacção do de Richshoffer. (1).

A este genero de narrativas pertence ainda—e não foi mencionada pelo Sr. Can-

(1) São duas obras inteiramente distinctas. Vide o estudo—A «*Viagem Brasilica*» de Lorenz Simon, na *Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pern.*, N. 63, pp. 641-644.

statt a — *Guinesische und West-Indi-
nische Reisebeschreibung 1639-45 von
Ambsterdam nach St. Joris de Mina und
nach Brasilien in Amerika* (Nuremberg,
1663), de Michael Hemmersan, reimpressa
por Christoph Ludwig Diether, no *Gui-
neischer und Americanischer Blumen-
Pusch* (Nuernburg, 1669) de Erasmus
Francisci, e traduzida para o sueco por
Joh. Kankel (Wysingsborg, 1674); á vista
das numerosas edições que teve o curioso
livrinho *De kleyne wonderlijcke Werelt*
(Amsterdam, 1649) cujo autor, Jos. Joosten
Tolck, residio no Brasil durante os sete
annos do governo de Mauricio de Nassau,
parece-me assaz provavel tambem exista
traduzido para o allemão.

Antes de passar adiante devo assigna-
lar que Varnhagen assegura existir uma
segunda edição, de 1684, da traducção
allemã da obra de Barlaeus, impressa pri-
meiramente em Cléve, por Tobias Silber-
ling, em 1659 (e não 1652) com o titulo
de *Brasilianische Geschichte bey Achtjæ-
hriger in selbigen Landen gefuehrter Re-
gierung Seiner Fuersthlichen Gnaden
Herrn Johann Moritz, Fuerstens zu*

Nassau, facto de que se não encontra menção alhures.

Entre os poucos livros allemães relativos ao Brasil e publicados no decurso do seculo XVIII, foram esquecidos no *Kritisches Repertorium* as *Reise Beschreibungen* de Stoclein (Augsburgo, 1726); *Americus Vespucci... Leben und nachgelassene Briefe*, traduzido do italiano de Angelus Maria Bandini (Hamburgo, 1748); a *Reise nach der Sued-See, und denen Cuesten von Chili, Peru und Brasilien* de Ern. Frezier, (Hamburgo, 1749); as *Briefe ueber Portugal nebst einem Anhang ueber Brasilien*, de Matthias Christ. Sprengel (Leipzig, 1782); as *Reisen einiger Missionaren der Gesellschaft Jesu in Amerika*, compiladas por Christoph Gottlieb von Murr (Nuremberg, 1785) em que appareceram pela primeira vez os commentarios do Padre Anselmo Eckart sobre a *Beschreibung des portugiesischen Amerika* de Pedro Cadena (e não Cudena) editada por Lessing, em Braunschweig, em 1780, e finalmente *Des Herrn Johann von Lery Reise in Brasilien* (Munster, 1749).

No capítulo segundo, consagrado ao período decorrido de 1800 á retirada de D. João VI, a mais minuciosa rebusca ou a critica mais exigente não encontram senão motivos para calorosos applausos; ahi o utilissimo trabalho do Sr. Canstatt começa a tornar-se verdadeiramente exhaustivo e completo, presidindo aos seus juizos um critério do melhor quilate.

Foi aquella epocha especialmente assignalada pelas grandes expedições scientificas do Principe de Wied-Neuwied, de Spix e Martius, de Pohl, Langsdorff e outros, cujos resultados literarios o benemerito Autor do *Kritisches Repertorium* cifra em breves paginas duma leitura sobremaneira captivante; resumindo com clareza e precisão o itinerario das viagens, ministra dados valiosos sobre a vida dos respectivos autores e discute com inteira competencia o merito das suas obras. Na sua opinião — aliás geralmente partilhada por quantos têm cogitado da materia — von Martius é o cientista estrangeiro a quem o Brasil deve os mais importantes e valiosos serviços; a sua monumental *Flora Brasiliensis* bastaria por si só

para impôr o seu nome á gratidão nacional.

Folguei muito em encontrar tambem contempladas ali as pittorescas viagens do circumspecto e veridico H. Koster a Pernambuco de que o publico allemão teve conhecimento pela elegantissima versão apparecida na *Neuen Bibliothek der wichtigsten Reisebeschreibungen* do Dr. J. Bertuch (Weimar, 1817).

A phase immediata — em que reuno os annos decorridos da Independencia á Maioridade (Caps. III e IV) — ao par de publicações de subido valor scientifico, quaes as de Alexandre von Humboldt e Alcide d'Orbigny, viu sair á luz numerosos specimens dum genero literario muito pouco estimavel e peculiar áquelle tempo.

Ninguem ignora que um dos motivos principaes da impopularidade do primeiro imperador, nasceu da guarda pretoriana de mercenarios estrangeiros com quem pretendeu firmar o prestigio do seu throno vascillante; poucos, porem, sabem que varios officiaes daquellas tropas adventicias, de regresso á patria, escreveram e publicaram narrativas das suas tribulações na

terra legendaria do ouro e dos diamantes, cujo fulgôr os attrahira com a mesma cupidez febril dos ousados companheiros de Cortez e de Pizarro.

Estes livros, hoje bastante raros e raramente lidos, encerram, entretanto, valiosas contribuições para o estudo do periodo inicial da nossa vida historica como nação independente e autonoma.

São quasi todos libellos virulentos, alicantinas rancorosas, traduzindo, em linguagem assaz grosseira e mal limada, despeitos odientos e desillusões amargas, descrevendo tragicas experiencias ou resumbrando recriminações sem numero contra a gente e as cousas do Brasil. Ha em todos elles a mesma nota falsa de vingança impotente.

Os seus autores, verdadeiros naufragos da existencia nas plagas nataes, viéram quasi todos seduzidos pelas promessas mirificas do recrutador-mór, o major von Schaeffer, e fascinados pela flava miragem de rapida e facil fortuna no imperio do Cruzeiro; eram na maioria aventureiros, trazendo por divisa o o velho motto dos fibusteiros do seculo XVII—*ultra æqui-*

noctalem non peccari—, e expandindo após, em vomitos verde-negros de calumnias revoltantes e de falsidades infames, a ira furiosa gerada no desastroso fracasso de mais uma correria no encalço de posições e de riquezas.

O typo deste genero literario, que floresceu sobretudo na Allemanha nos decennios de 1820 e 1830, se encontra indubitavelmente nas memorias do tenente Carl Seidler, intituladas — *Zehn Jahre in Brasilien waehrend der Regierung Dom Pedros und nach dessen Entthronung* (Quedlinburg, 1835) que lamento o Sr. Canstatt se tenha demorado a elogiar.

Já dantes fertilissima, a literatura allemã sobre o Brasil avolumou-se consideravelmente com o intenso movimento emigratorio de que foi objecto o nosso paiz nas proximidades de 1850; é incontavel a multidão de brochuras, folhetos, relatorios e livros então apparecidos sobre assumptos connexos aos emprehdimentos colonisadores; foi um verdadeiro diluvio de publicações diz o Sr. Canstatt ao iniciar a sua bem completa enumeração; mas, quasi todas tiveram apenas interesse for-

tuito e importancia local, e, após o famoso rescripto de v. d. Heydt sobre a emigração para o Brasil, o seu numero cessou de avultar em tamanhas proporções.

Entretanto contemporaneamente tiveram publicidade muitas outras obras de merito duradouro a que o Autor não falta com a devida justiça; taes foram, para só citar algumas das principaes, as narrativas de viagem do Principe Adalberto da Prussia, de Avé-Lallemant e de Burmeister, os trabalhos zoologicos deste ultimo e — *last but not least*—a excellente—*Geschichte von Brasilien*—(Berlin, 1860) de Heinrich Handelmann, mau grado os defeitos que possam ser notados no seu plano de composição, no genero a primeira obra dominada de genuino espirito philosophico; ao aprecia-la se deve ter bem presente que, até a Independencia, é impossivel traçar a historia do Brasil num quadro harmonico, sendo forçoso fracciona-la em varios estudos especiaes dedicados á evolução parallelá dos differentes nucleos culturaes cuja posterior agregação constituiu a actual unidade nacional; por obedecer sensatamente a este methodo—hoje sem reservas

reputado o mais logico e scientifico—a magistral historia de Handermann offerece á primeira vista um aspecto fragmentario, que uma leitura mais attenta e demorada não deixa persistir.

Reparo nesta parte o silencio sobre as obras do Barão Ernest von Bibra, *Reisen in Sued-Amerika* (Mannheim, 1853, 2 Vols.) e *Aus Chili, Peru und Brasilien* (Leipzig, 1862, 3 Vols.), e devo advertir que o folheto—*Erinnerung an Brasilien* (Luebeck, 1854) não proveio da penna do Dr. Robert Avé-Lallemant, e é sim obra posthuma de F. Avé-Lallemant, por alguns annos pastor da communidade evangelica allemã do Rio de Janeiro.

Consubstanciando novamente o copioso conteúdo de tres capitulos (VII—IX), notaveis pela exactidão dos informes e o esmero das analyses, só me deterei em registrar brevemente o livro de viagens de Maximiliano da Austria, futuro e desventurado imperador do Mexico; as *Reisen in Suedamerika* de von Tschudi; o inapreciavel *Handbuch der Geographie und Statistik Brasiliens* de J. E. Wappaeus e os multiplos trabalhos do Sr. Canstatt

referentes ao nosso paiz em numero de cincoenta e tres, entre os quaes avultam, pelas dimensões e importancia, — *Brasilien. Land und Leute* (Berlin, 1877) e *Das republikanische Brasilien* (Leipzig, 1899); notando, todavia, o olvido da curiosa monographia de M. Th. Alves Nogueira, intitulada — *Der Moenchsritter N. Durand von Villegaignon. Ein Beitrag zur Kenntniss franz.-brasilianischen Verhaeltnisse im XVI Jahrhundert*, (Leipzig, 1887), e das excellentes publicações philologicas do saudoso Professor Julius Platzmann.

O capitulo final (X), abrangendo a actividade litteraria manifesta nos impressos apparecidos de 1890 a 1902, escapa inteiramente á minha analyse, devido ás difficuldades em que nos achamos—nós estudiosos brasileiros—de obter conhecimento de trabalhos estrangeiros sobre o nosso paiz; as oportunidades de que dispoz o Sr. Canstatt, porem, nos offerecem segura garantia de que, neste particular o criterioso bibliographo e abalisado critico, não desmentio as suas anteriores promessas.

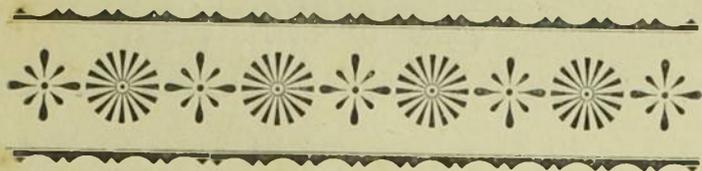
Em conjuncto o *Kritisches Reperto-*

rium será sempre um desses livros raros cuja consulta se imporá aos allemães que desejarem bem conhecer o nosso paiz e aos brasileiros que procurarem aprofundar as opiniões emittidas a respeito do seu paiz pelos representantes da raça mais verdadeiramente philosophica do Occidente.

Desvançam-se, pois, allemães e brasileiros de possuir um tão bem feito *Kritisches Repertorium der Deutsch-Brasilianischen Literatur*.

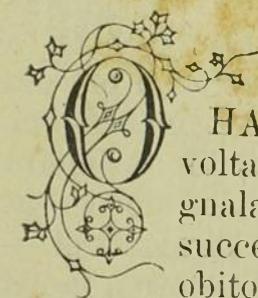
1902.





V

O PRIMEIRO LIVRO SOBRE O BRASIL



HABITO de commemorar a volta secular de datas que assignalam acontecimentos notaveis, successos famosos, natalicios ou obitos de homens celebres, tem-se generalisado nos nossos dias ao ponto de justificar plenamente quaesquer celebrações centenarias, quando mesmo não houvésse outros titulos a legitima-las.

E estes são quasi sempre sobejos.

A' satisfacção da curiosidade obsidente do antiquario, abrasado do desejo de penetrar os arcanos do passado, se vincula inte-

resse mais geral e de mais directa utilidade: o de avivar na alma das nações a lembrança tonificante das suas origens, dos estadios em que pausaram, após o mourejar de fecundas tarefas, os seus fundadores; ou a recordação nostalgica de feitos gloriosos e de heroicas façanhas; ou ainda de simplesmente salvar da erosão destruidora do olvido factos mais modestos, porém, tão significativos como os mais brilhantes triumphos marciaes.

E, na apparencia, de restricta importancia, pois, simula despertar apenas a attenção de raros bibliographos, mas, tem na realidade subido alcance sociologico, rememorar a epoca em que, pela primeira vez, a imprensa—esta artilharia do pensamento, na phrase reboante de Rivarol—proclamou aos povos d'ultra-mar a nova admiravel da existencia da terra que hoje habitamos.

Evidentemente os mais remotos documentos que levaram a Portugal a noticia do descobrimento da pretensa ilha, por Cabral chamada da *Vera-Cruz*, foram os transportados pela caravella de Gaspar de Lemos, e consistem, além de outros de so-

menos valor, nas famosas cartas dirigidas pelo escrevente do feitor mór da frota, Pero Vaz Caminha e por «Mestre Johan, fisico e cirurgiano» da armada — ao seu soberano D. Manuel, o *Venturoso*; segue-lhes, em data, a carta do monarcha portuguez, escripta em Cintra aos 29 de Julho de 1501, participando aos reis catholicos a recente dilatação dos seus dominios tropicaes.

Verificado, porem, como está, terem todos elles jazido por muitos annos e até seculos em manuscripto, forçoso é buscar alhures o impresso primordial contendo referencias ao territorio da nossa patria.

Quiz uma destas singulares convergencias de incidentes — das quaes a Historia registra mais de um exemplo — que ao mesmo afortunado piloto florentino, cujo nome supplantou o de Colombo na designação geographica do Novo-Mundo, coubesse igualmente a gloria de ser o autor do primeiro livro sobre o Brasil.

De volta da sua terceira viagem ás regiões ignotas do Occidente — a primeira que comprehendia ao serviço de Portugal na frota de D. Nuno Manuel, Americo Ves-

pucio escreveu de Lisbôa, nos primeiros mezes de 1503, uma extensa carta ao seu patricio o antigo protector Lourenço de Medicis, relatando perfunctoriamente os principaes successos occorridos durante a expedição; era assaz succinta a narrativa da dilatada navegação pelos mares desconhecidos e ao longo das inexploradas costas do Brasil; mas, continha ainda assim tal somma de novidades que sem tardança, adquirio fabuloso renome e logo despertou a attenção de cupidos livreiros.

No mesmo anno surgiram na França, na Allemanha e na Italia, varias edições — treze, talvez — da epistola de Vespucio ao principe de Florença.

Qual dellas foi a primeira a vir á luz? Humboldt, D'Avezac, Varnhagen, Harris, Mason, Sarnow e Truebenbach, entre outros, investigaram a fundo o problema, e os ultimos, dispondo de elementos que falleceram ao primeiro, conciliaram o resultado das suas pesquisas numa unica opinião, hoje considerada definitiva.

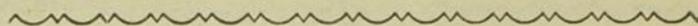
Da critica rigorosa a que sujeitaram todas as primitivas impressões conhecidas,

do seu exame intrinseco e externo comparado com a historia litteraria e typographica do tempo, promanaram enfim as seguintes conclusões incontestadas.

Originalmente escripta em italiano, a celebre carta de Vespucio, foi traduzida para o latim, pelo architecto veronense Fra Giovanni del Giaccondo, e impressa *pela primeira vez*, por Jehan Lambert, livreiro e typographo em Paris, em dias de Maio de 1503.

Formando um folheto in-4.^o de seis formas, sem data nem designação do lugar, começa—á falta de titulo—*Albericus Vespucios Laurentio Petri Francisci de Medicis salutem plurimam dicit*—e a sua raridade é actualmente incomparavel.

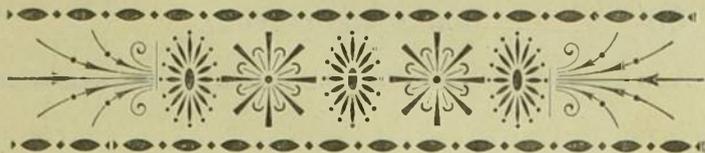
Succederam-se-lhe, em curto praso, dezenas de versões e de reproducções—Harris, na sua *Bibliotheca Americana Vetustissima*, magestoso monumento de erudição e de critica, cita não menos de trinta e duas nos annos de 1503 a 1520—tal era a sofreguidão dos contemporaneos por conhecer o segredo das novas regiões mysteriosas.



Num dos dias do proximo mez de Maio completar-se-á, pois, quatro seculos que, do modesto prélo de um obscuro typographo parisiense, saiu o primeiro livro destinado a levar a todos os angulos da Europa a noticia das vastas paragens—situadas além do equinocio, no longinquo meio-dia—que hoje constituem o Brasil.

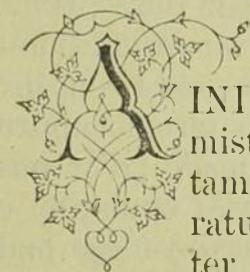
Abril de 1903.





VI

TRES OPUSCULOS



AINDA os mais ferrenhos pessimistas, mesmo os que contestam a existencia de uma literatura brasileira e affirmam não ter a nossa poesia jamais saído de um acanhado subjectivismo, não ousam negar possuímos no lyrismo amostras magnificas, tão manifesta é esta soberana verdade.

Aos seus numerosos attestados veio agora o Sr. Faria Neves Sobrinho ajuntár

Estatuaria. Poema do Olhar. Versos de *Faria Neves Sobrinho*.—*Recife*, 1903, in-16 oblg. 43 pp.—*Theotonio Freire* e *Arthur Muniz*.—Paulo de Arruda. (In memoriam).—*Recife*, 1903, in-16 45 pp. *Raul de Azevedo*.—Homens e Livros.—*Rio de Janeiro*, 1903, in-8°, 132 pp.

dois novos com os bellissimos poemas que acaba de publicar em elegante folhêto.

São duas joias das mais finamente ourivadas em linguas romanicas.

Estatuaria, já anteriormente offerecida aos leitores do *Diario de Pernambuco*, é, sem duvida, a producção mais apreciada do inspirado e primoroso artista do verso, e não sabemos se talvez a sua obra prima.

Vasado em moldes *parnasianos*, pompeia todas as vantagens da escola sem lhe trahir os defeitos; revela supremo apuro na fórma, caprichoso e delicado lavôr nas estrophes e um vocabulario opulento e selecto, sem a frieza saxeia, o esforço mal dissimulado ou a affectação transparente, senões tão vulgares neste genero de poesia.

O magno assumpto — um esculptor que, á voz do poeta, arranca do marmore bruto «do Nazareno a grande imagem triste», mas, quêda impotente para gravar na pedra as «deslumbradoras fórmas da Humanidade» — é tratado com vigor e elevação constantes, num crescendo prodigioso de notas clangorosas, até culminar na fulguração astral da derradeira estrophe. Ha calôr, ha vida, ha sentimento

nestes versos esplendentes, de uma concepção vastíssima e sublime, em cujo desenvolvimento magistral não se observa a menor vacillação ou discrepância.

No *Poema do Olhar*, se a idealização não é tão ampla e profunda, o artista fere uma nota mais humana lendo nos olhos, espelhos d'alma, as paixões e os sentimentos que nos agitam da inconsciência da infancia á saudade da velhice ; ora canta, sereno e meigo, a innocencia da criança ; ora, ardente e sentido, o amor maternal ; ora, terno e casto, o pudôr da noiva ; ora, piedoso e triste, a senilidade nostalgica do crepusculo da vida.

Bellos e nobres versos !

A correcção da linguagem e a perfeição metrica são nelles eguaes ás do poema ; a rima, porem, é talvez ainda mais rica.

Ha na phase culminante da evolução do lyrismo de todas as literaturas — quando entra em acção o mundo subjectivo e psychologico — um momento supremo e raras vezes attingido ainda pelos maiores poetas : aquelle em que surge a alma humana em sua integralidade e tem por thema as situações complexas do es-

pirito. Quer me parecer que o Sr. Faria Neves Sobrinho não está longe de galgar este pincaro altissimo e luminoso.

Les morts vont vite, e, apenas fechada a porta do tumulo, o pavoroso sudario da eterna deslembrança desce a envolvê-los promptamente

Felizes os raros eleitos cuja memoria perdura acarinhada n'alma dos sobreviventes!

Paulo de Arruda teve esta ventura: um grupo de verdadeiros amigos acaba de avivar a significação da sua fecunda e formosa actividade mental numa homenagem postuma de valorosa justiça.

Este plausivel commettimento, que desejaria ver imitado com frequencia, concretizou-se, literariamente sobretudo, em um delgado folhêto que, na exiguidade das suas dimensões materiaes, sobreleva, em eminencia de valôr e nobreza de intuitos, a custosos mausoléos e alterosos monumentos.

O Sr. Theotônio Freire, que na *Academia Pernambucana de Letras* occupa a cadeira patrocinada pelo nome do laureado extinto, estudou em breves paginas, —breves de mais, talvez— a personalidade poetica de Paulo de Arruda, como ninguem melhor poderia comprehendê-la. Para a apreciação brilhante, exhaustiva e definitiva da vida e das obras do joven e illustre belletrista, além de vasta e solida instrução, pronunciada aptidão analytica e fartos recursos de expressão, o applaudido autor dos *Stellos* teve a servir-lhe elementos especiaes provenientes do seu diuturno convivio com o desaparecido amigo, cuja alma prescrutára a fundo no decurso de longas e frequentes confabulações. Do conjunto singularmente propicio destas aptidões geraes e deste conhecimento pessoal resultou, numa uniformidade não vulgar de fôrma e de essencia, o excellente estudo que lhe consagrou.

Quanto ao discurso do Sr. Arthur Muniz, que ouvi commovido junto ao expressivo e singelo monumento onde dormem as cinzas do brilhante e mallogrado poeta, creio não se lhe póde assignalar merito superior a

este : de na leitura não amesquinhar a primeira impressão então recebida.

E não é tudo. Jubilo também em registrar nesta sua ultima producção flagrantés symptomas de um auspicioso aperfeiçoamento: não só a composição se apresenta symetrica e proporcionada, como a linguagem flúe com clareza notavel, sem turvar-se de ociosas innovações syntaxicas e de neologismos dispensaveis.

Saliento com intenso gaudio este facto, porque demonstra lucidamente que o festejado orador já vae levando de vencida os dois mais temerosos inimigos da sua estylistica: a imagem hyperbolica e o vocabulo rebuscado. E similhante progresso é digno de nota, porque no Sr. Arthur Muniz ha certamente talento real, accentuada vocação literaria, senso esthetico e vontade robusta, qualidades que lhe auguram—se persistir na senda enveredada—posição conspicua entre os genuinos representantes da intellectualidade pernambucana.

Oxalá! preocupações de outra ordem não venham, na brutalidade triumphal das vanglorias ephemerás, desmentir as pro-

messas de uma intelligencia «esperançosa em qualquer paiz, onde o merito possa ter esperanças.»

O Sr. Raul de Azevedo é um moço maranhense que desde alguns annos lida, com perseverança e enthusiasmo, no terreno das letras, sem contudo haver até hoje alcançado—digo-o com sinceridade e fôrro de prevenções — resultados animadores.

Mas, não é difficil de penetrar o segredo dos repetidos e continuos insuccessos do operoso e esteril escriptor: espirito nimia-mente superficial, avido de renome, todas as suas obras traduzem a obsessão de contrafazer autores estimados e a patente inhabilidade para consegui-lo.

Ensaiou-se no conto e deu-nos, nas *Ternuras*, um grotesco arremedo das *Curiosas* do Sr. Garcia Redondo, copia desbotada onde falta o aroma de risonha e distincta sensibilidade que perfuma as paginas do fino *conteur* paulista; tentou o romance e n' *O Doutor Renato* abastardou desastradamente os superiores processos artisticos do Sr. Machado de Assis — o mestre excelso — infringindo em cada periodo as

prescripções elementares da grammatica ; no volume intitulado *Na Rua*, collecção de pequenos artigos de jornal pretenciosamente qualificados de « estudos literarios » e calcados sobre modelos conhecidissimos, formigam parvoices que assombrariam se não provocasse compassivo sorriso o tom dogmatico com que são proferidas.

A nova publicação do Sr. Raul de Azevedo não póde repudiar as suas irmães mais velhas, tão evidente traz o estygma familiar.

Obra de critica — e de alta critica — comprehende nove curiosos estudos sobre escriptores francezes de primeira ordem ; mas, a paciencia de um benedictino ou a teimosia de um apostador não lograria descobrir em todos elles sequér uma observação pessoal, um juizo frisante, uma opinião propria, um conceito caracteristico.

Não tenho lembrança de já haver encontrado tão perfeito manual de vulgaridades rastejantes, de estafados qualificativos, de ôcas declamações panegyricas.

E' um compendio de lisonja trivialissima, feito num estylo incorrecto, indeciso e incolôr. Tudo nelle é vulgar e sedição ou alheio, pois, o processo critico do Autor

consiste em respigar e transcrever de revistas francezas trechos de apreciações, parecendo ter se esmerado em destacar as mais frivolas e insignificantes dentre todas.

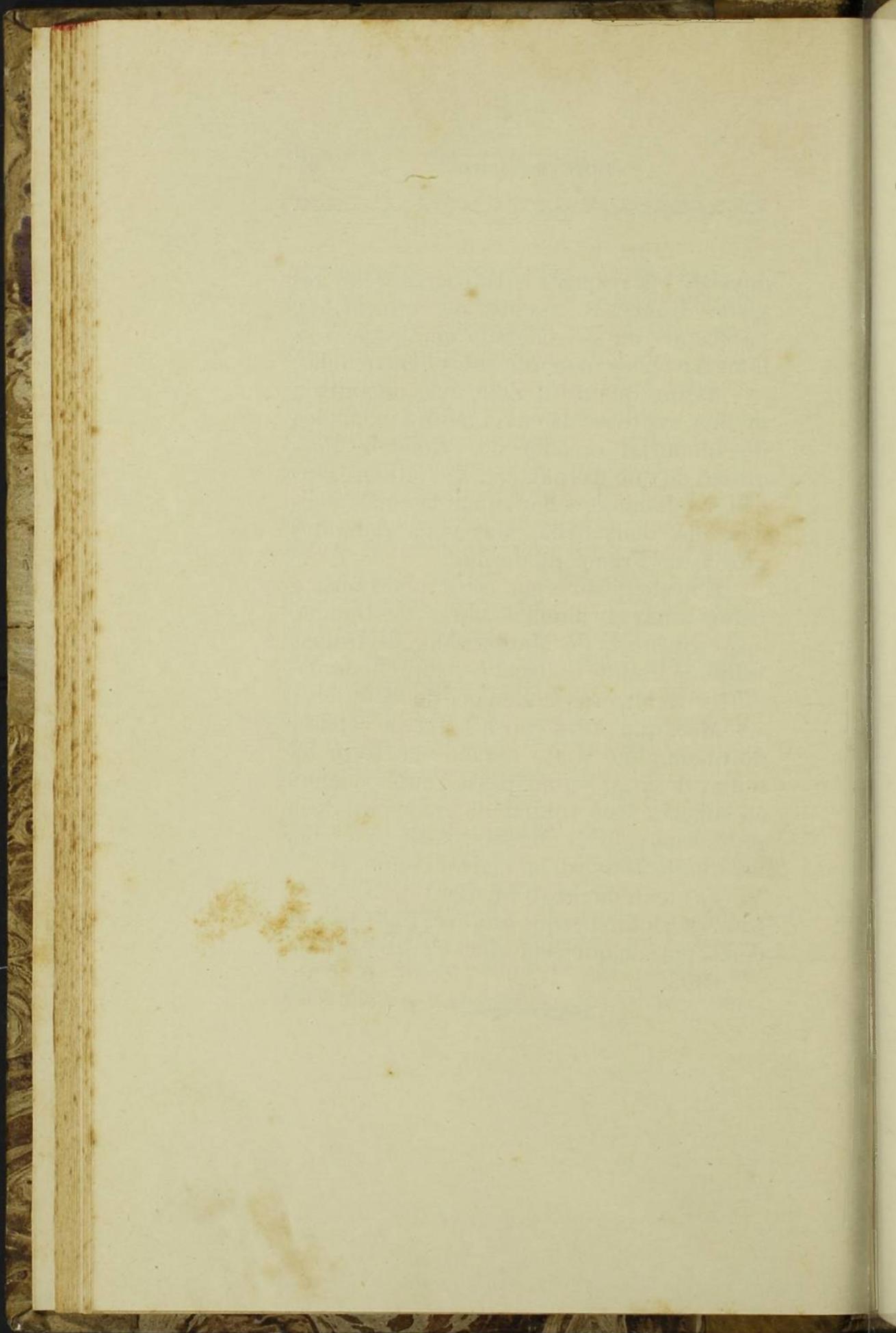
Assim, quanto a Zola, não encontrou melhor synthese da envergadura cyclopica do immortal creador dos *Rougon-Macquart*, do que nas palavras de Catulle Mendés, saudando-o como «uma das mais solidas, das mais bellas, das mais radiantes glorias da França moderna».

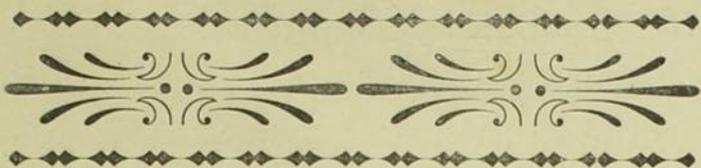
E neste gosto e por estes meios ousa o Autor analysar ainda as obras de Daudet, dos Goncourt, de Maupassant, de Dumas Filho, de Loti, de Bourget e—suprema audacia! — tambem as de Renan e de Taine!!!

Mas, que outra cousa seria de esperar de quem até o titulo para o seu livro foi tomar de emprestimo (passe o euphemismo) ao substancioso volume de critica literaria publicado pelo Sr. Magalhães de Azerêdo, no Rio de Janeiro, ha mais de anno?!!

Evidentemente, o Sr. Raul de Azevedo é um escriptor, porque escreve; não é menos certo, porém, que está «fóra da literatura».

1903.

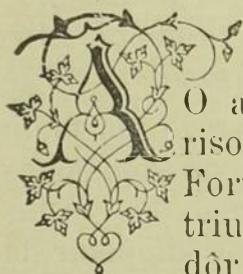




VII

O TRICENTENARIO DO CEARA

1603—1903



O alvorecer do dia de hoje a risonha e pittoresca cidade de Fortaleza afestôa-se de galas triumphaes e pompeia o esplendor de manifestações alacres ; nas suas ruas, extensas e rectilneas, palpitam flammulas e galhardêtes multicôres por sobre a população rejubilante ; na limpida serenidade da manhã tropical rebôa o trom profundo das salvas e rasgam o ambiente as sonoridades rubras de

hymnos marciaes; um grupo selecto de extremados patriotas, tendo á frente a personalidade captivante e sympathica do sabio Barão de Studart, celebra alli o tricentesimo anniversario da chegada dos primeiros portuguezes ao Ceará.

Louvabilissima a idéa de similhante commemoração, traduzindo o celso designio de perpetuar a data inaugural da vida historica do futuroso Estado nortista e lembrar o seu primeiro contacto com a civilização occidental; benemeritos os cidadãos illustres que a promoveram e logram vê-la realizada com tão singular brilhantismo: o seu generoso esforço deve tambem entre nós despertar legitimo interesse.

O descobrimento do Ceará é um facto intimamente vinculado aos nossos fastos coloniaes, e, na fulgurancia das festas cearenses de hoje, ha um vivo lampejar da immorredoura gloria pernambucana.

Não foram antepassados nossos os civilizadores por excellencia de toda a vasta zona littoranea que da fóz do S. Francisco se dilata até ao estuario amplissimo do Amazonas?

Não foi dalli, dos alcandorados outeiros de Olinda, que por todo o Brasil Oriental, e muito mais além, dimanou, no seculo da conquista, o progresso europeu?

Consumidos quasi cincoenta annos em lutas de exterminio contra o incola fero-cissimo, garantida emfim a tranquillidade domestica e assegurado o desenvolvimento material da *Nova-Lusitania*, os successores de Duarte Coelho logo se agitaram movidos da ambição de novas empresas e iniciaram o periodo fecundo das explorações das desconhecidas regiões vizinhas — impellia-os a força incoercivel do pendôr natural a que o ethnologo allemão Ratzel denominou acertadamente de «expansão peripherica.»

Não havendo mais indios a combater nos dominios costeiros da capitania, vingaram as suas fronteiras e penetraram ousadamente para o norte.

A' similhaça dos avoengos d'ultra-mar — quando na peninsula iberica os montantes christãos ainda chispavam ao embate dos alfanges islamnistas e a sombra do crescente ainda se projectava igual á da cruz — elles organizaram frequentes

correrias em terras de gentio, dilatando de dia a dia a esphera da acção portugueza.

Para estas expedições temerarias concorria com alvoroço bellico a gente mais grada da colonia. Determinado o intuito, obtida a indispensavel licença do governador-geral e designado o chefe, cuidava-se no apresto das munições e dos mantimentos, reuniam-se os soldados pagos e os voluntarios, dividiam-se as unidades tacticas e nomeavam-se os officiaes.

No dia aprasado, celebradas as ceremonias religiosas, a *entrada* encetava a marcha, rumo do desconhecido.

A chusma desnuda e ruidosa dos auxiliares indigenas envolvia, qual toska moldura, o valoroso nucleo expedicionario; no centro destacava-se o troço dos alabardeiros e piqueiros, protegidos pelas esparsas fileiras de arcabuzeiros; aos flancos e á vanguarda viam-se os airosos cavalleiros voluntarios—a flôr da nobreza olindense—montando ardigos ginêtes andaluzes, ferrados de prata e ajaezados de sedas custosas.

Mas, logo adiante, urgia alterar esta formatura classica: a espessura das mattas

interminas obrigava aos expedicionarios a imitar os guerreiros indigenas, e o exercito desdobrava-se numa extensa fila singela, colleando vagaresamente pelas estreitas picadas abertas a machado no seio da floresta virgem. E não tardava a marcha em transformar-se num constante pelejar: o inimigo salteava a columna sem descanso. Nada, porém, conseguia quebrantar o animo indomito dos invasores e, quando os esculcas traziam a nova alviçareira de estar proxima uma *cerca*, ou aldeia fortificada, esqueciam-se as fadigas e as feridas, dominados duma jovialidade feroz, todos corriam ao assalto, certos de que á acommettida se seguia fatalmente a victoria.

E foi assim, pelejando de sol a sol, obrando prodigios de valôr e de energia, lutando um contra cem, que os pernambucanos de ha trezentos annos conquistaram a Parahyba e Rio Grande do Norte, e foi assim tambem que levaram ao Ceará os germens da sua evolução cultural.

Essa *entrada* foi planeada em Olinda sob os auspicios do Governador-Geral Diogo Botelho, então de passagem em

Pernambuco, e por iniciativa dum audaz aventureiro, Pero Coelho de Sousa, muito affeito a similhantes commettimentos.

Acautelando-se contra a falta de viveres, enviou tres barcos com mantimentos que o fossem aguardar no rio Jaguaribe, e concentrou a sua gente na Parahyba, donde partio nos primeiros dias de julho de 1603. Era reduzido o numero dos conquistadores—apenas sessenta e cinco soldados e duzentos indios frecheiros—mas, iam *tam cheyos todos de alegres esperanças que nenhum duvidava da felicidade do successo*, affirma um velho chronista.

Ao optimismo da expectativa não correspondeu, é certo, a realidade das vicissitudes cruéis que experimentaram depois; comtudo, refeitos com os soccorros levados pelos barcos—opportunamente encontrados no lugar combinado—avançaram alem e, deparando da parte dos indigenas com evidentes demonstrações de amizade, chegaram, sem maiores tropeços, ao *rio Ceará*.

E esta é a data consagrada como assignalando a ida dos primeiros portuguezes

~~~~~

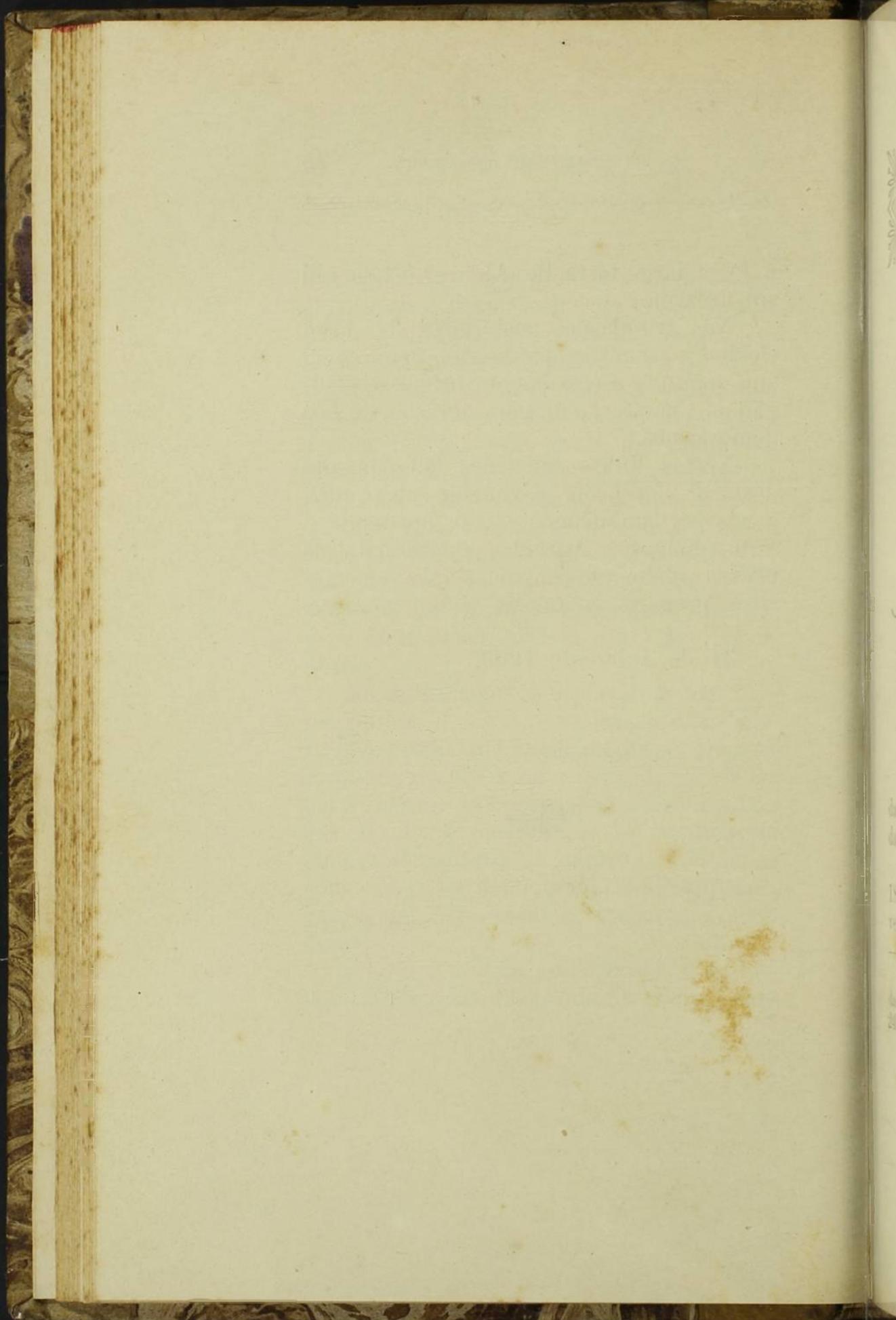
á legendaria terra de Alencar e hoje alli solennizada.

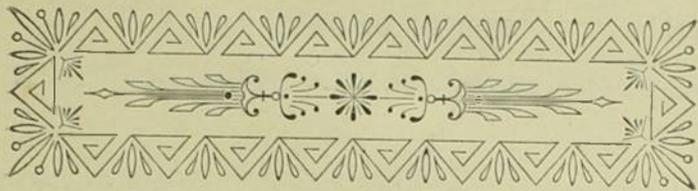
Nas tribulações posteriores de Pero Coelho e seus companheiros, bem como sua segunda e igualmente infeliz expedição ao Ceará, não é agora occasião de nos demorarmos.

Nestas linhas quizemos tão somente destacar o aspecto particular sob o qual, a nós pernambucanos, se nos apresenta o acontecimento cearense, e traduzir os nossos vehementes applausos aos beneméritos promotores da sua commemoração.

31 de Julho de 1903.







## VIII

### O SR. NELSON DE SENNA

OB o pseudonymo de *Pelayo Serrano* — tão pittoresco quão expressivo — procura modestamente occultar-se um dos novos escriptores mineiros, cuja actividade constitue, talvez, uma das mais fecundas promessas para as letras patrias.

Joven ainda, o Sr. Nelson de Senna, desde 1895, estuda, trabalha e tem publicado diversos volumes de monographias historicas,

---

Pelayo Serrano. — *Contos Sertanejos*. (Lendas e fragmentos). — Bello Horizonte, 1903, in-8º, 249 pp.

de ficções e de phantasias, revelando-se, já na estréa, esmerado cultôr da fôrma e estylista caprichoso.

O seu ultimo livro testemunha brilhantemente do quanto tem progredido; se não é uma obra perfeita, definitiva, encerra elementos para augura-la da mesma penna, em futuro não remoto.

Nesta variegada collecção de contos ha ensaios de todos os generos, desde o quadro historico — ou «esboço archeologico» conforme melhor lhe chamam os criticos allemães—até ao suave devaneio sentimental, cantando alegrias ou carpindo maguas, e desta diversidade de motivos resulta tambem a desigualdade flagrante do seu valôr belletristico.

E' por isso tambem que, dentre elles, preferimos sem reserva os da primeira parte.

Ao Autor — um artista forrado dum erudito—sobejam predicados para exceller no desenho colorido e vivaz das gentes e das cousas d'antanho; leu com amor e proveito as chronicas e os nobiliarios da sua legendaria *Terra do Ouro*, esta região das Minas, em cujos fastos coloniaes os

---

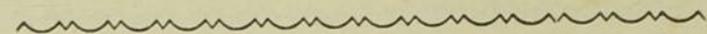
assombrosos montões do flavo metal se nos deparam sempre estriados dos laivos rubros do sangue de tragedias, e onde sempre tripudiam em infernal contubernio as fortunas estupendas e os crimes monstruosos.

De volta desta penosa e longa viagem á necropole de quatro gerações, o Sr. Nelson de Senna veio nos contar algumas das suas impressões mais características.

Era ardua a tarefa; mas elle soube realiza-la com arte plausivel.

Não bastava houvesse aprendido com exactidão as ephemerides, notado consciencioso os costumes fastosos e as usanças barbaras, observado attento os requintes de luxo desvairado e os extremos de fereza inhumana da população mineira no seculo XVIII, sociedade extranha, mesclada e tumultuaria, na qual se fundiram os bandos vulturinos de arrojados aventureiros, que do littoral atlantico se precipitaram vorazes para os sertões alpestres, rasgando-lhes fundo o sólo virgem e dando-lhes em troca da opima colheita de louras *pepitas* a rega abundante de lagrimas de escravos.

Ainda assim a pintura sairía incolôr e sem relevo, deixando a impressão fluc-



tuante e vaga destes velhos rectabulos em que o perpassar das éras esfumou as tintas, diluindo os contornos num monochronismo sombrio.

Para resuscitar em plena naturalidade os protagonistas dos dramas de outr'ora, fazer reviver os seus phantasticos episodios, delinear-lhes com verdade a emoção coéva, era mistér uma percepção extraordinariamente vigorosa do passado e — o que ainda é mais raro — a intuição superior da «perspectiva historica» de que cogitou Emerson, quando escreveu: *Time dissipates to shining ether the solid angularity of facts.*

Da ausencia desses dotes deriva o aspecto artificial dos personagens posticos da maioria dos romances ou contos historicos, cujos autores pensam supprir o anachronismo psychologico dos seus heróes com a reproducção minuciosa e exacta de accessorios materiaes; vestem uma figura masculina a Luiz XV, collocam-na — empóada e almiscarada — num salão *rocóco*, fazem-na proferir meia duzia de pragas e phrases archaicas, e apresentam-na, soberbamente convictos, aos ingenuos leitores,

---

como um cavalheiro de 1750; mas, sob a exterioridade ostentosa das vestes mirabolantes, de velludo e seda, o pseudo-fidalgo sente, pensa, raciocina e age como qualquer ridiculo peralvilho actual.

Não assim o Sr. Nelson de Senna; quando, no *Sonho Mocambo*, elle nos transporta ao palacio de Villa-Rica, no torvelinho do baile offerecido pelo nobre Conde de Valladares, vemos agitar-se uma multidão «humana» rigorosamente trajada á moda do tempo, mas, tambem revelando as idéas e os sentimentos d'então; assistimos realmente a um verdadeiro sarau dos tempos coloniaes e não a uma insipida mascarada moderna.

Em *Pedro Cabinda*—outra novella do seculo XVIII e outro formoso quadro de costumes mineiros — surprehende-se a mesma harmonia não vulgar entre a alma dos personagens e o ambiente em que se movem, constituindo isto a nota dominante em todos os demais *Contos Sertanejos* de feição tradicional.

Nos esboços e phantasias, de que se compõe a segunda parte do livro, não obstante faltar o encanto da fabulação, ha paginas amorosamente buriladas e vibran-

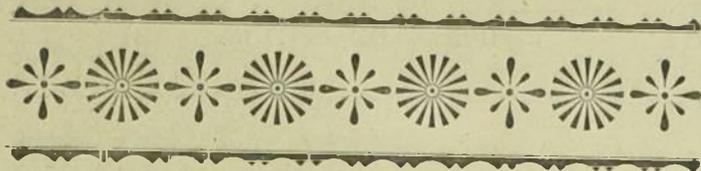
tes de sonoridades imprevistas e de coloridos originaes, de que o leitor conserva amena impressão.

A lingua em que são escriptas é habitualmente castiça, expurgada de archaismos e isentas de palavras de cunho autoral —lamentavel pendor tão frequente nos noveis escriptores; o Sr. Nelson de Senna soube resistir-lhe com firmeza, e, conhecendo a opulencia inexaurivel do lexico vernaculo evitou judiciosamente o emprego de neologismos, sempre symptomaticos da penuria do vocabulario dos seus creadores. O seu estylo possúe qualidades louvaveis de clareza e de limpidez, e a narração decorre suave e tersa sem tortura apparente das phrases nem rebusca de termos raros.

Não receiamos ser arguidos de haver, nesta ligeira e tosca noticia, comulado de elogios excessivos a recente publicação do esperançoso belletrista mineiro: dum livro como os *Contos Sertanejos*, feito com sinceridade de intuitos, fertil em bellezas, apurado na forma e captivante na essencia, só se póde dizer bem.

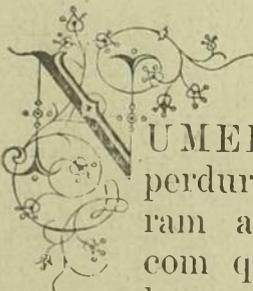
1903.





## IX

### O FOLK-LORE DO NORTE

UMEROSAS e significativas, perduráveis e louvabilíssimas foram as manifestações diversas com que o Ceará commemorou, ha pouco, o tricentenario do primeiro contacto da barbaria das suas populações indigenas com os portadores da civilisação européa.

Esta celebração, cuja patriotica iniciativa emanou do bello coração e da intelligencia providente do Sr. Barão de

---

*Rodrigues de Carralho.*— Cancioneiro do Norte  
—Fortaleza, 1903, in-8° L—207—IV pp.

~~~~~

Studart, traduzio-se tambem pelo apparecimento de varias memorias sobre assumptos de historia cearense, e da interessante collectanea intitulada — *Cancioneiro do Norte*.

Poeta estimado, observador curioso, critico penetrante, habituado a lidar com o povo e profundo conhecedor da sua indole, o Sr. Rodrigues de Carvalho conseguiu reunir um material novo e precioso para o estudo da nossa «litteratura oral», infelizmente tão descurada depois dos Srs. Sylvio Roméro e Mello Moraes Filho. Divergio, porém, do laureado respigador e analysta dos *Contos e Cantos Populares do Brasil*, na fórma porque encarou o assumpto, e fel-o, talvez, com razão.

Evidentemente o *brasileiro*, como typo anthropologico definido, não existe; conforme notou o preclaro espirito do Sr. Euclydes da Cunha nesta parte da America colonisada pelos portuguezes, as tres raças iniciaes não se resumiram nem se unificaram, antes se desdobraram gerando numero igual de sub-formações, substituindo-se pelos derivados, sem qualquer

apuração, em mesclas tão abundantes que ao proprio Quatrefages surprehenderam. E si considerarmos, ainda mais, as disparidades telluricas e climatericas, a intensidade dos cruzamentos, as condições historicas, a interferencia — pela invasão outr'ora e hoje pela immigração—de outros povos da Europa, phenomenos estes todos divergentes dum a outro extremo do paiz, comprehenderemos facilmente porque a nossa nacionalidade não possui até hoje unidade ethno-psychologica e se fragmenta, mau grado a communhão politica e religiosa, em grupos assaz distinctos.

Attendendo a que, no actual periodo de formação do typo brasileiro, cuja feição definitiva é um problema não resolvido, o trabalho de selecção ethnica exigido nas investigações do *Folk-lore*, é de todo negativo, o Sr. Rodrigues de Carvalho restringio a ambito mais modesto as suas pesquisas.

«Quem conhecer esta zona comprehendida entre a foz do S. Francisco e a do Parnahyba, escreveu elle, todo o esplendor tropical desta natureza, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas,

preferirá, como eu prefiro, concatenar as produções de um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, do que ao elemento ethnico propriamente dito.

«Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o meio moral; fallemos tambem das multiplas modalidades porque o espirito do nortista se revela nas suas crendices e folgares; e depois desse scenario offereçamos ao povo o resaltado de sua propria vocação artistica, fructo dessa expontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brasileiro.»

No substancioso «prefacio», onde folgamos de encontrar mais duma opinião plausivel, descreveu os principaes divertimentos populares do Brasil Oriental, e resenhou boa copia de abusões, crendices, usanças, superstições e ridiculos processos therapeuticos, cada um dos quaes — devidamente investigado e aprofundado — forcera elemento para curiosa monographia; é pena que, neste particular, o Autor deixasse de se abeberar nos conscienciosos estudos do pranteado Dr. João Alfredo de Freitas, omittindo assim uma pagina inte-

ressantissima sobre o nosso *fetichismo politico*.

Passemos ás composições poeticas que constituem o grosso do volume e podem ser genericamente divididas em duas especies.

A primeira, onde dominam quasi exclusivamente as quadras octosylladas, chamadas allures de *versos geraes*, comprehende as modinhas e cantigas improvisadas no entusiasmo dos *desafios* entre cantadores de profissão; por vezes estas quadras se agrupam em series, com ritornellos e character narrativo, mas, em geral, chrystalisam apenas uma idéa isolada, vinculando-se, umas ás outras, tão sómente pela identidade das rimas.

E' esta a forma sob a qual se nos depara mais frequentemente a musa popular; é a mais usada, é a mais facil; os seus cultores raras vezes alcançam vencer a monotonia das consonancias finaes — sempre repetidas na sua penuria de vocabulario — pelo effeito intrinseco das concepções e o vigor das imagens. Mas, têm, um dia surpresas que assombram, comparações de originalidade e subtileza admiraveis. Em Taboleiro de Arêa, no Ceará,

um cantador popular, *philosopho* sertanejo de chapéu de couro, analphabeto e rude, improvisou a seguinte quadra verdadeiramente genial:

«No ventre da Virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou também sahiu
Como o sol pela vidraça.»

Comtudo, semelhante prespicuidade de entendimento e delicadeza de imagem, não são vulgares; de commum a premura da replica instantanea não deixa aos trovadores de *pé de viola* lazer para complicados raciocinios, e o soberano encanto dos seus versos reside sobretudo na pasmosa presteza com que são improvisados pelos dous contendores, na febre do torneio, guardando sempre as mesmas rimas e alterando sempre, sciente e inopinadamente, os themas.

A' outra classe, menos copiosa e frequente, pertencem as producções dos rhapsodas ignorados, Homeros anonymos, cuja lyra tósca tem perpetuado, sob a fórmula preferida de decimas, de glosas e de bemitos, os successos mais famosos da chronica popular, reflectindo com nitidez igual as gran-

des catastrophes e triumphos nacionaes, e as proezas truculentas de façanhudos criminosos.

Si as possuissimos completas, numa seriação continua e ininterrupta, teriamos, nestas versalhadas commemorativas, ao lado da historia official dos autores cultos, outra curiosa e ingenua historia popular desfiando num rosario encantador de lendas pittorescas, todas as phases da nossa evolução.

Infelizmente dellas nos restam apenas escassos fragmentos de epochas relativamente proximas. Entretanto é de suppôr, com toda a plausibilidade, já no seculo do descobrimento, o estro popular celebrasse os feitos mais estrondosos das lutas contra os incolas; mais tarde, certamente, os fastos epicos da guerra hollandeza forneceram assumpto abundante ás canções do povo: tudo, porém, jaz irrevogavelmente sepultado para sempre no inviolavel silencio do passado.

E é pena terem-nas os velhos chronistas desdenhado! Frei Manoel do Salvador teria feito do seu *Valoroso Lucideno* um livro cem vezes mais precioso, houvésse

recolhido os versos asperos com que, nos acampamentos pernambucanos, a invicta soldadesca de Vieira, Vidal, Camarão e Dias, celebrava os seus gloriosos combates, que o bellicoso frade pretendeu sublimar roncemente, em oitava rima, no couce dos capitulos da sua desalinhada chronica, onde, entretanto, ha notas que relembram o valor mavorcico dum Villehardouin, a fé viva dum Joinville e a curiosidade obsidente dum Froissart. Mas, não no fez nem no fizeram os seus proximos continuadores.

E' forçoso volver a datas muito mais recentes afim de encontrar o mais remoto specimen deste interessante genero poetico: é apenas uma quadra isolada alludindo ás desventuras do Governador de Pernambuco, Furtado de Mendonça, o desadorado *Uxumbergas*, deposto e preso, em 1666, pela arrogante nobreza olindense. Posteriormente é preciso galgar de novo ampla solução de continuidade historica para depara-lo outra vez registrando, em fins do seculo XVIII, as tribulações do famigerado *Cabelleira*.

E' só após a Independencia que esta penuria decresce e o cabedal das canções

populares allusivas a factos politico-sociaes toma vulto nas raras collecções do nosso *Folk-Lore* até agora publicadas.

Na do Sr. Rodrigues de Carvalho figuram em quantidade exigua demais em proporção ás da primeira especie, devido, sem duvida á sua menor frequencia na zona costeira onde o Autor colheu a maior parte dos elementos do seu *Cancioneiro*.

Mas, ha no seu bello livro, além deste desculpavel senão, outro defeito menos perdoavel: releve o Autor á nossa prohibido o aponta-lo.

Objectamos contra a inclusão, numa anthologia deste genero, não só dos themas populares metrificados por poetas letrados — tal *A Yára* de Telles de Sousa — bem como dos poemas da lavra de individuos que, tendo possuido consideravel cultura mental, regressaram degenerados ao nivel das classes analfabetas, qual o desventurado bacharel Julio Vaz Curado ou o misero estudante Lourival Assucena: em ambas as hypotheses é flagrante uma directa influencia literaria que exclue a ingenuidade natural e espontanea de verdadeiro *Folk-Lore*, porquanto, sob a de-

~~~~~

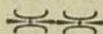
nominação de «poesia popular», já o disse o grande Steinthal, se deve comprehender não tanto o que o povo *canta*, mas, o que o povo *produz*; do contrario urgiria contemplar nas suas lindes as numerosas canções de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Bruno Seabra, Tobias Barretto e tantos outros, estropeadas, em noites de plenilunio, pelos trovadores de *serenatas*.

Não obstante estas ligeiras falhas o *Cancioneiro do Norte* é um livro prestabilissimo, e o patriotico exemplo do seu illustre Autor, tão digno de fervorosos applausos, merece ter seguidores idoneos.

E estes virão de certo.

Quanto a Pernambuco, podemo-lo assegurar, a obra preciosa do Sr. Rodrigues de Carvalho terá em breve um complemento amplissimo e quasi definitivo: *O Folk-Lore Pernambucano*, vasto repositorio onde o espirito investigador e a intelligencia polymorpha do Sr. Pereira da Costa accumulou somma verdadeiramente prodigiosa de materiaes ineditos.

1903.





X

UMA COMEDIA HISTORICA

**D**EPOIS de haver opulentado a literatura nacional com obras do subido quilate de *Pernambuco*, *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira*, *Nos Estados-Unidos*, *O Reconhecimento do Imperio*, e *No Japão*, o nosso eminente patricio o Sr. Oliveira Lima acaba de publicar um trabalho mais ligeiro, porém, igualmente digno do maior apreço. Tendo já conquistado com brilho singular os titulos de historiador imparcial,

---

*Oliveira Lima*. — Secretario d'El Rey. — Peça historica nacional em 3 actos. — *Rio de Janeiro* 1904, in-12°, 151 pp.

---

fidedigno e elegante, de observador perspicuo, de analysta arguto e de profundo e original sociologo, o illustre pernambucano estreou agora num novo genero literario de que a nossa bibliographia não conta muitas especies de valor.

O diplomata e literato escreveu uma comedia, que mesmo fóra do palco interessa e deleita.

E' sabido como em geral os historiadores profissionaes são mal succedidos quando se transportam ao dominio da ficção; esmagados sob o volume enorme da propria erudição quasi sempre lhes fallece lepez de *allure*; assoberbados pelos multiplos conhecimentos das individualidades, dos habitos, dos costumes, das modas, das alfaias, dos moveis e dos ornamentos duma epoca, fóra da gravidade sentenciosa da sciencia especial raramente alcançam traçar quadros em que se surprehenda movimento e vida; preocupados em documentar a cada instante os mais miúdos traços sobrecarregam inutilmente o conjunto da acção e, prejudicando-lhe assim o desenvolvimento natural e harmonico, geram livros pesados e fastidiosos: dra-

malhões infundáveis e romances enfadonhos.

Destes desastres temos exemplos typicos no *Amador Bueno* e no *Caramurú* de Varnhagen e ainda melhor nas soporíferas novellas de Pereira da Silva.

A comedia — *Secretario d'El Rey* — apezar de ser obra dum historiador, está inteiramente isenta destas eivas:

E' uma peça construida com arte delicada e carinhos de estheta, duma composição symetrica e graciosa; um delicioso quadro de costumes dum colorido suave e captivante; um episodio galante e pittoresco occorrido na côrte do monarcha portuguez que tão mesquinhamente quiz emular com o esplendor do *Rei-Sol*.

O entrecho não é complicado, sendo facil cifra-lo.

A scena passa-se em Lisboa no reinado de D. João V.

D. Fernando da Cunha, joven fidalgo valente e brioso, atacado á noute pelo Infante D. Francisco, numa das suas habituaes correrias pelas ruas da capital, defende-se galhardamente e fére de leve ao irmão do rei, cahindo por sua vez maltratado de gol-

pes desfechados pelos sequazes do real desordeiro; D. Luz de Menezes, sua prometida e donzella de peregrina formusura, que dum balcão do palacio do Conde de Lessa, seu pae, assistira á lucta, corre a soccorre-lo, fazendo recolher o ferido, não reconhecido pelos aggressores, ao convento de S. Francisco; onde o confia aos cuidados do prior Frei Bernardo da Purificação.

A noticia do incidente, promptamente espalhada, enche o rei de indignação: os beleguins galopam a farejar o homisio do execrando réo de lesa-magestade e ao infeliz mancebo parece inevitavel tremenda punição.

Mas, D. Luz, tremendo pela sorte do noivo adorado, consegue mover em favor delle o interesse de seu tio materno Lord Tirawley, embaixador da Inglaterra.

Vão-se os dous, em companhia da aia de D. Luz,—respeitavel matrona, muito pudica, mas, ás occultas grande amiga de historias picarescas—a implorar, do omnipotente ministro Alexandre de Gusmão, a clemencia real em favor do pretenso criminoso; o venerando prior Frei Bernardo já os precedera no mesmo designio;

---

todos se encontram no gabinete do «escrivão da puridade», no Paço da Ribeira, onde são acolhidos pelo escudeiro João Braz.

Entre parenthesis, seja dito que o irmão d'O *Voador* nutria por D. Luz paixão discreta, mas ardente, e que não era correspondida.

Após breve delonga, apresenta-se aquelle a quem Oliveira Lima chama com propriedade, «o maior brasileiro do seculo XVIII»; meigo e respeitoso acóde ás supplicas da afflicta joven; risonho e prazenteiro ouve as razões do tio; pensativo e serio attende ás reflexões de Frei Bernardo, e, recalcando do imo d'alma o pungir de acerba tortura, cogita nobremente em tornar feliz aquella que o faz tão infeliz.

Promette obter graça e os supplicantes retiram-se animados de alacres esperanças que não serão desmentidas.

Este é o assumpto do primeiro acto; o segundo, todo incidental, occorre na cella de Frei Bernardo, onde Alexandre de Gusmão fôra em visita a D. Fernando, e se encontram egualmente D. Luz *travesti* de pagem, e Lord Tirawley.

---

Na entrevista entre os dois amantes da mesma mulher—um venturoso e outro infortunado — a superioridade moral do grande paulista sobressae num relevo admiravel e a pureza dos seus sentimentos eguala a elevação de sua intelligencia.

No acto final o Autor concentrou habilmente o supremo interesse do entreecho e desenvolveu qualidades de excellente dialectica; nelle assistimos ao combate entre o ministro, porfiando pelo perdão do fidalgo ameaçado, e o monarcha melindrado no mais sensivel da vaidade real — a intangibilidade sagrada das familias, — por graça divina, destinadas ao governo dos povos.

Sem manifestar o minimo zelo pela causa de D. Fernando, sem deixar perceber um só indicio do seu empenho em salva-lo, Alexandre de Gusmão, com a pericia de avezado psychologo e o artificio de astuto diplomata leva El Rei, não só a perdoar a victima dos desatinos de seu augusto irmão, como a conferir-lhe, á guiza de desterro, o governo da capitania de Goyaz.

---

Mas, o que sobretudo resalta do conjunto da intriga é a pronunciada ascendencia do brasileiro sobre os demais comparsas, frisando bem a crescente influencia exercida na monarchia européa pelos filhos da sua colonia americana.

O estylo da comedia é sempre castiço, amoldando-se a linguagem perfeitamente ao dialecto contemporaneo, o que não é pequeno merito se attendermos que, assim como as differentes camadas duma sociedade possúem maneiras proprias de dizer, a mesma classe, em periodos differentes, affecta diversas modalidades de expressão.

Os personagens são naturaes e desenhados com muita fidelidade.

Não me deterei em accentuar a verdade com que se acha representada a personalidade do heróe, e direi apenas que, no monologo da Scena VIII do Acto III, a figura de D. João V vive, evocada do tumulo com sorprendente compenetração ethica. Parece-me *ver* alli o famoso *rei frade*, com todo o seu fanatismo supersticioso e os seus escrúpulos subtis de libertino devoto, oscillando sempre entre o serralho de Odivellas e as

missas de São Francisco; bizarra alliança de mysticos enlevos e de baixa sensualidade, a quem todo o ouro do Brasil não bastava para redimir com offerendas sumptuosas as continuas infracções ao terceiro mandamento, procurando acalmar a ira celeste com a construcção de claustros gigantescos e a elevação de altares fulgurantes de pedrarias.

Ouçamos-lhe estas palavras :

« Divirjo do meu grande irmão de França, S. M. Luiz XIV, ao que relataram os despachos dos embaixadores do reino, requestou a menina La Vallière quando solteira, impedindo-a de desposar o seu promettido... Acho isto muito immoral. As donzellas não têm experiencia para resistir a seducções do amor... As casadas, quando abatem a resistencia, sabem o que fazem, e geralmente por que o fazem. O peccado do seductor não existe quasi... a sua tarefa foi pequenissima.

Nossa Senhora das Dôres me perdõe estes pensamentos e me poupe a colera divina... »

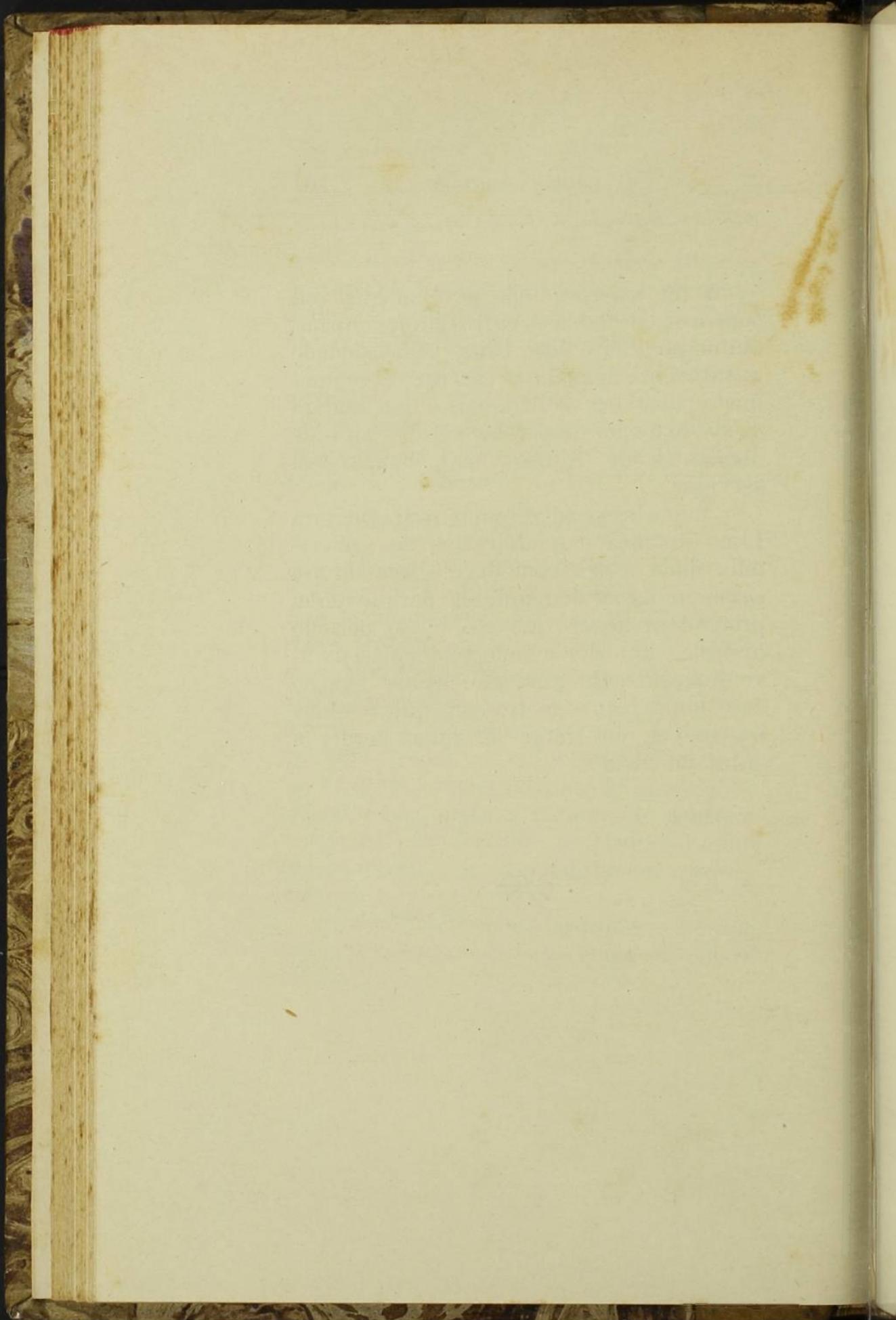
---

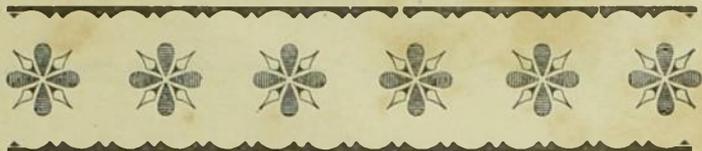
A mesma exactidão psychologica encontra-se em todos os outros protogonistas, até no escudeiro João Braz, velho soldado aventureiro, manêta e casmurro, requeimado pelos sóes d'ultramar, e que andára de balde á cata de perolas em Ceylão e de diamantes no Tejuco ; mas, bom e leal servidor.

Numa breve advertencia o Sr. Oliveira Lima justifica o qualificativo de « nacional » dado á sua comedia ; e tem inteira razão em assim denomina-la, porque quem pretenderá negar que « o nosso periodo historico anterior á Independencia envolve forçosamente uma tão intima ligação da colonia com a metropole, que é quasi impossivel, ao tratar de uma, perder a outra de vista ? »

1904.







XI

**A ARTE DE LER**

*«Meantime the colleges, whilst they provide us with libraries, furnish no professor of books; and, I think, no chair is so much wanted.»*

EMERSON—*Society and Solitude.*

**U**MA experiencia millenaria apparelhou o homem com determinada somma de preceitos da sua nutrição material; muitos destes preceitos adquiriram com o tempo a inteireza de dogmas e ninguem ousa viola-los, temeroso de alterar gravemente a sua economia animal.

---

Outro tanto, porém, não succede com a alimentação da intelligencia, com o consumo do «pão do espirito», talvez á mingua de prescripções analogas. Todavia, os abusos, os desregramentos e os excessos são aqui como alli egualmente nocivos; a ninguem occorre nutrir-se exclusivamente de doces e de confeitos, mas, ha pessoas que consomem unicamente romances assucarados; chamariamos de louco ao homem que se alimentasse tão sómente com carne, desprezando qualquer outra substancia menos succulenta, no emtanto ha muitos homens e dos mais eminentes, que nunca transpõem os limites de leituras rigorosamente scientificas, jámais procurando aspirar o perfume das flores da poesia e da belletristica.

Muitos individuos consagram as suas minguadas horas de repouso á leitura duma multidão de jornaes e de revistas e outros ainda confiam a escolha dos livros ao criterio raras vezes competente do seu livreiro; emfim, o numero daquelles que fazem presidir ao seu desenvolvimento intellectual uma regra fixa, um methodo racional, é vergonhosamente diminuto.

---

Esse facto é tanto mais lastimavel quando varias das mais excelsas mentalidades modernas se têm occupado com a elaboração de regras de leitura: Schopenhauer reuniu em um breve artigo dos seus *Parerga e Paralipomena* o melhor que no seu tempo se podia dizer sobre o assumpto, e Emerson formulou as bases duma doutrina que, em suas linhas geraes, cremos, terá applicação duradoura, maxime se attendermos á crescente actividade intellectual contemporanea e á prodigiosa producção litteraria della resultante.

Como não podia deixar de sê-lo, esse canon da arte de ler fundamenta-se no eterno principio da individualidade, pois é obvio que, tambem para com as letras, o homem deve manter-se em relações rigorosamente pessoaes; tambem quanto ao que lemos e á maneira por que lemos, cumpre-nos considerar a intima libertação e o progresso autonomo do nosso eu.

Na verdade—e não é isto que se pretende condemnar— todos temos necessidade de possuir um certo nucleo de conhecimentos geraes; antes de tudo, devemos-nos esforçar por adquirir os elemen-

tos das disciplinas scientificas. Mas, já neste particular, quanto se pecca contra as regras cardeaes dum processo systematico! Basta lembrar como entre nós eram feitos, ainda ha pouco, os estudos chamados preparatorios e é feito hoje o curso de madureza, talvez por ironia assim alcuñado.

Sorprehendemos um dia um rapaz profundamente embebido na leitura dum pamphleto socialista tirado da estante do pae; inquirindo-o sobre a materia verificamos com assombro que ao joven faltavam em absoluto as mais rudimentares noções de economia politica, de sorte que a comprehensão do que lia lhe era simplesmente impossivel. Esta completa ausencia de methodo nos pareceu quasi criminosa, porquanto o pobre moço podia apenas colher da obra um acervo de vocabulos incomprehendidos; elle lia o livro como uma creança de dois mezes, que ainda não aprendeu a ver, observa o mundo.

Consiste a sentença visceral da doutrina de Emerson em guardar moderação

---

na leitura e, de facto, nunca o velho apophtegma—*Non multa, sed multum*—teve mais pertinente emprego, visto como as devastações, que a demasia de leituras sem selecção pode causar na intelligencia, têm sido claramente reconhecidas pelos melhores pensadores.

Da mesma sorte que uma mola, disse Schopenhauer, sob a pressão persistente de um corpo estranho, perde a sua elasticidade, assim o espirito deprime-se com o accumulo de idéas estranhas.

Referindo-se a Sir Henry Dodwéll—tão afamado pelo seu extraordinario apêgo aos livros quão celebre pelo seu exiguo saber—escreveu Macaulay que «a pequena fagulha intellectual, que nelle vivia, fôra abafada e extincta pelo excesso de combustivel.»

D'entre os preceitos praticos aconselhados pelo grande critico norte-americano avultam os dois seguintes: 1.º) nunca lêr senão obras primas; 2.º) nunca lêr senão o que nos agradar.

Concordando com a primeira destas prescripções, o philosopho allemão recommenda, a todo o homem que aspira á cul-

tura, a obtenção de um golpe de vista seguro sobre as principaes correntes literarias e as suas personalidades mais salientes ; afóra isto, porém, e em obediencia á segunda regra, confere á individualidade o pleno goso de seus direitos, sem que d'ahi seja para recear o «particularismo» em leitura.

Bem ao inverso : por este modo conseguir-se-á adquirir uma orientação literaria assás definida e original e combater um dos mais lamentaveis defeitos da nossa vida intellectual, o deploravel nivelamento, a uniformização quasi systematica das intelligencias, modeladas todas pelo mesmo programma academico ou official.

Para verificar a justeza desta opinião é sufficiente observar-se alguma vez a simples troca de idéas entre pessoas medianamente instruidas : todas leram o mesmo, todas pensam egualmente, todas julgam com identico criterio : os conceitos variam apenas na fórma e equivalem-se em essencia ; o individuo está morto, vive apenas o homem.

Quão differente quando a discussão é entre individuos cuja actividade men-

---

tal visa interesses diversos! Que competencia fertil, que mutua fecundação de idéas!

A regra emanante do principio individualista é, entretanto, a mais frequentemente infringida, pois, consideravel é o numero daquelles que malbaratam as poucas horas de que dispõem para a leitura, submettendo-se ao sacrificio de ler um livro, lel-o do principio ao fim, tendo que lutar, pagina á pagina, contra o tédio e o enfado — só porque este livro é reputado obra prima.

Furtae-vos a semelhante tormento, exclama Emerson; lançae para longe com todo o livro que, após as trinta ou quarenta primeiras paginas, ainda vos enfastiar.

Mas, como harmonizar este conselho com a primeira das maximas por elle proprio preconizadas?

Não é flagrante o seu antagonismo?

E' dever primordial de todo o leitor sensato procurar de preferencia conhecer aquellas producções literarias geralmente consideradas pela opinião dos competentes como aptas a enriquecer o pensar e o sen-

---

tir humanos; na realidade, esta é uma das mais preciosas senão a principal norma para uma leitura judiciosa e attrahente. Comte teve-a em vista quando organizou as listas de obras primas appensas ao *Cathecismo Positivista*.

Como, porém, combinar este preccito com aquelle outro que nos manda ler somente o que nos agradar?

Não nos cabe o dever de, a todo transe, lermos uma obra prima?

Em rigôr semelhante obrigação não existe. Uma dilatada experiencia tem demonstrado que muitas obras notaveis nos desagradam unicamente porque pretendemos lê-las em idade na qual ainda não podemos comprehende-las, ou em disposição de espirito que nos impede de entrar em intima correspondencia com a sua indole.

Exemplificando o caso, Emerson narra como—tendo, aos dezoito annos, começado a ler a *Historia da Inglaterra* de Macaulay — as explanações historico-ecclesiasticas e dogmaticas do primeiro tomo entediaram-no a ponto de força-lo a abandonar

---

a leitura; cinco annos mais tarde devorou avidamente os oito volumes daquelle livro genial.

Quem já não fez egual observação?

Quanto á nós, recordamos o enfado com que, naquella edade, rejeitámos a obra de Bellamy — *Looking backwards*, para tempos depois, lermos com proveito e prazer a engenhosa chimera do ousado collectivista.

Dest'arte reconheceremos que o numero das obras primas, que aparentemente nos desgostam, diminue apreciavelmente com o tempo e a variação das circumstancias e todo homem de intelligencia e cultura normal chegará á grata comprehensão de que a maioria dos monumentos literarios de todos os povos e de todas as edades foram tambem creados para elle, não constituindo a sua apreciação privilegio exclusivo de raros espiritos d'escól.

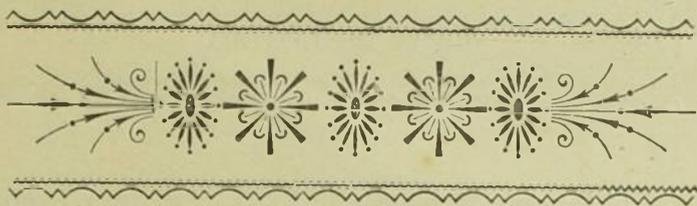
Os poucos que ainda então restarem, e resistirem mesmo a renovadas tentativas, poderão ser postos de parte e não se receie de opportunamente confessar não have-los lido.



Não vae nesta confissão o menor dezar porque, como disse notavel critico, quem ouve com sincero prazer as ondas sonoras de uma valsa de Strauss manifesta maior senso esthetico do que o *snob* que, num concerto classico, por amor ao «bom-tom» desarticula as maxillas em interminaveis bocejos durante a audição de trechos de Bach.

1904.





## XII

### UM NOVO MAPPA DO BRASIL ORIENTAL



CARTOGRAPHIA patria, não obstante a copia fallaz das especies, é ainda tão pobre de documentos fidedignos e de trabalhos originaes, que qualquer novidade no genero deve despertar a curiosidade e convidar ao estudo.

Especialmente com relação a Pernambuco, esta escassez é sobretudo notavel, se

---

The Great Western of Brazil Railway Company Limited.—*London*, 1903, (0.<sup>m</sup>53 × 0.<sup>m</sup>66).

considerarmos haver sido o seu territorio o mais bem investigado pelos antigos cosmographos.

O seu littoral já figura reproduzido com regular similhaça nas cartas de Vaz Dourado (1571), de De Bry (1592) e de Arnol'dus Florentius (1599), ás quaes sobrelevam em abundancia de pormenores as tres «demonstraçoens» de João Teyxeyra, delineadas pouco antes de 1612 e conservadas no famoso inedito intitulado — *Rexão do Estado do Brasil*.

Mas, não nos illudamos quanto ao prestimo scientifico destes primeiros ensaios: a grosseira imperfeição dos instrumentos então em uso e o falso computo das distancias não lhes permittiam senão approximações. Ainda em começos do seculo XVII as determinações astronomicas consignadas nas cartas e roteiros portuguezes e hespanhóes situavam todas as longitudes do Brasil 8° mais a léste do que a realidade, e, se tão deficiente era o conhecimento da costa, a despeito das frequentes communições maritimas, como admirar que, logo a poucas leguas do Atlantico, começasse a intermina região desconhecida, cujas soli-

dões a phantasia de imaginosos gravadores se comprazia em semear de extraordinarios accidentes naturaes e povoar de fabulosos habitantes!

Veio depois o breve dominio neerlandez, que foi inquestionavelmente o verdadeiro periodo aureo dos progressos geographicos entre nós; não satisfeitos com corrigir os velhos roteiros defeituosos, rectificar a hydrographia littoranea, sondando e marcando cuidadosamente a costa e os portos, os «geometras» a serviço da Companhia das Indias Occidentaes iniciaram tambem a exploração topographica das terras do interior.

Sobretudo durante o brilhante governo de Mauricio de Nassau tiveram esses trabalhos singular incremento, mercê da actividade e dos talentos do joven naturalista saxonio Jorge Markgraf, um destes homens excepçionaes — mas, ainda possiveis naquellas éras — que, reunindo todas as aptidões, possuia tambem a universidade dos conhecimentos do seu tempo.

Physico, astronomo, geographo, botanico, zoologo e cartographo, Markgraf, depois de haver realizado no Recife observa-

~~~~~

ções astronomicas e meteorologicas de merito imperecivel, percorreu grande parte do territorio pernambucano e das capitancias limitrophes para determinar a longitude e a latitude das differentes localidades e traçar as respectivas cartas; de volta dessas penosas excursões consignava o resultado dos seus estudos topographicos em plantas cadastraes, admiraveis pela correção inexcedivel e o primôr do desenho.

Infelizmente, a maior parte desses preciosissimos documentos ainda permanece inedita: mas, para dar idéa do seu valôr basta assignalar que os raros publicados, por iniciativa de Mauricio de Nassau, não só tiveram repetidas edições, como serviram de fonte exclusiva de informação a todos os geographos que desde Montanus e d'Abbeville até Dalrymple e Arrowsmith —isto é, durante quasi duzentos annos— se occuparam do Brasil Oriental.

Por todo este tempo nenhum elemento novo veio contribuir para o aperfeiçoamento das observações do mallogrado sabio: os mappas succediam-se uns aos outros, variando apenas de titulo ou de escala,

e reproduzindo sempre e só os dados colhidos pelo laborioso autor da *Historia Naturalis Brasiliae*.

Em 1807, porém, o piloto José Fernandes Portugal, que devia ser uma das illustres victimas da nossa primeira revolução republicana, organizou uma *Carta Geographica da Capitania de Pernambuco*, baseada em explorações originaes, quanto á região de léste, e em noticias combinadas dos moradores e viajantes praticos dos logares, no relativo á vasta extensão occidental; mais tarde, em 1823, os officiaes do Corpo de Engenheiros Firmino Hereulano de Moraes Ancora e Conrado Jacob Niemeyer trouxeram novo e valioso contingente á cartographia pernambucana com o seu *Mappa Topographico*, arranjado segundo os trabalhos existentes e as observações feitas por ordem da Junta do Governo Provisorio; aperfeiçoado no anno seguinte, foi esse mappa amplamente aproveitado para a confecção da *Karte von Ost-Brasilien* regida em 1831, por Martius e Eschwege.

Pela mesma época a hydrographia da costa era consideravelmente melhorada,

graças ás investigações do Barão de Roussin, de E. Mouchez, Philipp Parker King, Robert Fitzroy e outros officiaes das marinhas franceza e ingleza, de sorte que a *Carta Corographica* de Conrado Niemeyer e Marcos Pereira de Sales, publicada em 1843, apresenta notaveis progressos, tanto no que diz respeito á maior abundancia de indicações, como ás correccões; valeu-lhe isto ser—a exemplo do succedido com os mappas de Markgraf — reproduzida, quasi sem alterações, pelo Visconde de Villiers de l'Isle Adam, em 1848; pelo Dr. Candido Mendes, em 1868, e por Lomellino de Carvalho, em 1882.

Emfim, em 1880, surgiu novamente uma producção — senão rigorosamente scientifica, pelo menos fertil em informações ineditas—o *Esboço da carta corographica da provincia de Pernambuco*, organizado pela Repartição das Obras Publicas Provinciaes. Para esse mappa, ainda hoje o melhor que possuímos, foram judiciosamente aproveitados, além de todos os trabalhos anteriores dignos de credito, principalmente os resultados novos das explorações parciaes comprehendidas no

interior pelos engenheiros Dombre, Beringer e Mermoud, por iniciativa do inolvidavel Victor Fournié, então director daquella repartição, bem como os da commissão incumbida do traçado do prolongamento da Estrada de Ferro do Recife ao S. Francisco.

Attenta á falta dum levantamento systematico e de cuidadosas operações geodesicas, só com que poderiam ter sido evitados os seus numerosos erros, representa, para a época, a realização dum commettimento digno dos mais calorosos louvores.

O novo mappa, agora mandado elaborar pela directoria da *Great Western of Brazil Railway*, veio supprir algumas das lacunas principaes do de 1880; mas, não póde aspirar a substituí-lo inteiramente, o que, de certo não tivéram em mira os seus autores; destinado especialmente a representar a rêde ferroviaria explorada por aquella companhia, cobre uma área de approximadamente 250,000 kilometros quadrados, comprehendendo a metade oriental de Pernambuco e a totalidade da

~~~~~

superfície de Alagôas, da Parahyba e do Rio Grande do Norte; copioso e exacto nos pormenores topographicos ao longo do traçado das linhas ferreas, quanto ao demais resente-se do mesmo defeito fundamental dos precedentes: é uma obra de compilação, feita com elementos esparsos, de valôr desigual e sem unidade de intuitos; talvez por negligencia do gravador e dos revisores, não traz declaração da escala (presumimos seja de 1:100000000) e contém bom numero de toponymos estropeados.

Entretanto, o trabalho graphico honra as famosas officinas de que saiu e confere-lhe um aspecto de nitidez e de precisão pouco vulgar na nossa cartographia.

Em resumo, é um passo andado para a realização da carta geographica definitiva do nosso Estado, cuja falta, de dia a dia, se torna mais sensível.

Mas, quando chegaremos, não a possuí-la, mas a empregar de véras asua execução, a exemplo do que se faz em Minas-Geraes e em S. Paulo?

---

De certo não será em futuro proximo, porquanto se tem procurado exagerar formidavelmente os obices a similhante empresa, cogitando em commettê-la simultaneamente com o estudo geologico, climatologico e botanico do nosso territorio. Foi por isso que V. Fournié calculou em 5185 contos (ou 40\$000 por kilometro quadrado) o seu custo e em dez annos o tempo necessario para levá-la a termino, despesa e praso que L. Lombard, mais optimista, posteriormente reduziu á metade.

As nossas exigencias presentes devem ser mais modestas, afim de serem mais facilmente satisfeitas: almejemos apenas uma bôa *carta geographica*, confeccionada sobre uma exploração systematica do nosso territorio, consistindo na organização duma triangulada, no levantamento topographico do terreno e na determinação approximada do relevo do sólo.

Com bôa vontade e pessoal idoneo, estes trabalhos podem ser effectuados sem tão grande demora nem tão avultado dispendio, e os seus resultados positivos e immediatos são por tal fórma evidentes que não precisamos acentuá-los.

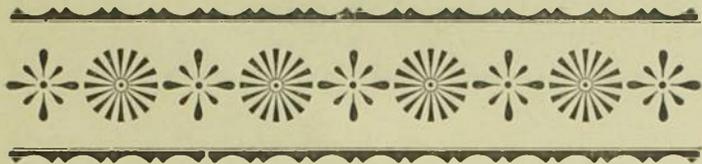


No interesse da propria *Great Western of Brazil Railway Company* está a sua urgente realização, ponderada a necessaria expansão futura das suas linhas ferreas, rumo do nosso *Far West*.

Esperemos, pois, que após o presente ensaio, faça, dentro em pouco, apparecer mais completo e prestavel succedaneo.

1904.





### XIII

## A NATURALIDADE DE CAMARÃO

**E**IS mais uma importante monographia sobre a tão debatida questão da naturalidade do famoso guerreiro indigena, cujo berço tem sido porfiadamente disputado por Pernambuco, a Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará.

Sou daquelles que pensam não ser a mais estreita amisade incompativel com

---

*F. A. Pereira da Costa.*—A verdadeira naturalidade de D. Antonio Felipe Camarão. (Seculo XVII). Estudo historico. — *Recife, 1904*, in-4°, 41 pp.

---

possiveis divergencias de opinião, nem in-  
fensa ao direito de expressá-las com sin-  
ceridade.

A profunda e verdadeira estima que,  
ha longos annos, consagro ao Sr. Pereira da  
Costa, a grande admiração que rendo aos  
seus inestimaveis talentos de historiador  
não me inibiriam, pois, de apreciar com  
imparcialidade o seu novo trabalho, e o  
conhecimento da pureza adamantina do  
seu character me autorizava a fazê-lo sem  
receio de melindrá-lo, se porventura dis-  
cordasse do seu modo de pensar.

Alegra-me, por isso, sobremaneira, po-  
der affirmar ter elle dado finalmente solução  
completa e definitiva a um problema que,  
mau grado a sua importancia secundaria,  
ha quasi meio seculo tem sido discutido  
sem resultado pelos melhores sabedores da  
nossa historia.

Urge accrescentar que ainda em ne-  
nhum dos seus ensaios anteriores revelou  
com egual brillantismo a sua vasta sciencia  
historica, o seu raro talento de argumen-  
tador subtil, a sua pericia no desenvolvi-  
mento duma these, e o instincto singular que  
o faz descobrir em paginas, já moderada-

mente soletradas por dezenas de precursores, descuidados testemunhos de maximo valôr.

No presente estudo visa e consegue demonstrar duas proposições: ter sido pernambucano o heróe potyguar da guerra hollandeza e que se não deve identificá-lo com o seu homonymo, já conhecido dos portuguezes em 1598.

Em prova da ultima asserção invoca o depoimento valiosissimo dum contemporaneo, e tão valioso que deveria ter sobre elle alicerçado todo o edificio da sua argumentação; não n'ô fez, porém, e reservou-o para golpe de misericordia.

A defesa da opinião abraçada assim o exigia, talvez.

Observarei, portanto, na analyse o mesmo plano da exposição.

Deixando para o final o testemunho de Simão de Vasconcellos, o Autor adduz muitas provas para estabelecer a impossibilidade de serem confundidos num mesmo individuo o *morubixaba* da aldeia de Ygapó, e o bravo vencedor de Artischofsky; dentre ellas a que mais impressiona se estriba na edade avançada e consequente

incapacidade physica em que deveria se encontrar aquelle para tomar parte activa na campanha da restauração pernambucana.

Faz honra ao Sr. Pereira da Costa a argucia e habilidade com que aproveitou e desenvolveu este, na apparencia, formidavel argumento.

Admittindo que Antonio Camarão, já em 1598 chefe duma aldeia importante, tivesse então seus trinta annos, ao fallecer em 1648 seria octogenario e, portanto, inapto para arrojadas empresas marciaes.

Mas, que nem sempre idade tão avancada implica declinio de vitalidade, nos mostra a historia com dezenas de exemplos de guerreiros macrobios, dentre os quaes apenas citarei alguns dos mais typicos:

Carbajal, o sanguinario lugar-tenente de Gonzalo Pizarro, tinha *oitenta e quatro* annos quando, prisioneiro na debandada de Xaquixaguana, foi decapitado, após muitos mezes consumidos, pelos invios alcantis do Perú, em façanhas e correrias tão assombrosas, que ainda hoje a sua memoria perdura na tradição popular sob a

alcunha sinistra de *El demonio de los Andes*; aos *noventa e dois* annos Jugurtha, rei da Numidia, pelejava um dia inteiro montado a um cavallo em pello; alcançara a mesma idade o celebre chronista e um dos chefes principaes da sexta cruzada, o Conde de Joinville, ao acompanhar Luiz X á conquista de Navarra; era tambem de igual anciania o general hespanhol Mondragon, ao annullar com a prestesa das suas manobras, nas charnecas alagadas da Frisia, os movimentos tacticos do grande Mauricio de Nassau; furioso com a demora dos companheiros no assalto aos muros de Constantinopla, em 1204, o Doge de Veneza, Enrico Dandolo, atira-se, completamente armado, da prôa da sua galéra ás aguas do Bosphoro e guia os cruzados á victoria: contava então *noventa e tres* annos, e na lembrança de todos nós estão vivas as palavras do heroico fronteiro de Beja, convidando os amigos a festejarem o seu natalicio com uma algara em terra de mouros: «Faz hoje *noventa e cinco* annos que recebi o baptismo.»

E todos elles, como o *Lidador*, tinham «vestido armas» desde a adolescencia!

E a longevidade entre os nossos indigenas era proverbial.

Estas objecções, porem, têm de ruir por terra em face do trecho seguinte da *Chronica da Companhia de Jesus* (Livro II § 2.<sup>b</sup>), trecho até hoje ignorado por quantos se têm empenhado no debate e agora muito bem utilizado pelo Sr. Pereira da Costa.

Enumerando os chefes indigenas convertidos á fé christã, escreveu alli o Padre Simão de Vasconcellos: « Da mesma maneira dos Potigoáres, um antigo Potigoaçu, Guiráopina, Arárúna, Cerobabé, Meirúguaçu, Ibatatá, Abaiquija, todos famosos, e principaes de grandes povos dos quaes se affirma, punha em campo cada qual delles de vinte a trinta mil arcos; que foram grande presidio nosso na Capitania de Itamaracá, Parahyba e Rio Grande. Não fallo aqui doutro Potigoaçu, maior que todos estes, assombro que foi de Hollandezes em nossos tempos, nas guerras do Brasil; porque para suas façanhas um tomo inteiro era pouco volume.»

Eis ahi um testemunho explicito de escriptor contemporaneo, assegurando a dualidade do velho Antonio Camarão e de

D. Antonio Felippe Camarão, ambos designados pelo mesmo nome tupi de Potigoaçú (*Camarão Grande*); embora isolado, o depoimento do padre Vasconcellos é muito fidedigno, pois conta em seu apoio com muitas provas circumstanciaes allegadas pelo nosso benemerito confrade: o casamento de D. Antonio Felippe com D. Clara, o facto de haver deixado um filho ainda menor em 1661, e a passagem do *Custrioto Lusitano*, alludindo a ter fallecido em idade não avançada, apesar da forma ambigua, no genero de antithese, por que se expressou o guindado chronista.

O seu conjunto impõe a convicção inabalavel de ser impossivel identificar o antigo chefe—que seguindo, em 1614, na jornada do Maranhão, se deixou ficar no Ceará prostrado pelas fadigas da marcha, com o infatigavel lutador, que ainda em 1648, na primeira batalha dos Guararapes se distinguio por feitos de incomparavel bravura.

O Sr. Pereira da Costa deixou assim plena e cabalmente demonstrada a sua segunda proposição, e firmou de vez mais um facto interessante dos patrios annaes.

Com relação á primeira foi igualmente feliz.

Ainda no animo dos mais fervorosos partidarios da opinião adversa deve causar funda impressão o numero e o quilate das razões a que appellou para victoriosamente justificar o conceito de haver sido pernambucano D. Antonio Felippe Camarão, isto é, ter nascido dentro dos limites do actual Estado, porquanto mui diversos eram os da primitiva capitania.

Não tenho espaço para analysar aqui, um a um, os elementos da sua dialectica, nem salientar detidamente o valôr de cada uma das suas arguições, uma e outras, aliás, sufficientemente conhecidas das suas antecedentes publicações sobre o assumpto; as impugnações que até agora pareciam poder invalidá-las já não subsistem mais á vista da evidente dualidade dos personagens inquestionavelmente fixada pelo testemunho de Simão de Vasconcellos.

Em resumo: acredito sem reservas ter havido, figurando nos nossos fastos coloniaes em épochas successivas e proximas,

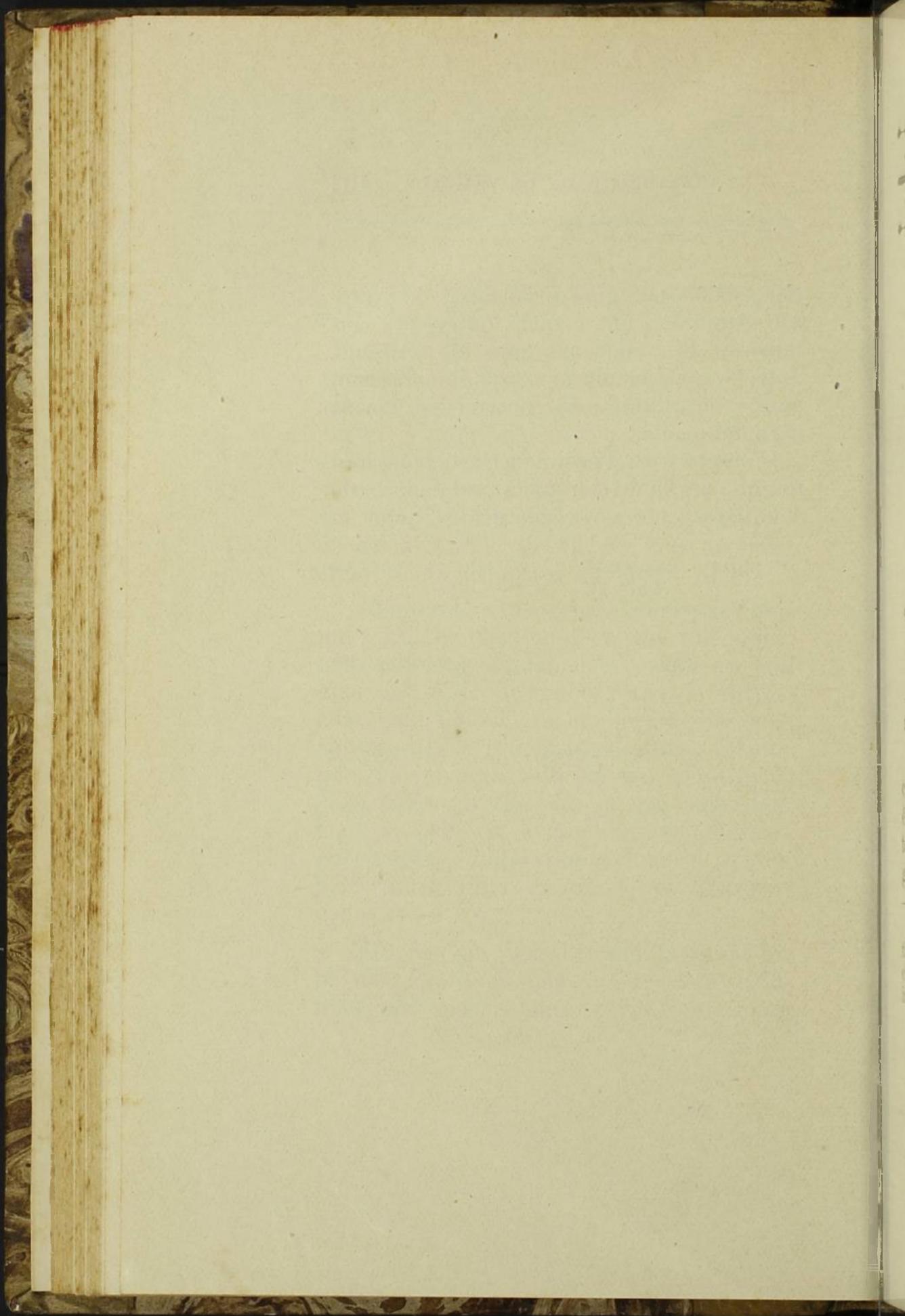
---

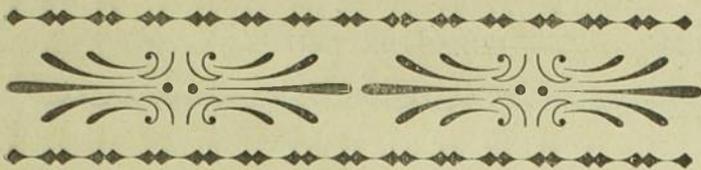
dois chefes potyguares do nome de Antonio Camarão; um, o mais antigo, era certamente filho das margens do Potengi, outro, o mais moderno, o paladino da campanha da restauração, nasceu em terras pernambucanas.

Felicito ao Sr. Pereira da Costa pelos louros, que acaba de conquistar, estabelecendo definitivamente a verdade desses factos.

1904.







XIV

OS RECIFES DA COSTA DO BRASIL

 ESTUDO da geologia do Brasil nestes ultimos quarenta annos tem sido, quasi exclusivamente, obra de tres scientistas norte-americanos: Hartt, o saudoso companheiro de Agassiz, inaugurou a nova éra de investigações systematicas, brilhantemente continuadas pelos seus dois amigos e discipulos Derby e Branner: o pri-

---

*John C. Branner.*—The stone reefs of Brazil, their geological and geographical relations, with a chapter on the coral reefs,—*Cambridge, Mass, 1904*, in-8<sup>o</sup> gr., 285 pp., 104 grvs., 99 ests.

meiro mais especialmente com relação a S. Paulo e aos Estados limitrophes, o segundo quanto a região norte-oriental.

Com excepção talvez apenas de alguns trabalhos de Louis Lombard, infelizmente hoje afastado do nosso convívio, tudo o que modernamente possuímos de conhecimentos sobre a geologia e a geographia physica de Pernambuco é devido ás pesquisas do douto Vice-Presidente da Universidade do Stanford; ahí estão, accessíveis a todos e permittindo aquilatar da importancia dos seus trabalhos, as elegantes traducções que dos principaes tem entre nós dado á publicidade o meu illustre amigo e confrade Dr. João Baptista Regueira Costa.

O professor John C. Branner veio pela primeira vez ao Brasil já em 1875, como ajudante de Hartt, e aqui permaneceu por alguns annos na qualidade de membro da *Imperial Commissão Geologica*; teve então ensejo de visitar e percorrer demoradamente o nosso Estado, colhendo os materiaes e as observações para muitas das suas monographias posteriores. Extincto aquelle utilissimo empreendimento,

regressou á patria, onde, em breve os seus serviços foram aproveitados pelo Estado de Arkansas, na direcção do respectivo levantamento geologico, até que passou a assumir a cathedra de mestre no magnifico e futuroso instituto de ensino superior com que a piedade paternal do millionario Stanford dotou a California.

Proseguindo sempre nos seus estudos brasileiros, em meados de 1899 voltou ao nosso paiz, no designio de rectificar e completar os seus conhecimentos especiaes por meio de novas explorações.

Os seus brilhantes e preciosos resultados já foram consignados em varios artigos de menor vulto e principalmente na memoria sobre *A geologia da Costa do Brasil*, em sua quasi totalidade por mim traduzida para o portuguez e publicada nas Revistas dos Institutos Archeologico e Geographico Pernambucano e Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Mas, a ultima viagem do professor Branner teve um objectivo particular e determinado, qual o exame minucioso do phenomeno geologico mais notavel da

costa oriental do continente sul-americano: os recifes de pedra.

Este é o assumpto do seu novo trabalho ha pouco primorosamente editado pelo *Museu de Zoologia Comparada* da Universidade de Harvard.

Seria estulta pretensão querer cifrar no ambito dum simples *compte-rendu* o conteúdo da obra tão notavel e vultuosa; aliás, na sua traducção para o portuguez já trabalha o Dr. J. B. Regueira Costa.

Por isso farei aqui sómente ligeiro epitome das principaes conclusões que encerra.

Nas costas de muitas regiões tropicaes são frequentes os recifes de coral; os de pedra, porém, acham-se quasi que circumscriptos ao norte do Brasil, pelo menos quanto ao numero e ás dimensões.

E' sabido como se estendem, com grandes e numerosas interrupções, das proximidades do Ceará ao sul da Bahia, numa distancia de dois kilometros, acompanhando a linha da praia e resguardando aqui e alli, como verdadeiros diques naturaes, muitos portos e enseadas que sem a sua presença não existiriam.

Sobretudo em face do littoral pernambucano se apresentam a miudo: existem em Goyanna, no Rio Doce, no Recife, na Piedade, em Venda Grande, em Gaibú, ao sul do Cabo de Santo Agostinho, no Porto de Gallinhas, em Cacimba, em Serinhãem, em Santo Aleixo e em Rio Formoso.

Considerados quanto á sua fórma e estructura são em geral, mas não sempre, rectos; as camadas que os constituem pendem para o lado do mar no angulo ordinario das praias arenosas; a espessura da rocha massiça não excede de tres a quatro metros; os materiaes subjacentes são areias, conchas e argillas, sem sequencia regular. O processo de formação, o caracter e a estructura destes recifes mostram serem antigas praias endurecidas pela acção do carbonato de cal, emquanto que a sua direitura indica serem fórmas de uma primitiva linha costeira fixada e tornada permanente por um processo especial de consolidação, cujos factores não foram ainda satisfactoriamente determinados.

Os meios por que se opera a lithificação das areias sob a influencia do carbonato de cal são de varias naturezas, e po-

dem todos ter contribuido mais ou menos para o endurecimento dos recifes brasileiros; mas não bastam para explicar a sua existencia, principalmente a petrificação das praias por traz dos antigos recifes.

A sua distribuição conduz á inferencia de ser a consolidação directamente relacionada com a densidade d'agua do mar, influindo tambem para isto as condições climatericas e geologicas do continente vizinho, pois, é assás provavel que as areias não teriam podido ser consolidadas se houvesse chuvas bastante copiosas e continuas para manter sempre desobstruidas as boccas dos rios e puras as suas aguas.

Em uma região de aguaceiros concentrados e de seccas prolongadas a fóz dos rios fica temporariamonte fechada e as aguas se espraíam em lagôas por traz dos bancos de areia; o accumulo de materias organicas nessas represas naturaes augmenta a acidez d'agua doce que, filtrando atravéz do dique arenoso, primeiramente dissolve o calcareo e depois o deposita de novo ao chegar em contacto com a agua do mar muito mais densa.

Por este modo alguns trechos das praias foram endurecidos, enquanto que outros permaneceram inconsistentes.

Acresce que, segundo todas as probabilidades, é durante a estação secca que a agua do mar attinge ao maximo da sua densidade, contribuindo para acelerar a consolidação do decurso do verão.

Robustece ainda mais esta hypothese o facto de se encontrarem os recifes de pedra junto ás boccas de rios de pequeno volume d'agua, jámais, porém, perto, da fóz dos de grande caudal, como o São Francisco.

Quanto á idade approximada dos recifes, attentas ás suas relações physio — e stratigraphicas e os fósseis que encerram, concluiu o Professor Branner que a sua formação começou nos primitivos tempos Plioceneos e tem continuado até hoje.

No decorrer da investigação do problema principal, que deixei imperfeitamente indicada, discute o eminente scienista muitas outras questões de summo interesse para o estudo da geologia e geographia physica do Brasil.

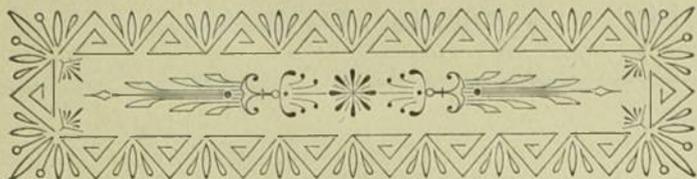


Precedendo o capitulo final, em que o Dr. Arthur W. Greeley analysa os recifes de coral, traz ainda o livro uma excellente bibliographia annotada, fertil em dados preciosos para o estudioso brasileiro em geral.

Excusado é accrescentar que, como em particular todas as edições norte-americanas, esta tambem se distingue pela nitidez do trabalho typographico e pela belleza das numerosas illustrações representando os trechos mais pittorescos e apraziveis do nosso littoral e os seus aspectos mais caracteristicos.

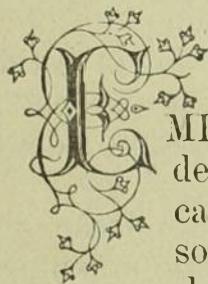
1904.





XV

## UMA MEMORIA HISTORICA



LFIM, depois duma longa série de simples relatorios estereis, calcados com pressa e sem gosto sobre os parcos informes colhidos na secretaria, vem a Faculdade do Recife de possuir a primeira «memoria historica», não só digna deste nome, pela opulencia dos dados contidos, como exemplar no genero pelo esmero com que foi elaborada.

---

*Phaelante da Camara.*—Memoria Historica da Faculdade do Recife.—Anno de 1903.—*Recife*, 1904, 4º, 120 pp.

E o que é mais ainda—aquelles se tornaram derovante impossiveis.

Prestando inestimavel serviço á egregia instituição, onde a sua palavra vibrante e autorizada infunde á nova geração as doutrinas sadias da sciencia nova, o illustre cathedratico de direito criminal acaba de rumar para o seu verdadeiro norte a indole destas monographias, preciosas quando, sem prescindir do necessario alicerce estatistico, trazem o calôr palpitante das obras feitas com estudo e amôr.

De hoje em diante quem fôr investido da mesma missão não terá escolha possivel entre o agro dever de imitá-lo e o desardo silencio.

Longe de restringir-se á relação dos fastos da nossa escola de direito no angusto periodo do anno findo, o Dr. Phaelante, com especial acuidade analytica, investiga-lhe o passado inteiro; em breves paginas—breves demais para o leitor captivo dos seus primôres—assignala com admiravel relevo descriptivo as phases varias da sua evolução quasi secular.

Tem requintes de archeologo em pesquisar-lhe as origens; zelos de historiador

---

em consubstanciar-lhe os annaes; apuros de psychologo em caracterizar-lhe os necessarios aspectos, e sobretudo carinhos de artista em representá-los todos sob forma genuinamente litteraria.

Acompanhando-o passo e passo nas *Notas Preambulares* assistimos á formação do grosseiro casulo inicial do primitivo Curso Juridico nos vetustos salões do Mosteiro de S. Bento, em Olinda; observamos a sua lenta transformação em crysalida no sombrio casarão do Hospicio, de onde, já de azas feitas, o moderno espirito academico se veio aninhar «provisoriamente» entre os muros de acaçapado edificio colonial, que, depois das arguciosas polemicas dos discipulos de Santo Ignacio, ouviram, na sua impassibilidade saxea, as parvoices lendarias de ignaros capitães-generaes.

Em phrases rapidas e de maravilhosa concisão e pertinencia, o Autor caracteriza cada um destes periodos; rasga-lhes em succinto esboço a physionomia propria, exalçando com justiça os meritos comparativos e apontando com equidade os defeitos peculiares que os differencaram.

E assim chega á éra gloriosa, quando das cathedras começaram a ser espalhadas as sementes fecundas das novas concepções das sciencias juridico-sociaes, cujos fructos sazoados ao influxo da verdade experimental foram derramar pelo Brasil inteiro a luz do direito hodierno a surgir victoriosa do nevoeiro dos conceitos metaphysicos.

Mas, cumpre registrar que se aquelles germens abrolharam em vigorosos rebentos, floresceram com brilho e fructificaram utilmente, foi porque caíram em sólo extraordinariamente fertilizado.

Muito, muito antes—enquanto ainda os lentes traçavam e mantinham inexoraveis em torno das cadeiras rigoroso cordão sanitario contra o contagio dos novos principios, entoando numa solidariedade beata de clerigos regulares o cantochão das doutrinas orthodoxas, grave concerto onde apenas desafinava ás vezes a voz liberal de Aprigio Guimarães,—no corpo discente da Faculdade do Recife as opiniões dos grandes remodeladores do direito na Allemanha, na França, na Inglaterra e na Italia infiltravam-se lentamente;

---

eram frequentes os choques entre as novidades abraçadas pelos discipulos e os dogmas archaicos dos mestres, atritos que collinearam já no escandalo tradicional do concurso de Sylvio Romero.

Os reformadores do ensino da nossa Faculdade não foram thaumaturgos, porque na sociedade, como na natureza toda, os milagres não são possiveis.

Do antagonismo flagrante entre a avidez do escól dos alumnos por uma orientação juridica assente em bases scientificas e racionaes e a obstinação dos professores em se aferrarem ao tradicionalismo de desacreditados compendios, nasceu a conjuntura propicia á actividade oportuna e efficiente de Tobias Barretto, José Hygino e João Vieira, coroada de tão brilhante successo.

Instruidos nas lecções dos progonos da ultima grande reforma philosophica e intervindo a proposito, conseguiram, pelo seu esforço, talento e illustração, restabelecer o equilibrio, que a progressiva eliminação dos fanaticos do velho credo e a sua substituição pelos adeptos do novo têm cimentado definitivamente.

Aos tres pioneiros, a gloria de haver iniciado com vigôr e competencia o movimento salutar.

Não comporta o ambito desta noticia me demore por tamanho espaço na apreciação dos demais capitulos em que se divide, sem se fragmentar, a presente «memoria historica», pelo que, a contragosto, destacarei apenas alguns de cuja leitura guardei mais viva impressão.

Entre estes saliento em primeiro logar aquelle em que o Dr. Phaelante discute o novo plano da criação duma universidade no Brasil.

O assumpto tem, nestes ultimos tempos, merecido o exame e a meditação dos nossos mais abalisados especialistas em materia de instrucção superior, e os pareceres e projectos a respeito se multiplicaram; mas, ainda depois de tão debatido o problema, quando parecia não restar mais uma só proposição a elucidar, o Autor logrou descobrir-lhe aspectos ineditos e o apresentou á discussão collocado sobre premissas inteiramente originaes, de notavel criterio e subordinadas principalmente á feição particular do character nacional:

---

sem prejuizo da doutrina, soube alli vincular os sentimentos do patriota ás convicções do scientista.

Ao occupar-se da directoria, enaltecendo os meritos singulares do cidadão colendo que óra a exerce, tem occasião de fixar em relevo de medalha os bustos de Maciel Monteiro, Lopes da Gama, Visconde de Camaragibe e João Alfredo, seus dignos antecessores; a mesma facilidade em desenhar fiel e promptamente physionomias moraes manifesta ainda nas leves e frisantes characteristics dos lentes actuaes, superando com felicidade os accidentes possiveis em empresas semelhantes.

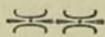
São justas e judiciosas as suas considerações relativas ao auspicioso desenvolvimento da bibliothéca, mercê do zelo intelligente dos seus dois ultimos directores—Manuel Cicero e Frota Vasconcellos, empenhados em enriquecê-la com as melhores publicações modernas, dar-lhe organização conveniente e transformá-la, de «cemiterio de livros» que era dantes, em poderoso elemento cultural.

A' vista do que é hoje, como nos parece remoto, quasi perdido em brumas

medievaes, aquelle anno de 1859, quando o Imperador D. Pedro II, visitando-a, inqueria, num capricho de bibliophilo, qual o livro mais antigo que encerrava e o respectivo director lhe trazia pressuroso um exemplar da Biblia!

Na *Conclusão* deixa o Dr. Phaelante se expanda novamente o seu patriotismo ardente num hymno triumphal á terra do berço, mostrando como a Faculdade do Recife representa tambem as tradições pernambucanas no que ellas podem ter de mais elevado.

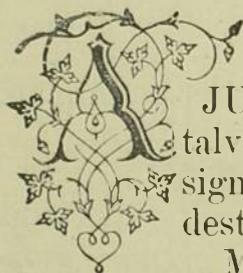
Possúe o Autor um estylo todo pessoal e de extraordinaria originalidade pittoresca; terso, sem preocupações classicas, palpita cheio de vivacidade e de rhythmico, transformando em trechos da leitura deliciosa ainda as exposições dos assumptos mais aridos, codimentadas a proposito de anedotas referidas com espirito e *allure*, ou esmaltadas de imagens escolhidas e empregadas com infinita pericia, esplendendo sobre o fundo colorido da narrativa com o brilho de aureas incrustações.





XVI

## MEDICINA E MEDICOS



JULGAR pelo titulo parecerá, talvez, fóra de proposito consignar aqui o apparecimento deste interessante volume.

Mas, não se trata duma obra de sciencia pura e antes duma judiciosa e elegante analyse e discussão, com referencia ao meio pernambucano, dos objectos que lhe servem de epigraphe.

Nas suas paginas ha muita cousa de valia a ser respigada pelo historiador que

---

*Dr. Octavio de Freitas.*—Os nossos medicos e a nossa medicina. — *Recife, 1904*, in-8°, 291 pp.

não faz da sua espinhosa missão o comodo officio de collectôr de ephemerides.

E' que hoje a historia abandonou o seu papel de mestre de cerimonia a proclamar ruidosamente os orgulhosos titulos nobiliarchicos dos soberanos por «graça divina» e se elevou á tarefa mais nobre de soberana disciplina social; deixou Voltaire, tecendo grinaldas de rosas ou de goivos em torno das datas dos natalicios, dos obitos principescos, para vir, com Taine, pôr á luz as origens dos acontecimentos.

Ao panegyrico dos heróes preferio o cadastro dos factos instructivos; antepoz a verdade á gloria.

Fez-se humana e scientifica.

E, obedecendo ao famoso e cançado preceito de Molière — *Je prends mon bien où je le trouve* — desceu da sua sublimidade rhetorica para pedir o auxilio prestimoso das sciencias irmãs.

E os resultados da nova orientação foram extraordinarios.

Particularizando, basta lembrar o quanto servio a Littré e a Cabannel o concurso das sciencias medicas á elucidação formal de obscuros problemas historicos, e a Buckle,

Drapper, Tylor e ao proprio Spencer para a consolidação das suas theorias sociologicas.

Quem de futuro quizer delinear com verdade a ethnopsychologia pernambucana muito lucrará com a leitura attenta do bello trabalho do Dr. Octavio de Freitas.

As condições domiciliarias, os cuidados de limpeza pessoal e domestica, o regimen alimenticio de um povo, são elementos sobremaneira valiosos para a bôa comprehensão de sua capacidade physica e cultural.

Sobre estes assumptos o livro do illustrado clinico é devéras instructivo.

E' triste verdade sermos em geral um povo sem hygiene privada, e quando uma epidemia nos assalta é aos poderes publicos a que lançamos toda a culpa em vociferações clamorosas.

Falta de providencias, desidia, menosprezo da saúde publica, bradam os opposicionistas.

E por pouco chegariam a acoimar o governo — como os camponios russos da Massovia os agentes fiscaes do imposto agrario — da autoria do flagello.

Entretanto, urge confessá-lo, são plausíveis todos os motivos assignalados pelo Dr. Octavio de Freitas como producentes do pessimo estado sanitario da nossa capital.

Não é preciso ser medico ou hygienista para reconhecê-lo.

Mau grado a sua privilegiada situação topographica, banhado por dois rios junto á sua fóz, varrido constantemente pelos aliseos, o Recife apresenta assombroso coeficiente de mortalidade.

A que attribuí-la?

Principalmente á falta de conveniente aeração das ruas, á imprestabilidade do actual systema de esgotos das aguas pluviaes e servidas e das materias fecaes, e ao pernicioso processo de fazer aterros *com lixo!*

A estas causas de possivel abolição e pela qual muito se empenham as administrações estadual e municipal, se prendem ainda outras de mais difficil extincção, qual a pessima alimentação das nossas classes baixas, assumpto certamente digno de um desenvolvido estudo.

Neste capitulo inicial—*Hygiene e hygienistas*—são tambem discutidas, a pro-

---

posito da frequencia da variola entre nós, as vantagens da vaccinação obrigatoria, declarando-se o Autor francamente partidario desta grave medida, cuja effectibilidade tão accesas polemicas tem provocado no seio do parlamento nacional.

Passando a fazer a historia da hygiene na cidade do Recife, resume-a nas tres individualidades dos Drs. Joaquim de Aquino Fonseca, Pedro de Athayde Lobo Moscoso e Rodolpho Galvão, directores em diversas épochas da repartição sanitaria de Pernambuco, ás quaes acrescenta ainda o nome venerando do Dr. Cosme de Sá Pereira, o estimado decano actual dos nossos medicos.

Esboça primeiro, a traços largos, fieis e vivos, a personalidade de cada um delles, e narra depois, por miudo, os inestimaveis serviços que prestaram em pról do saneamento desta capital; vê-se que não foi á mingua de profissionaes competentes a indicar as providencias necessarias que elle ainda hoje tanto deixa a desejar.

N'*A Evolução Cirurgica* o Autor teve amplo ensejo de demorar-se carinhosamente a desenhar os perfis dos seus emi-

nentes collegas Drs. Malaquias Gonçalves e Arnobio Marques, os dois mais reputados «artistas» da medicina externa entre nós; em paginas dum sabôr genuinamente literario analysa as circumstancias que retardaram a adopção dos seus progressos em Pernambuco e registra com mercedos applausos a benefica actividade daquelles dois progonos, salientando egualmente as aptidões eminentes dos Drs. Simões Barbosa, João Paulo, Vieira da Cunha, Alfredo Costa e João Rangel nos dominios especiaes da gynecologia, da obstetricia e da estomatologia.

Não menos captivante, mesmo para o leigo, é o capitulo immediato, consagrado a *Os Progressos da Medicina*, onde se nos deparam considerações judiciosas sobre a marcha evolutiva da «arte» para a «sciencia», da therapeutica empirica á pathogenica, e nos seduzem, pelo encanto da sua factura artistica, os retratos tão bem acabados dos nossos clinicos mais notaveis, como os Drs. Ermirio Coutinho, Constancio Pontual e Carneiro da Cunha, desenhados com tamanho talento de observação, fidelidade psychologica e esmero de composição que

---

um belletrista exigente não vacillaria em transportá-los, sem retoque, para as paginas duma obra de arte pura.

Estas mesmas qualidades literarias, que a natureza do assumpto com a sua obrigada terminologia rebarbativa parecia impossibilitar, se nos revelam de modo brilhante no estudo sobre os—*Jornalistas medicos e sociedades de medicina*; em parte é um trecho primorosamente elaborado da historia das instituições scientificas em Pernambuco, e em outra constitúe precioso subsidio para o futuro analysta da imprensa pernambucana aquilatar do merito e da importancia do contingente com que a classe medica concorreu para o seu incremento, urgindo destacar dentre elles, nestes ultimos tempos, os talentos de esmerado estylista e de argumentador habilissimo revelados pelo Dr. Raul Azedo.

Sem deter-me nas secções relativas a *A Campanha do Saturnismo* e a *A Peste Bubonica e a pesquisa do seu bacillo*, em que se debatem questões de interesse mais exclusivamente profissional, passo a occupar-me de parte final do excellente

~~~~~

livro do Dr. Octavio de Freitas—*As grandes epidemias.*

As molestias que maiores devastações têm produzido sob a fórmula epidemica no Recife, escreve o operoso e erudito clinico, são: a variola, o cholera-morbus e a febre amarella.

A primeira é, no seu autorizado dizer, depois da tuberculose, das molestias zymoticas a que maior numero de obitos faz no Recife; falleceram-lhe, porém, elementos para fazer a sua historia detalhada antes do seculo passado, o que, aliás, de modo algum prejudica a perspectiva do quadro aterrador que desta medonha enfermidade nos traça.

E' aqui ensejo de lembrar que a denominação de *catapóras*, applicada ás bexigas benignas ou discretas, é de procedencia indigena; segundo informa o sabio indianologo Baptista Caetano, vem do tupi — *tata-pór* — (fogo saltar, salta-fogo) significando tanto a variola, como a escarlatina, o sarampão e qualquer erupção cutanea.

Quanto á febre amarella, o Autor enumera detalhadamente os seus estragos desde os fins do seculo XVII, quando aqui gras-

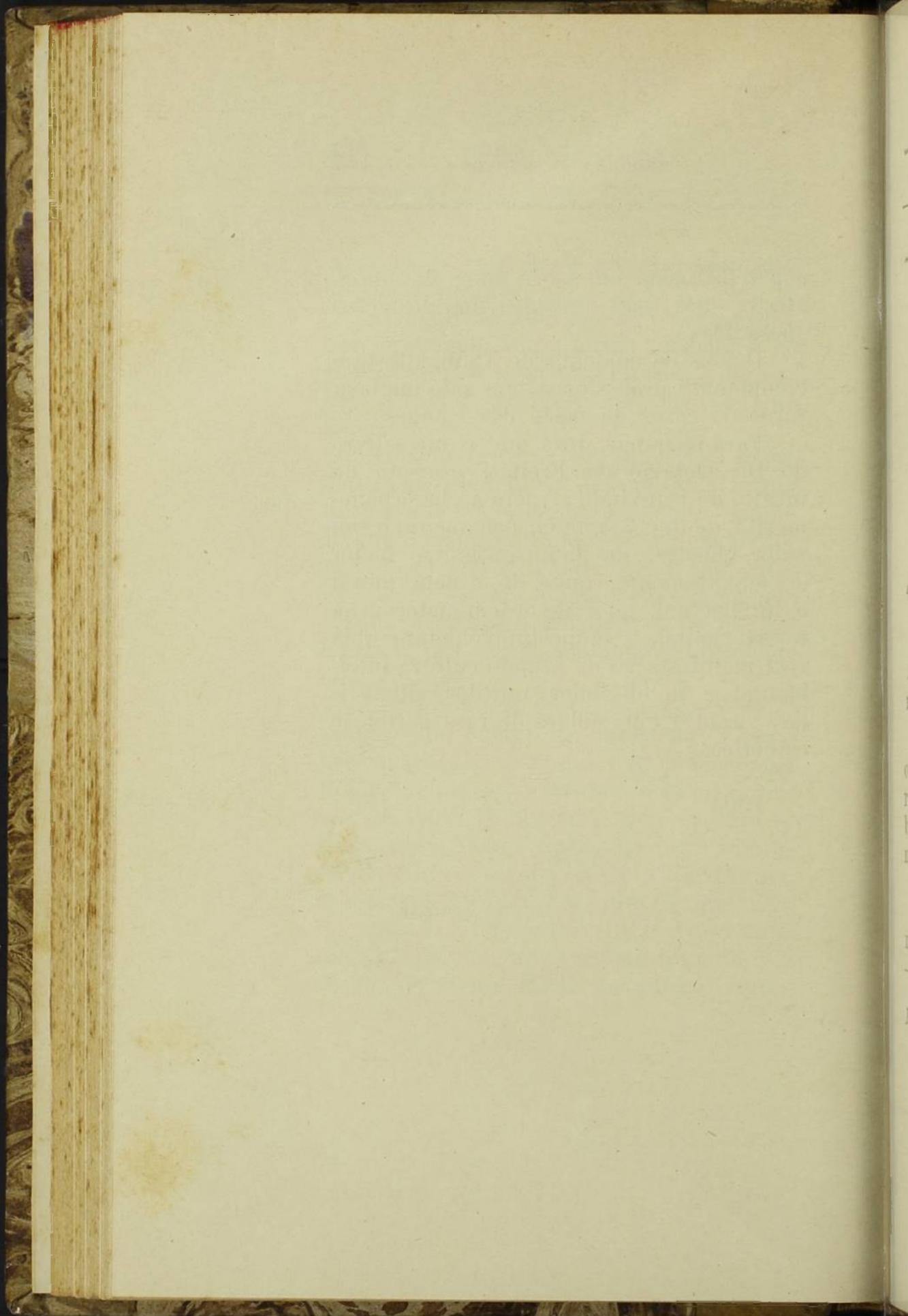
sou temerosamente sob o nome de *Males*, até ás suas mais recentes manifestações sporadicás.

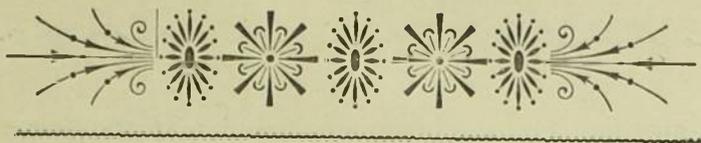
Depois da epidemia de 1856, attesta o competente profissional, têm sido tambem raros os casos da peste dos Ganges.

Para terminar, direi que o novo livro do Dr. Octavio de Freitas, escripto no intuito de reinvidicar para a classe benemerita, de que é singular ornamento o seu valôr effectivo de importantissimo factor de adiantamento, quer de ordem moral e intellectual, quer de ordem material na nossa capital, é inquestinavelmente uma real manifestação de grande cultura intellectual e nobilissimos intuitos altruisticos vazados em moldes de rara perfeição esthetica.

1904.

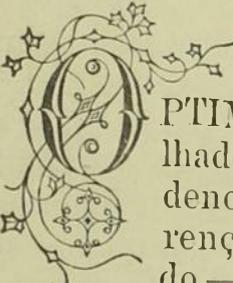






XVII

O SR. THEOTONIO FREIRE

PTIMISTA inconvertível, trabalhador infatigável, reagindo com denodo estoico contra a indiferença deste nosso meio illetrado — ou melhor, ante-literario, o Sr. Theotônio Freire, um dos poucos factores reaes do progresso da intellectualidade brasileira, acaba de offerecer ao publico um novo livro.

E' uma serie de contos.

No prefacio magistral da admiravel novella—*Pierre et Jean*—o espirito emi-

Theotônio Freire. — Flammulas. — (Contos). — Recife, 1904, in—16°, 177 pp.

nementemente observador e synthetico de Maupassant parece ter firmado o *canon* definitivo deste difficilimo genero belletristico, e não sei de processo mais prompto e seguro de verificar do merito de producções desta natureza, do que apreciá-las primeiro atravéz das theorias estheticas professadas pelo mestre inimitavel.

As do *Flammulas* supportam triumphantas esta prova rigorosa.

O Autor possúe em alto gráo esta rara habilidade de composição, que não é frequente depararmos fóra da literatura franceza; esta sciencia delicada e subtil que consiste em desdobrar os incidentes da fabula, ou os episodios do entrecho em obediencia ao seu entrelaçamento harmonico e á sua gradação emotiva: este instincto geometrico da proporcionalidade das partes duma obra d'arte e do effeito, por assim dizer, plastico do seu agrupamento final.

Não ha regras praticas para tal conseguir e as engenhosas *ficelles* tráem sempre, a olhos perspicazes, o artificio das suas fibras; mas, conseguí-lo já é quasi

penetrar o segredo sublime da perfeição suprema, que faz da naturalidade um elemento básico.

Aqui—bem como na singeleza do estylo, que Daudet confessava ter *frito os miólos* para alcançar—é mistér deixar o leitor ignorante da penosa gestação da obra; não consentir perceba ter sido primeiro informe montão de argilla, aos poucos transformado sob a mão do artista, a estatua magnífica que lhe captiva a admiração; não permittir suspeite sequér do grosseiro aspecto do minerio primitivo, nem das fadigas do lavôr que d'elle fez a joia fulgurante.

Mas, isto é tão difficil!

Razão a mais de applaudir os que lo-gram realizá-lo.

Na escolha dos assumptos é ainda o Sr. Theotónio Freire de singular felicidade, que não encontro expressão melhor para designar propriamente esse dom de respigar na seára infinita dos factos e das idéas as mais pertinentes ao dominio da ficção. Os themas dos seus contos nunca descem á crueza brutal tão querida dos

pretensos naturalistas, nem se perdem na nevoenta penumbra do mysticismo.

Parallelamente á complexidade das aptidões artistico-literarias do escriptor pernambucano se complica a sua psyché.

A primeira analyse têm-se a impressão seja uma destas intelligencias a que Scherer denominou de «interiores»; a sua capacidade creadora parece ser inteiramente introspectiva, isto é: alimentar-se só do fructo das proprias locubrações, suspeita justificavel por certa tendencia congenita á meditação e pelos seus habitos de vida reclusa e sedentaria; chegas-se a presumir que, na sua immobilidade de mollusco, o Sr. Theotónio Freire só tenha conhecimento do ruidoso torvelinho humano que se agita, fóra da concha nacarada do seu lar feliz, por intermedio dos livros e das confidencias dos amigos.

Que a realidade seja outra, certo não é vulgar; mas é explicavel.

Observador arguto e prompto, senhor duma erudição variadissima e profunda, como todos os espiritos de raciocinio logicamente educado, elle possúe a facilidade de crystallizar promptamente em volta

dum successo ou dum sentimento todos os phenomenos affins, e por esse meio suppre por completo quaesquer deficiencias de observação directa ou de «documentação humana», como diria um «naturalista».

Ha ainda outra formula que resolve gloriosamente o problema psychologico de que o Sr. Theotonio Freire é exemplo; mas, creio ser ainda prematura a sua applicação ao nosso poeta.

Estes ultimos considerandos que teriam mais pertinencia na apreciação dos seus romances, não são talvez tão opportunos relativamente aos contos agora publicados.

Elles revelam como caracteristica flagrante a sua essencia subjectiva; ao contrario da maioria das producções congenes entre nós, não são quadros realistas nem «chromos» impressionistas; antes se me antolham com télas allegoricas, onde o cerebro dum philosopho tivesse guiado o pincel do artista, a intenção ethica intimamente alliada á concretização esthetica.

Esta á impressão geral que me ficou da sua leitura.

Desde *O Espectro*—onde ha evidentes reminiscencias extrinsecas das *Memorias dum atomo*, esboçadas por Eça de Queiroz, n'*Os Maias*, até ao *Antonio Padre*, em que a belleza moral d'alma do Autor esplende numa aureola de bondade soberana em volta da cabeça soffredôra do desgraçado protagonista.

Pretender conferir a este ou aquelle conto do *Flammulas* o titulo de—*primus inter pares*—é empresa mais que temeraria; bem o reconheço; comtudo, fôsse juiz em concurso literario—função á qual aliás a minha incompetencia não almeja—em que figurassem todos, o meu humilde voto seria pelo *Vencidos*; ha alli emotividade sincera, grande belleza de fórma e, sobretudo, elevada significação moral.

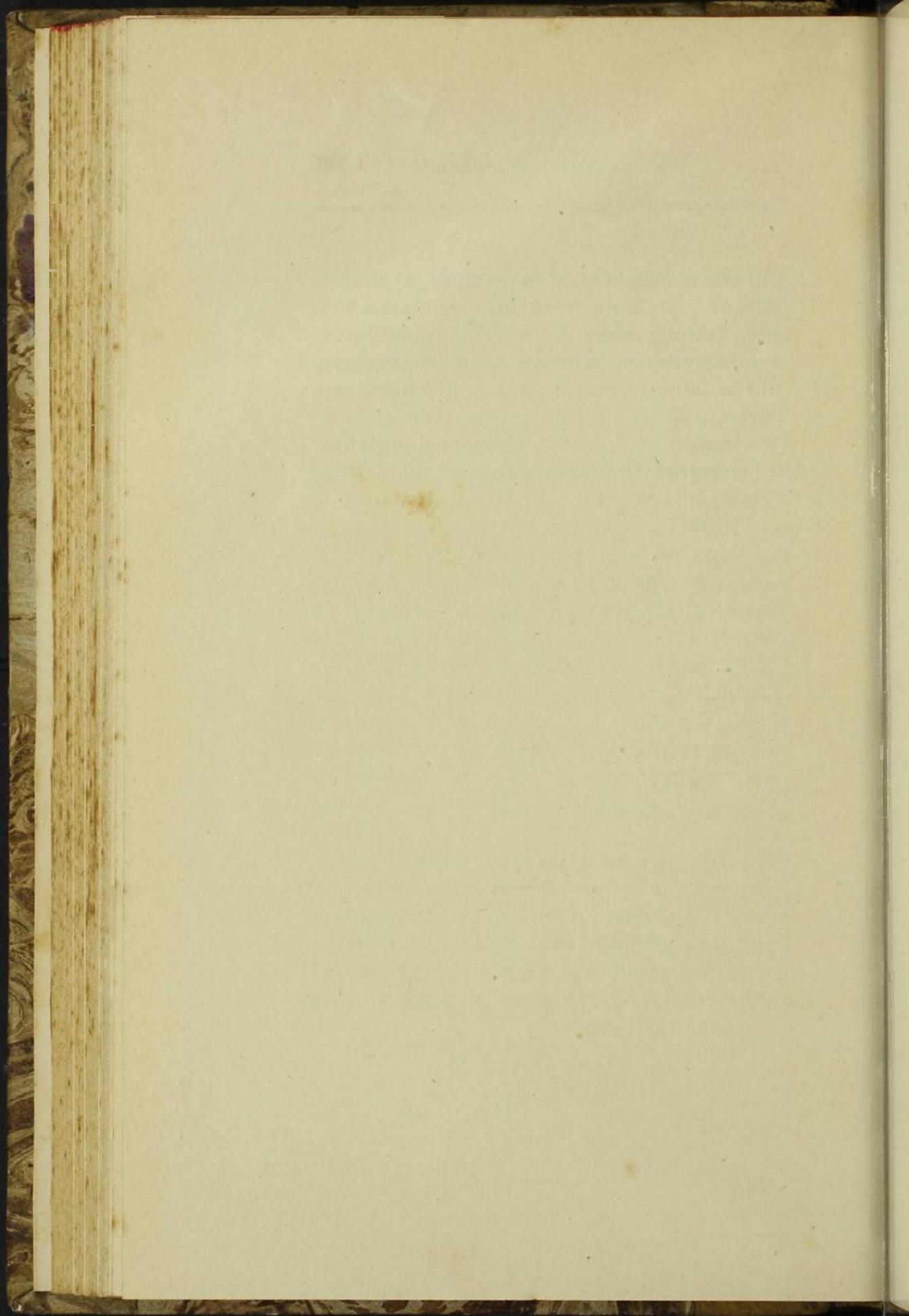
Por ultimo direi ainda das faculdades de expressão do Autor: é sabido que usa da lingua patria com inexcedivel pericia; o seu estylo, opulento sem adornos espuorios, tem limpidez de vocabulario e dispensa a moderna acrobacia syntaxica; a

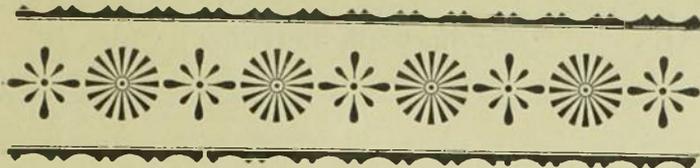
phrase é burilada com esmero e, a cada pagina, se nota o carinho á *Brunelleschi*, que impelle o Sr. Theotônio Freire a aproveitar o minimo periodo para rendilhar amorosamente um caprichoso arabesco.

Bom e bello livro! Parabens ao Autor e ás letras pernambucanas.

1904.

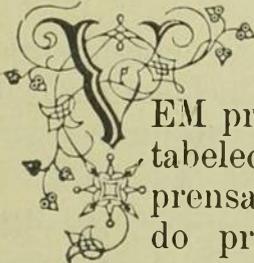






XVIII

«O CORREIO PAULISTANO»

 EM proximo o centenario do estabelecimento definitivo da imprensa entre nós e do advento do primeiro jornal brasileiro; portanto, é tempo de ir collegindo materiaes, reunindo informações e angariando recursos para solennizar con dignamente o dia 13 de Maio de 1908.

Neste periodo secular, vizinho do termino, o nosso jornalismo adquiriu tama-

Alberto Sousa.—Memoria Historica de «Correio Paulistano».— *S. Paulo 1904*, 8º, 78 pp. 2 retratos.

nho vulto que a simples enumeração das suas especies—excedendo actualmente a quinze mil—já é tarefa superior a um esforço individual.

Quanto mais difficil não será estudá-las uma a uma, descrever-lhes os aspectos, definir-lhes os intuitos, narrar-lhes os fastos e consigná-los, emfim, num vasto repertorio analytico, certo a melhor maneira de commemorar o natal da primeira dentre ellas.

Se não em conjunto monumental, abrangendo todas, pelo menos em valiosos trabalhos parciaes, é de presumir assim aconteça.

Os Srs. Ferreira Rodrigues, no Rio Grande do Sul; Lafayette de Toledo, em S. Paulo; Moreira de Azevedo e Pires de Almeida, no Rio de Janeiro; Dias Cabral, em Alagôas; Barão de Studart e Perdigão de Oliveira, no Ceará; e Cesar Marques e Joaquim Serra, no Maranhão, já têm dado á luz bons ensaios promissôres de melhores succedaneos, além do judicioso resumo com que o Sr. José Verissimo contribuiu para o *Livro do Centenario*.

Fornecem igualmente subsidios estimaveis para a construcção do futuro monumento, aquelles dos nossos velhos jornaes que têm festejado o quinquagenario do seu inicio com a publicação dos seus annaes.

Hontem assim procedia o *Diario do Rio Grande*, com o auxilio do Sr. Ferreira Rodrigues; hoje é o *Correio Paulistano*, que confia missão igual á competencia do Sr. Alberto Sousa.

Quando, ha cinco annos, lancei á publicidade o opusculo—*Jornaes Pernambucanos*—specie de bateador d'Os *Annaes da Imprensa Pernambucana*, que só agora entram para o prélo—lamentei não poder elaborar um estudo synthetico, a exemplo dos de Prutz, Hatin e Hunt, por me fallecerem os talentos especulativos do historiador capaz de abranger, de comprehender e de apreciar no seu complexo a evolução inteira da imprensa de um paiz; o sobrio scepticismo do politico miltante apto a descobrir, sob a mascara dos programmas, os moveis e designios reaes dos partidos, e, finalmente, a experiencia pro-

fissional do pormenór adquirida em prolongado tirocinio jornalístico.

Invejo ao Sr. Alberto Sousa estas qualidades manifestadas com tanto brilho na presente memoria.

Neste seu bello estudo a documentação abundante, a justeza dos conceitos e o esmerado lavôr da forma se fundem num todo de harmonia pouco vulgar.

E', a todos os respeitos, uma homenagem condigna do objecto.

O *Correio Paulistano* é um dos raros jornaes brasileiros que não deve a favores officiaes a sua longevidade relativa, e se isto concorreu para lhe difficultar os primeiros passos, servio evidentemente para dotá-lo da indole especial da sua actividade benefica e progressista.

«Nenhum outro organ da nossa imprensa periodica ou diaria, escreve o Sr. Alberto Sousa, jamais reflectiu tão accentuadamente, nem tão energicamente desposou, as aspirações quaesquer de nossa terra, nas diversas phases de seu desenvolvimento passado. Nenhum outro jornal soffreu, com maior sinceridade nem com mais desapegada solitudine, a irre-

sistivel influencia das gerações paulistas, cujos vastos ideaes elle defendeu galhardamente como um paladino de outr'ora defendia as tradições de sua fé. Elle encarou conforme ás circumstancias das épochas e ás exigencias fundamentaes do meio, todos os sentimentos politicos e todos os anhelos sociaes».

Fundado, a 26 de Junho de 1854 por iniciativa de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, e redigido nos primodios pelo Dr. Pedro Taques de Almeida Alvim, inaugurou em S. Paulo a imprensa quotidiana; victima de sua orientação discorde com os preconceitos vigentes, um anno e dezeseis dias mais tarde suspendia a sua publicação diaria; a 30 de Julho de 1858, porém, reerguia-se e encetava verdadeiramente a carreira laboriosa e fecunda que o conduziu ao apogeu actual; escripto pelo escól da mentalidade paulista, impresso com toda a perfeição dos mais modernos prélos, circula, em edições de quasi nove mil exemplares!

Como é grato acompanhar, na narrativa elegante e colorida do Sr. Alberto Sou-

sa, a evolução triumphal deste ornamento do jornalismo brasileiro!

Ha neste escabroso mistér de historiador da imprensa alternativas só comparaveis ás do medico, que hoje melancolico vascilla, na urgencia duma necropsia, em mutilar um corpo de divina formosura, e amanhã examina, cheio de nojo, as postulas de um leproso. Quanta vez se nos depara de justissima applicação a rispida sentença que Comte, na intransigencia do seu dogmatismo, lavrou contra o jornal!

Ainda ha pouco, quando, ao inaugurar-se em Vienna o *Congresso Internacional da Imprensa*, um alto funcionario austriaco teve a leviandade de incluir em brinde alviçareiro «todos os jornaes do mundo», da parte sadia do periodismo europeu não se demorou violento protesto contra semelhante generalização.

«Não, clamou indignada a *Wiener Freie Presse*, recusamos em nome da honra profissional o elogio collectivo assim expresso, urge fazer distincções; não somos todos eguaes»; e, em Paris, o *Gaulois* concordou — «... sim, isto de jornaes, é

como de mulheres; ha-os de toda casta; mas, querer comprehendê-los todos num mesmo louvôr é pretender nivelar a mãe adorada, a esposa virtuosa, a filha estremeçada á ultima das barregans que mercadeja o corpo em infimo prostibulo».

Certo, o melher seria ignorar a ignobil existencia destes vibrões immundos que serpeiam vorazes na vaza da sociedade; mas, o dever, a probidade do officio que forçou Maxime du Camp a permittir colleassem, no plintho da estatua gigantesca, que o seu genio de erudito e de artista elevou á capital da França, os vermes infectos da gatunagem e da prostituição, nos obriga tambem a nós, annalistas da imprensa, a investigar-lhes as cancerosas podridões.

Na consciencia de todos os amigos do progresso cultural o saneamento do jornalismo apresenta-se como problema formidando e inadiavel; mas, onde buscar-lhe a solução?

A inefficacia de leis coercitivas tem sido por toda a parte demonstrada, e o desejo de constituir a imprensa em profissão reservada a individuos educados em

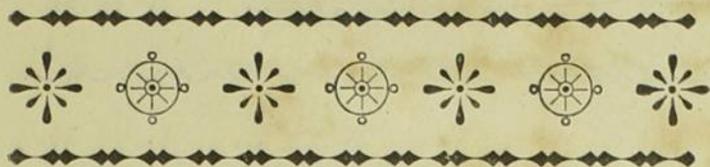
escolas especiaes, conforme se tenta na Belgica e nos Estados-Unidos, é aspiração platónica.

Emquanto perdurarem as presentes fatalidades economico-politicas, os pasquins, como os ratoeiros e as meretrizes, serão males insanaveis.

Esperemos vivam em época mais feliz os nossos netos.

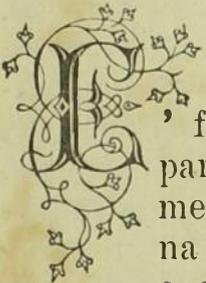
1904.





XIX

POETAS PARAENSES

facto tão conhecido, que quasi parece ocioso registrá-lo, a immensa desproporção existente na bibliographia brasileira, entre a copia formidavel das producções poeticas e a correspondente penuria dos outros generos belletristicos.

Não disponho de elementos para verificar se o mesmo phenomeno se reproduz com intensidade igual em todas as litera-

J. Eustachio de Azevedo. — *Anthologia Amazonica (Poetas Paraenses).* — *Belém, 1904, in-8º, 198 pp.*

turas occidentaes; mas, nas neo-latinas, pelo menos, é dominante, comquanto jámais se manifeste em gráo tão elevado como na nacional.

Nove decimos dos que entre nós manejam a penna escrevem versos.

O bibliomano que se propuzesse a colleccionar todas as obras dos nossos roman-cistas, desde Teixeira de Sousa ao Sr. Graça Aranha, chegaria, após demoradas rebuscas, a reunir pouco mais de uma centena de volumes, emquanto que um seu rival, occupado em juntar as dos nossos poetas, veria em pouco tempo os folhêtos amontoarem-se aos milhares, sendo a proporção, talvez, de um romance para mil sonetos.

Não é aqui o logar proprio para inquirir das causas determinantes deste des-equilibrio, mais uma vez comprovado pelo brilhante florilegio ha pouco publicado, no Pará, pelo Sr. J. Eustachio de Azevedo.

Justamente melindrado com a omissão em que incorreu o Sr. Mello Moraes, deixando de mencionar no seu ultimo livro —*Poetas Contemporaneos*—vates da Amazonia, muitos dos quaes de real merecimento e dignos de serem citados, «com-

metteu a empresa de mostrar que nesta nesga da patria, onde o Equador escalda e o Amazonas rebrame, ha uma pleiade de poetas, distinctos e inspirados, digna de acatamento e veneração».

A *Anthologica Amazonica* justifica amplamente este asserto; alliando a notavel senso critico poderosas qualidades estheticas, o Sr. J. Eustachio de Azevêdo fez um livro de amena e instructiva leitura, enfeixando em um elegante volume notas biographicas, observações analyticas e creações artisticas de trinta e dois dos seus patricios dados ao convivio das Musas.

O methodo adoptado na sua composiçãõ é assás plausivel: seguindo as bõas normas de Varnhagen na organizaçãõ do *Florilegio Brasileiro*, nos faz primeiro conhecer o homem, a sua vida, o meio e a época em que evoluiu, para depois nos apresentar as suas producções; por este processo facilita consideravelmente ao leitor a comprehensãõ da verdadeira indole, da «maneira» particular, de cada escriptor e das suas filiações artisticas.

Querer aqui resenhar um a um todos poetas que compõem este brilhante cena-

culo paraense, resumindo as apreciações e juízos do Autor, seria vingar as lindes naturalmente impostas a esta ligeira noticia.

Sem o intuito de estabelecer preferencias ou exclusões—para o que me confesso incompetente—direi apenas algo daquelles de quem a leitura do livro me deixou mais viva impressão.

Dentre todos — desde o mais antigo, o velho Tenreiro Aranha, que um soneto magistral tornou celebre, até ao mais moderno, o modernissimo Sr. Flexa Ribeiro, esperançoso symbolista de vinte primaveras — destaco primeiramente a Bruno Seabra, o «lyrico por excellencia», o «João de Deus paraense», cujas inspiradas poesias, tão simples e tão bellas, passaram — para suprema gloria do seu Autor — ao patrimonio das nossas canções mais populares, estando até algumas vertidas para linguas estrangeiras.

De diversa escola, e mais conhecido pelas suas tentativas de navegação aérea, foi Julio Cesar Ribeiro de Sousa, que legou ás letras patrias um grosso volume de versos, com o titulo um tanto singular de *Pyraustas*, livro pelo Sr. J. Eustachio de

Azevêdo qualificado de «inspiradissimo»; nos respectivos excerptos contidos na *Anthologia* notei grande correcção metrica, opulencia de vocabulario e elevação de pensamentos.

Contemporaneo do harmonioso cantôr do *Flores e Fructos*, e, talvez, seu rival unico em todo o Parnaso paraense, Santa Helena Magno — alma sublime e grande desventurado — morreu cêdo de mais para a completa eclosão do seu talento admiravel, e, flagellado em vida por desditas atrôzes, coube-lhe ainda o infortunio postumo de ser hoje quasi ignorado; quem actualmente se recorda dos seus *Harpejos Poeticos*, maravilhoso escritorio de preciosas joias, que publicou aqui, no Recife, em 1869, quando academico de direito?

Junto com Sousa Filho, Juvenal Tavares, Vilhena Alves, Fernandes Bello, Odorico Lemos, Gustavo Adolpho e dos já citados — nenhum dos quaes o excedeu no alcandorado das concepções, no fulgôr das imagens e nos amavios do rhythmo — constituiu a primitiva escola paraense, na qual dominaram os processos artisticos do neo-romantismo.

Se, desviando agora o olhar destes progonos da poesia amazonica, passarmos a considerar os seus successores actuaes, força é nos determos logo ante o vulto original e sympathico do Sr. Theodoro Rodrigues; li, ha alguns annos, na saudosa *Revista Brasileira*, versos seus e acheilhes um encanto tão especial, feito de naturalidade, correcção e sentimento, que ainda os sei de cór. O poeta é um lyrico delicado, *parnasiano* no melhor sentido do termo, e tem a rara qualidade de emoldurar em rimas de ouro assumptos transcendentales, syntheses grandiosas, symbolizações tão amplas que chegam a participar de universalidade subjectiva.

Dos informes prestados pelo Sr. J. Eustachio de Azevêdo deprehende-se que o Sr. Theodoro Rodrigues, preferindo Clio a Calliope, tem ultimamente voltado a sua attenção para os estudos historicos; seria o caso de lamentar a perda de um poeta, se não nos restasse a fagueira esperanza de termos um historiador-poeta, um Michelet brasileiro.

Não vae nestes louvôres—probos e merecidos — o mesquinho intento de dimi-

nuir o merito de tantos outros hodiernos poetas paraenses, nem podia vizá-lo minha pobre penna; qual um cosmographo, ao descrever uma constellação, primeiro cita o astro de mais rutilo fulgôr, assim eu saliento—*primus inter pares*—ao cantôr dos *Dois Gigantes*.

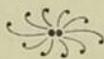
São seus emulos, com apreciaveis predicados de fôrma e de colorido, burilando amorosamente estrophes scintillantes, os lidadores de uma futura exedra de notaveis artistas do verso, dentre os quaes —para só apontar alguns—ainda nomearei ao Sr. Marques de Carvalho, poeta e diplomata como o nosso Maciel Monteiro e como elle «transfuga das rimas»; o Sr. Alcebiades Neves, pouco copioso, mas, esmeradissimo nos pormenores da composição e animado de um estro vigoroso, e—*last but not least*—o proprio Sr. J. Eustachio de Azevêdo, que fecha o seu livro com *aurea clave*, annexando-lhe ao fim um bello ramalhete de excellentes versos da sua lavra.

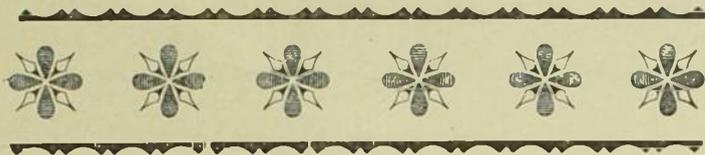
O serviço que acaba de prestar—não só e principalmente aos do seu Estado natal—é credôr dos mais sinceros applausos de

quantos, espalhados pela vastidão desta patria tão grande, curam dos interesses da intelligencia e cultivam as letras, porquanto evidentemente, dos defeitos visceraes da nossa vida literaria, um dos mais flagran-tes é a falta de divulgação das producções dos nossos escriptores, a ausencia da pro-paganda dos seus meritos e a inopia de continuo intercurso entre os varios nucleos em que se agrupa a nossa actividade intel-lectual.

Livros como a *Anthologia Amazonica* são uteis e necessarios; parabens ao Autor e que o seu bello exemplo tenha em breve imitadores ao sul da Amazonia.

1904.





XX

UM ESCRIPTOR SERGIPANO

Neravado num flanco da Bahia, á sombra de cujo immenso vulto parece tímido se abrigar; batido ao nascente pelas ondas vêrdes do Atlantico e sentindo ao norte roêr-lhe a ilharga a corrente turva e marulhosa do S. Francisco, Sergipe—o minuscuro Sergipe, de área inferior á

Prado Sampaio.—Lendas Sergipanas—*Recife, 1903, 8º, 42 pp.*—O mesmo.—Vida Sergipana.—*Recife, 1903, 8º, 66 pp.*—O mesmo.—O Poema do Lar.—*Aracajú, 1904, 8º, 42 pp.*

da Serbia e população menor de meio milhão de almas—estaria fadado, pela sua exiguidade physica, a ser a minima unidade da federação brasileira, não fôsse o berço de tantos homens eminentes, aos quaes a cultura nacional deve grande parte do seu progresso.

Tobias Barretto, Sylvio Roméro, João Ribeiro, Fausto Cardoso, Felisbello Freire, Gumercindo Bessa e vinte outros, mostraram nos ultimos decennios que grandes intelligencias é capaz de produzir aquella pequena terra, donde já antes partiram—*gradus ad Parnassum*—poetas como Pedro de Calasans, Bittencourt Sampaio, Gomes de Sousa e Lapa Pinto, o maravilhoso pintôr do *Festim de Balthazar*.

E ainda exhubera com a mesma fertilidade aquelle sólo abençoado, onde—desajudados de opulentas bibliothécas e doutas academias—continuum a surgir novas aptidões literarias, a abrolhar novos talentos, que quasi todos vão desabrochar brilhantemente longe do «patrio ninho», como se a athmosphera natal, tão propicia á sua primeira eclosão, os impedisse de alli attingir a completa florescencia.

Na realidade, o bronze corinthio, com que figura no pantheon nacional a estatua de Sergipe, foi fundido longe das margens pittorescas do Cotinguiba, onde, no mez do Natal, as moças enamoradas correm alacres á «caça dos cambúis.»

Os literatos que alli se deixam, paralyzados pela indolencia ou agrilhoados pelas necessidades do *primo vivere*... já-mais logram completa madureza.

Semelha nisto o seu talento a essas arvores alterosas, germinando rapido em alviçareiros rebentos dentro de estreitos vazos, mas, carecendo serem cedo transplantadas para o alluvião ubertoso de vastos campos, afim de poderem esgallar as frondes em majestosas abobadas; conservá-las eternamente presas á gleba original é sustar-lhes o viço e condemná-las a prompto fenecimento, ou precóce esterelidade.

Não quero dizer esteja nas circumstancias apontadas o Autor dos tres opusculos cujos titulos transcrevi atraz; registro apenas um factó que seria facil demonstrar com exemplos copiosos.

Quanto ao Sr. Prado Sampaio, nascido em Sergipe e alli—creio—actualmente domiciliado, depois de haver cursado a Faculdade de Direito do Recife e laborado no jornalismo indigena, seria extemporanea empresa desde já pretender traçar a provavel trajectoria da sua evolução literaria; ainda joven é verosimil o seu deslocamento para maiores centros de actividade intellectual, e o conjunto das suas obras publicadas não excede a umas cento e cincoenta paginas: escasso material para exhaustiva analyse da sua capacidade belletristica.

Nos tres folhêtos que tenho presentes o Autor se nos apresenta como poeta e *conteur*.

Prefaciando as *Lendas Sergipanas*—que presumo o seu livro de estréa—o Sr. Carneiro Vilella, benevolo senão lisongeiro como todos os prefaciadoaes, notou versos, «dum lyrismo sadio, suaves e frescos, limpidos e fluentes, naturaes como os nossos arroios a deslizarem por entre margens floridas, harmoniosos como o cantico dos nossos passaros, brilhantes, claros, scintillantes como o sol que fecunda os nossos

campos e illumina a pureza dos nossos céos,—versos ao sabôr de Calasans e Bittencourt Sampaio, filiados legitimamente a esta escola sergipana de poesia, que o Sr. Sylvio Roméro soube distinguir, essencialmente brasileira e por isso mesmo encantadora.»

Subscribo o competente juizo do laureado critico com prazer, mas, tambem, com... restricções.

Observo realmente nos versos do Sr. Prado Sampaio as boas qualidades assignaladas pelo seu illustre paranymphe quanto á inspiração; não as descubro, porém, na fórmula por que foi exteriorizada. Certo, não poderia o Autor ser mais feliz na escolha dos assumptos para as *Lendas Sergipanas*; não assim ao traduzí-las em linguagem rhythmica e rimada.

O intento de perpetuar sob feição artistica velhas tradições e episodios heroicos do nosso passado, não póde ser assás louvado; cumpre, entretanto, que á natureza do thema corresponda sempre o molde a que fôr adaptado: a este preceito essencial não quiz attender o Sr. Prado Sampaio, deixando que a naturalidade

inherente ao genero poetico a que se aventurou ficasse vellada pelo artificio apparente na preciosidade dos termos, na tortura das construcções syntaxicas e no abstruso das assonancias finaes, dominantes nos seus versos.

São defeitos meramente exteriores, dirão talvez. Bem sei; mas, perdoá-los, que será da poesia, permittido o divorcio entre a idéa e a forma, o pensamento e a sua expressão?

Sou levado a crêr que, apeando-se do corcel mythologico — ardigo, manhoso e costumeiro em dar quedas em cavalleiros menos dextros—conseguiria o Autor melhores representações belletristicas das fabelas colhidas no meio do tradicionalismo, ou no caudal da historia.

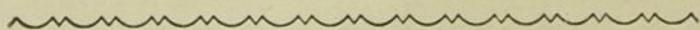
E em auxilio desta supposição vêm os contos da *Vida Sergipana*.

Nestas paginas, livre do pôtro da cezura e da rima, deixando as concepções se desenvolverem na plenitude da exuberancia ou simplicidade nativa, o Sr. Prado Sampaio se revela sob um aspecto mais consentaneo á sua indole de escriptor.

Sinhá, por exemplo, é um conto, quasi uma novella, muito plausivel, em que a narração flúe placida e limpida, sem borborinhas de encontro a phrases asperas ou palavras versudas; obra de um epigono tardio do naturalismo, conforme se deduz das palavras de Tobias Barreto, tomadas por divisa, tem o merito de ser extreme de cruêzas de expressão e de ousadias descriptivas, qualidades evidentes tambem n' *O Encontro*, no *Tio Gila* e demais quadros da *Vida Sergipana*.

Ainda assim reproduzem algumas das falhas peculiares ao estylo do Autor: demasiada extensão dos periodos, frequencia monotona dos mesmos vocabulos e do seu emprego com significados phantasticos não consignados nos lexicos vernaculos.

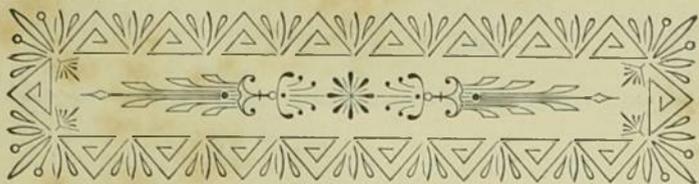
Entretanto, ao poeta das *Lendas Sergipanas* leva decidida vantagem o *conteur* da *Vida Sergipana* e, se não me fallecêsse autoridade para designar ao Sr. Prado Sampaio a róta onde, na peregrinação pelo escabroso terreno das letras, encontraria menos anfractuosidades, dir-lhe-ia convictamente: escreva de preferencia em prosa.



E manteria este conceito, talvez inane, mesmo depois da prazente leitura d'*O Poema do Lar*, sacrario de intimos affectos, perfumado de tão dôces e carinhosos sentimentos, que não ousa penetrar-lhe os floridos humbraes a minha critica irreverente.

1904.



**UM CHRONISTA DO SECULO XVIII**

INFELIZMENTE é tão raro entre nós deparar com *the right man in the right place*, que se não deve perder ensejo de pôr em relêvo bem saliente qualquer occasião em que isto acontece.

Para substituir o illustre e venerando Dr. Teixeira de Mello, na direcção da mais importante bibliothéca da America do Sul,

Dr. Manuel Cicero P. da Silva. — Annaes da Bibliothéca Nacional do Rio de Janeiro.—1902— Vol. XXIV.—*Rio de Janeiro, 1904, in-4°, 391 pp.*

a escolha do nosso digno e laborioso patricio Dr. Manuel Cicero foi das mais acertadas.

Espirito methodico, possuidor de vastos conhecimentos especiaes subordinados a um criterio firme e esclarecido, na reorganização e no desenvolvimento da bibliothéca da nossa Faculdade de Direito e na elaboração do seu excellent *Catalogo*, já havia demonstrado o superior quilate das suas aptidões singulares para o cargo que óra exerce, e onde de dia a dia o seu merito mais se accentúa.

Os melhoramentos que a sua actividade intelligente e vontade tençoeira tem conseguido introduzir na economia daquelle utilissimo estabelecimento—um dos muitos beneficios devidos ao tão malsinado governo de D. João VI — são numerosos e fecundos, não sendo dos menores a aquisição duma typographia propria, de onde passarão a sahir, com a regularidade desejavel, os *Annaes*, sem duvida, depois da *Revista do Instituto Historico*, a mais consideravel e valiosa publicação brasileira no dominio das sciencias historicas.

O presente volume, primeiro que se imprime na nova officina, se não destôa dos anteriores no esmero da execução material, tambem rivaliza com os melhores dentre elles pela importancia do conteúdo.

A' parte o circumstanciado relatório apresentado pelo Dr. Manuel Cicero, em 1902, encerra os quatro primeiros livros da obra inedita do chronista pernambucano D. Domingos de Loreto Couto, intitulada — *Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco*.

O Autor nasceu aqui no Recife em principio do Seculo XVIII, e, abraçando a carreira religiosa, tomou o habito de beneditino, e isto, além do nome dos seus progenitores, é tudo o que se sabe da sua biographia.

Conforme se deprehende do *Prefacio ao leitor* o manuscripto que agora começa a ser impresso é apenas a primeira parte de um trabalho de vastissimas proporções, mas talvez a unica que realmente foi executada.

« Não compuz esta obra com os olhos no lucro, escreveu alli Loreto Couto, nem com a pretensão de dar documentos, nem com a esperanza de applausos, porque o

primeiro motivo seria villeza, o segundo orgulho, o terceiro vangloria; fui somente levado da justa mágua de ver o grande descuido, que teve Pernambuco em perpetuar as virtudes de seus filhos, que com ellas o illustraram; e que insensivelmente hia o tempo consumindo a noticia de tantos esclarecidos Heróes, por faltar quem se resolvesse a escrevê-las.» Mais adiante acrescentou:

«Bem quizera fazer em hum só tomo memoria das esclarecidas virtudes dos naturaes de todas as provincias do Brasil, porém he tanto o que se póde dizer de suas heroicas acçoens, que me não foi possivel escrever tudo em hum só volume; e sendo este premissas do meu trabalho, entendi estava obrigado a escrevello em obsequio aos meus patricios.»

Provavelmente além das de Pernambuco outras glorias não celebrou o patricio escriptor.

Terminada esta parte em 1757, Loreto Couto enviou ou levou para Portugal o manuscripto, no evidente propòsito de dá-lo á estampa, porquanto então a imprensa era das prerogativas ciosamente vedadas

pela metropole á colonia americana; motivos ignorados obstaram realizasse o intento, e o original da chronica foi parar á Bibliotheca Nacional de Lisbôa, onde permaneceu esquecido até que, mercê dos esforços do Sr. Pereira da Costa, o *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano* delle fez extrahir uma copia. Vulgarizou-se dahi por diante a existencia do precioso inedito: em 1895, o Sr. J. B. Regueira Costa publicava innumerous trechos delle na secção *Pagina do Domingo*, que redigia no *Diario de Pernambuco*; pouco depois o Barão de Studart, o benemerito historiador cearense, adquiria outra copia e o Dr. Teixeira de Mello angariava a que servio para a edição do presente volume dos *Annaes*.

Como em todas as obras similares o merecimento principal da *Desaggrados do Brasil*—reside naquillo que o Autor narra por experiencia propria ou noção directa; por isso os dois primeiros livros não têm quasi valor intrinseco. Memorando alli os costumes dos incolas e os fastos pernambucanos, desde o descobrimento até á restauração do dominio hollandez, resu-

me e traslada apenas o que leu nos percursos portuguezes cujos trabalhos lhe foram accessiveis, quaes: Gondavo, Duarte de Albuquerque (?) Fr. Manuel Calado, Fr. Raphael de Jesus, Simão de Vasconcellos, Brito Freire e mesmo Rocha Pita, de quem imita os dithyrambos.

Mas, a partir do livro terceiro, exalçando o renascimento da terra natal após tantos lustros de calamitosas tribulações e de vicissitudes dolorosas, a sua chronica adquire um interesse especial.

Passára com a *Guerra dos Mascates* o periodo critico das velleidades de extemporanea independencia, geradas no seio da nobreza, arrogante com os successos da «campanha da liberdade», e alimentadas pela tolerancia pusillanime ou interesseira dos lamentaveis reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II. Ao successor deste, o beato e lascivo D. João V, coubéra a taréfa de açamar com rigor as desmarcadas pretensões dos soberbos fidalgos olindenses; pretextára salvaguardar o terceiro estado da ambição dos nobres, mas, na verdade obedecêra ao imperio duma necessidade politica urgentissima.

E no resto do seculo XVIII, ermo de ruidos marciaes, se foi operando surdamente, lentamente, a germinação da futura nacionalidade; num praso de largos annos Pernambuco, e quasi todo o Brasil, tivéram a ventura de ser destes povos felizes que «não têm historia» para os que só a estimam quando pontuada de façanhas bellicas e ardendo no flagicio rubro das lutas homicidas.

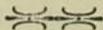
Sazonado neste meio calmo, trabalhador e sensato, em que os echos longinquos de passados heroismos influíam apenas na manutenção da ingenita bravura individual, o nosso beneditino teve o criterio de adaptar-se ás exigencias da sua época: não descurou da tranquilla realidade do presente em favôr da miragem evanescente doutra idade, cujos aspectos já antecessores haviam fixado em innumerados quadros de vario colorido.

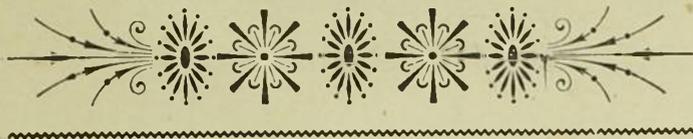
Não tendo novas proëzas guerreiras a solennizar em verbo sublimado, desdenhando dissertar esterilmente sobre o cansado thema das antigas, deliberou consignar nas paginas do seu livro as outras manifestações da actividade pacifica dos

seus concidadãos no terreno da religião, das letras e das artes, constituindo assim um repertorio riquissimo de curiosas e interessantes informações. Os elementos para o estudo da evolução literaria de Pernambuco no periodo colonial estão ali reunidos em preciosa abundancia.

Divergem os competentes quanto aos meritos do estylo do chronista; o Dr. Manuel Cicero diz que escrevia «sem pretenção ao apuro da fôrma», o Sr. Arthur Orlando é de contrario parecer e acha que offerece «uma admiravel correcção de fôrma, um estylo primoroso e encantador»; apesar do evidente exagero, prefiro a ultima opinião porque afinal Loreto Couto teve o estylo do seu tempo; guindado, redundante e pomposo, recheiado de metaphoras, antitheses e floreios rhetoricos, mas, ainda assim captivante graças ao sainête nativista; a sua linguagem, se não possúe brilhante atavio chromatico, vibra clangorosa na opulencia da orchestração syllabar.

1905.





XXII

UMA NOVA HISTORIA DO BRASIL

JÁ vem de tão longe e tem adquirido tamanha consistencia a preocupação de organizar scientificamente a Historia — determinando as leis de subordinação e as relações de dependencia entre os factos humanos — que não é mais toleravel, mesmo em obra didactica, fazê-la puramente narrativa.

Antonio Alexandre Borges dos Reis.—Historia do Brasil.—(Curso dos Gymnasios e Lyceus), 1ª Parte.—Seculos 16, 17 e 18.—*Bahia, 1905*, in-4°. XI—343 pp.

Não obstante a variedade prodigiosa e a fallacia occasional das theorias que têm surgido para explicar a direcção, significação e condições do desenvolvimento da humanidade—desde o theoracionalismo de Herder e o «espírito absoluto» de Hegel, até á ethnopsychologia de Lazarus e de Steinthale e a anthropogeographia de Ratzel —a Historia não póde mais ser um mero registro dos seus fastos.

Com isto tambem a taréfa do historiador tornou-se das mais arduas e elevadas, e a somma extraordinaria de conhecimentos que exige parece quasi ultrapassar os limites da intelligencia e da vida de um homem.

E as difficuldades incontaveis que erigam o problema do conjunto—a Historia universal—não são menores nem menos numerosas em cada um dos seus elementos constituintes—as historias geraes; antes nestas as contingencias de tempo e de espaço mais restrictos offerecem novos obices.

E' por isso, talvez, sejam muito menos frequentes as applicações daquellas theorias ao estudo do desenvolvimento de determinados povos ou nacionalidades.

Assim, com relação á nossa patria, a primeira tentativa de uma historia no moderno conceito foi feita, em 1860, pelo Prof. Heinrich Handelmann na sua excellente *Geschichte von Brasilien*, que permaneceu isolada, senão ignorada, durante quarenta annos, até lembrar-se o Sr. João Ribeiro de vulgarizar-lhe o plano em alguns dos seus recentes compendios.

As deficiencias que, em muitas partes, alteram e interrompem a harmonia da monumental construcção do erudito mestre de Kiel, são infelizmente ainda hoje inevitaveis, pois, conforme disse o Sr. Capistrano de Abreu, estamos na posição cruciante de ter de esperar pelo menos um seculo antes de, publicados documentos, chronicas e monographias, possuirmos um livro que satisfaça ás exigencias contemporaneas do saber.

Mas, nas linhas geraes o plano de Handelmann apresenta flagrantes vantagens para o agrupamento racional dos factos da nossa evolução cultural, e bem avisado andou o Sr. Borges dos Reis adaptando a elle a sua *Historia do Brasil*.

Começou esboçando n' *O Scenario* o meio physico, descrevendo summariamente o territorio em que se desenrolou a grande «tela historica» objecto do livro, e logrou traçar alli um quadro verdadeiramente modelar, attenta á estreiteza das poucas paginas a elle consagradas.

Expõe, em seguida, as condições da Civilização portugueza ao expirar do seculo XV e os successos determinantes do descobrimento do Brasil; estuda as populações aborigenes, sua ethnographia e sociologia, abraçando o autochtonismo e approximando-se da classificação de Ehrenreich; narra as primeiras explorações e estabelecimento dos primeiros nucleos coloniaes: as capitancias hereditarias; explica a organização do primitivo governo geral, a importancia respectiva de cada uma das tres raças como factores ethnogeneticos da colonia, a influencia dos jesuitas e os resultados da cathechése; descreve a passagem para o dominio hespanhol, as invasões francezas e holandezas, as entradas e as bandeiras, descobrindo e povoando os sertões occidentaes.

Pausa para nos dizer da escravidão dos indios e dos negros, do trafico e da agricultura, das companhias de commercio e das lutas intestinas, em que se manifestou a reacção nativista.

Obedece então á necessidade de fraccionar a exposição em varios estudos de historia local, dedicados á evolução parallela dos differentes fócios de cultura, cuja posterior aggregação constituiu a actual unidade politica do nosso paiz.

Passa depois a referir as invasões francezas no Rio de Janeiro, as guerras com os hespanhóes nas fronteiras meridionaes, a inconfidencia mineira, o estabelecimento e a conquista das missões do Uruguay, a emancipação dos indigenas e a expulsão dos jesuitas, sendo para notar que entre os successos do seculo XVIII não tenha posto em mais vivo relevo o descobrimento das minas e as suas consequencias economico-politicas.

Encerra esta primeira parte da historia do Sr. Borges dos Reis uma synthese muito nitida da cultura intellectual e moral do Brasil nos seculos XVI, XVII e XVIII.

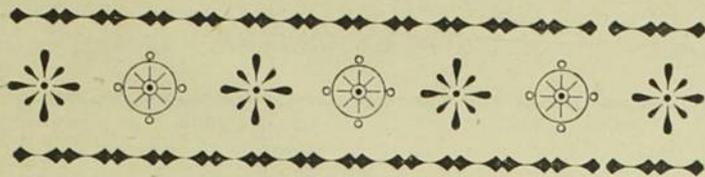
Em todo o transcurso da obra observa-se singular criterio na selecção das fontes e esmero exemplar na documentação; a linguagem revela cuidados de artista.

Recommendam ainda o livro qualidades de methodo e de exposição, e me parece sobretudo louvavel a pericia com que o Autor soube, sem prejuizo da natureza do assumpto, amoldá-lo ás necessidades do ensino.

Falta-me competencia para responder á interrogação que o Sr. Borges Reis collocou no logar do prefacio: não sei se o eminente professor bahiano se approximou daquelle ideal do historiador brasileiro formulado pelo Sr. Sylvio Romero, e, talvez, a propria indole elementar da sua historia não no tenha permittido; mas, presumo não ser pequeno merito haver aspirado a tão alevantado escôpo.

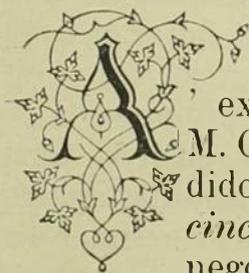
1905.





XXIII

UM BOM LIVRO DIDACTICO



extrema gentileza do Dr. J. M. Cardoso de Oliveira, applaudido autor do *Dois metros e cinco* e actual encarregado dos negocios do Brasil em Londres, agradeço o conhecimento desta bella obra do seu irmão, o competentissimo Director do Ensino Municipal de Belem.

Acabo de voltar a ultima pagina d'*A Patria Brasileira*, e posso dizer que não

Virgilio Cardoso de Oliveira.—A Patria Brasileira.—Leitura escolar illustrada com 298 gravuras e duas paginas coloridas. Segunda edicção.—*Bruxellas, 1905, in-8°, 390 pp.*

conheço na nossa literatura didactica livro que deste se approxime em utilidade e interesse.

Em geral os nossos livros de instrucção não pretendem ser mais do que «compendios» e não passam do que os allemães chamam de *cathecismos*, epitomes condensadissimos de uma aridez rebarbativa.

Não assim o que tenho presente.

E' uma pequena encyclopedia, contendo, em amena disposição, tudo o que um menino brasileiro não deve ignorar com relação á sua terra e á sua gente.

Nas *Duas Palavras* do prologo o Autor diz, modestamente, que o seu livro tem «por base ligeiras noções de Chorographia, com ensejo proveitoso para o desenrolar de acontecimentos de nossa historia» e confessa que procurou fazer uma obra brasileira.

E, na realidade, conseguiu fazê-la genuinamente nacional, repassada de um patriotismo sadio e amplo, sem mesquinhasrias bairristas ou intolerancias nativistas.

Isto logo se verifica no capital inicial — *Patria, Família e Escola* — onde, em tom carinhoso e singelo, persuasivo e captivante, estimula os nossos jovens patri-

cios ao culto das virtudes civicas e domesticas sem as quaes jamais seremos uma nacionalidade victoriosa.

As noções chorographicas, que occupam os nove capitulos seguintes, encerram informações excellentes sobre a configuração do nosso territorio e os seus accidentes naturaes, entremeiadas, com rara felicidade, de narrativas dos factos historicos que relembram. Os mappas, que as acompanham em profusão, constituem precioso auxilio para a sua perfeita comprehensão.

Não são menos interessantes e instructivas as secções consagradas ao estudo das producções e riquezas naturaes, vias de communicacão, navegacão, industrias, commercio, da raça, da religião e instrucção, e da defesa nacional.

O elemento historico é sabiamente aproveitado em todos occasiões pertinentes, tornando a leitura prazente e pittorescos os assumptos.

A narrativa, sempre fluente, clara e simples, tão tem o minimo resquicio da autoridade docente tão vulgar em trabalhos congeneres; neste o mestre deixa de

o ser para se collocar ao lado do discipulo e ensiná-lo a aprender, como um collega instruido e paciente fá-lo-ia.

As gravuras, numerosas e nitidas, foram escolhidas com pericia de artista e competencia de erudito: são paysagens characteristics, vistas de sitios notaveis e de monumentos, quadros historicos, e retratos, retratos em abundancia, de todos homens que no nosso paiz mais se tem assignalado pela sua coparticipação no desenvolvimento cultural.

Entre estes retratos ha um de Henrique Dias (pag. 131) para o qual chamo a attenção dos confrades do *Instituto Archeologico*: representa o heróe negro da Guerra Hollandeza com semblante verdadeiramente mavorcio, fartos bigodes e barba bipartida, physionomia em tudo diversa do carão aparvalhado que figura nas telas anachronicas conservadas na galeria do *Instituto* e na capellinha da Estancia.

Infelizmente, ignoro qual foi o original que servio para esta reproducção; em todo caso me parece o mais authenticico de todos os rratatos—mais ou menos phanta-

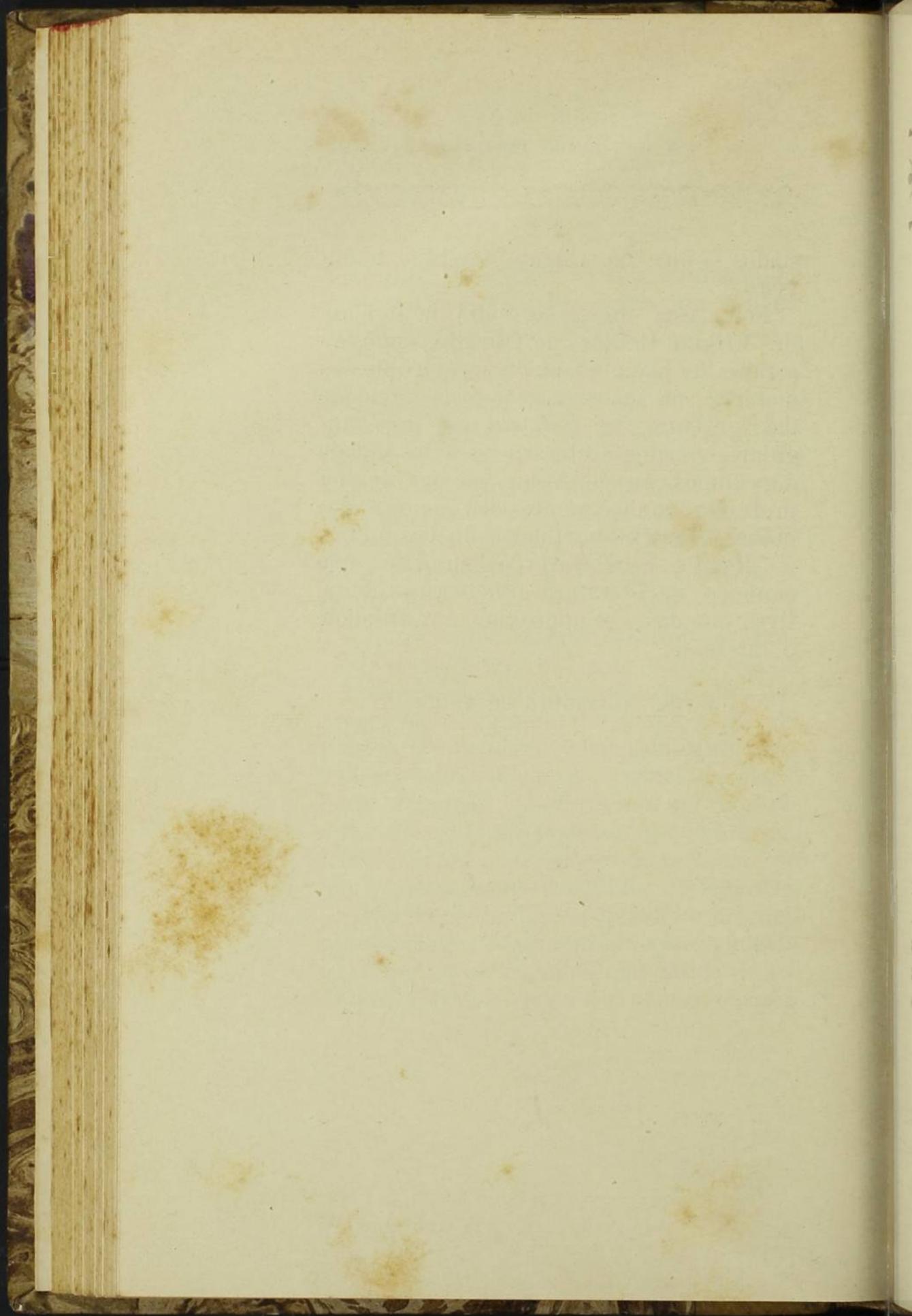
siados — que do valente caudilho tenho visto.

Feita esta digressão, volto á obra do Sr. Virgilio Cardoso de Oliveira, onde, no arranjo do plano adoptado, na selecção dos materias, na sua exposição e na novidade das gravuras, se revelam, em gráo singular, o criterio literario e a habilidade de composição do Autor, ao par do seu profundo conhecimento das lacunas dos nossos obsolêtos methodos de ensino.

Repito, com prazer e convicção, não conheço, na literatura ditactica brasileira, livro que deste se approxime em utilidade e interesse.

Londres, Novembro de 1905.







XXIII

UM SOCIOLOGO ORIGINAL

SSÁS conhecido e admirado como creador singular de prodigiosas ficções romanticas, nas quaes, como na *Guerra dos Mundos*, no *Homem Invisivel*, no *Alimento dos Deuses*, ou nos *Primeiros Homens da Lua*—os arroubos da phantasia a mais febril nunca abandonam o firme alicerce das possibilidades experimentaes, o Sr. H. G. Wells parece agora pretender jus-

tificar as esperanças depositadas pelo grande Huxley na actividade especulativa do seu discipulo predilecto.

Evidentemente, um dos maiores successos da livraria ingleza na primavera passada foi o apparecimento do seu substancioso livro—*Uma Utopia Moderna*,—cujas tendencias epilogoou em interessante artigo sobre—*A chamada sciencia sociologica*, publicado em um dos ultimos fasciculos da *Independent Review*.

Por mais discutiveis e contestaveis que sejam alguns dos conceitos nelle expendidos, a sua leitura é recommendavel como exemplo frisante do aneio vehemente que, na actualidade, experimentam os espiritos, mesmo os mais racionalmente educados á sombra de evolucionismo, por se libertarem da sua finalidade dogmatica.

Resumindo aqui o seu conteúdo, advirtimos—ao leitor habitualmente namorado de faceirices estylisticas—que o escriptor inglez não tem a preocupação de escrever bonito; prefere não sacrificar á clareza e á bôa comprehensão das suas idéas as asperezas de alguns periodos pouco mu-

sicaes, e a temeridade das suas opiniões rivaliza com a sem-cerimonia do seu vocabulario.

A affirmativa inicial do Sr. H. G. Wells— de ser a sociologia «uma destas grandes palavras vagas ás quaes todos ligamos um sentido que ninguem sabe explicar»— não ha recusar applausos; mas urge medí-los quando, logo adiante, nos diz crêr «que regressar á metaphysica, ao terreno que Herbert Spencer e Comte tão obstinadamente se recusaram a entrar, é o unico meio de evitar o labyrintho que presentemente torna futil a totalidade da sociologia.»

Após confissão tão audaz passa a profligar severamente a moderna divinização da sciencia, o pretenso saber conducente á «illusão da exactidão» da qual foram apostolos aquelles dois philosophos.

«Entretanto, continúa, é possivel conceber, e cresce o numero das pessoas que concebem, a opinião opposta—que contar, medir, classificar, o conjuncto das mathematicas enfim, é subjectivo e fallaz, e que a verdade objectiva reside na singularidade dos individuos. Ao decrescimento do

numero de unidades consideradas corresponde o augmento da somma da sua variabilidade, devido ao dominio cada vez mais pronunciado da individualização. A chimica e a physica dão resultados muito mais em harmonia com os assertos mathematicos, do que, por exemplo, a bacteriologia, esta do que a mineralogia, esta do que as experiencias de horticultura, estas do que as generalizações zoologicas e estas do que as da anthropologia, simplesmente porque, em cada caso, a sciencia tem que se occupar com unidades, de proporções e complexidade crescentes, em que se vae accentuando a individualização.

«Se fôsse possivel considerar os homens por milhares de bilhões, poderiamos generalizar a seu respeito como acerca de átomos: pudéssemos apreciar átomos isoladamente e teriamos que achá-los tão individualizados como as nossas tias e primas.

«Esta é concisamente a convicção de uma minoria intellectual, e sobre esta convicção é que assentámos o presente artigo.»

Assegura que o chamado methodo scientifico só tem realmente applicação em sciencias nas quaes a individualidade das unidades póde ser quasi que desprezada, e, com a audacia habitual, passa a dizer:

«Os grandes progressos alcançados na biologia, por Darwin e a sua escola, não foram obtidos, cumpre lembrá-lo, pelo methodo scientifico, conforme é geralmente concebido. Não houve differença essencial entre o estabelecimento das suas generalizações e a investigação historica conduzida com intelligencia. Levou um inquerito ao dominio da historia predocumentaria, colleccionando informações ao longo das linhas indicadas por determinadas interrogações, e o seu trabalho principal consistio na sua assimilação e analyse critica. Em vez de documentos e monumentos teve que lidar com fosseis, estruturas anatomicas e germens demasiado innocentes para mentir, e assim se achou mais perto da simplicidade. Mas, por outro lado, teve que recorrer a criadores e viajantes de varias especies, classes inteiramente analogas, do ponto de vista da evidencia, aos historiadores e chronistas.»

Observa que em geral a palavra sciencia suggere a idéa de certeza, e accrescenta:

«No que respeita aos movimentos dos comêtas e dos bondes electricos, ha, sem duvida, praticamente certeza scientifica; indisputavelmente Comte (que nada achava de notavel em Platão) e Herbert Spencer (que não podia ler Kant) acreditavam que se podia adquirir esta certeza quanto a qualquer cousa imaginavel. O facto de Spencer chamar de Individualismo a certa doutrina não altera a qualidade não individualizadôra das suas primicias e da sua contextura mental. Acreditava que, em ultima analyse, tudo é susceptivel de ser medido; acreditava que a individualidade (heterogeneidade) foi e é um producto evolutivo de uma homogeneidade original, e o pensamento de que fôsse inherente á natureza das cousas talvez jamais abrolhasse no seu cerebro».

Insiste o Sr. Wells em que devemos ousadamente enfrentar o facto de que os methodos precisos, positivos se tornam cada vez mais improprios á proporção que nos occu-

pamos de individuos maiores e menos numerosos, e, por consequencia :

«Devemos nos convencer de que tudo o que se diz sobre a organização da sociologia, como se presentemente o sociologo pudésse dispôr da autoridade de um engenheiro sanitario, é dislate.

«Devemos contemplar com piedade menos credula a sociologia imitando a zoologia, parodiando a physiologia e emulando com as obscuridades ainda inferiores do biologo theorico.»

Concorda com os positivistas em que a sociologia occupa a extremidade da escala a partir das sciencias moleculares :

«Nestas ha um numero infinito de unidades; em sociologia, como percebeu Comte, ha uma só unidade.»

Na humanidade encontramos consciencia e volição, e por isso conclúe:

«A sociologia não deve ser simplesmente arte ou sciencia no sentido estreito da palavra, mas, saber obtido através da personalidade, isto é, no sentido mais elevado do termo—literatura.»

Assentada essa base passa a insistir que, para a classificação das sciencias so-

ciaes, devemos instituir um inquerito sobre as principaes fórmas literarias que se pres-tam a fins sociologicos. Uma destas é a historia, ao modo de Buckle, Lecky, Draper, Ranke e Taine.

E assim expõe o seu segundo principio :

«A historia da civilização é, na reali-dade, a historia do apparecimento e reap-parecimento, das tentativas, hesitações e alterações, das manifestações e reflexos, neste ou naquelle cerebro, de uma idéa muito complexa, imperfeita, enganadora —a Idéa Social. E' esta idéa lutando por existir e realizar-se em um mundo de egoismo, animalismo e materia bruta. Penso, de facto, que a creação de Utopias —e a sua critica exhaustiva—é o methodo proprio e distinctivo da sociologia.»

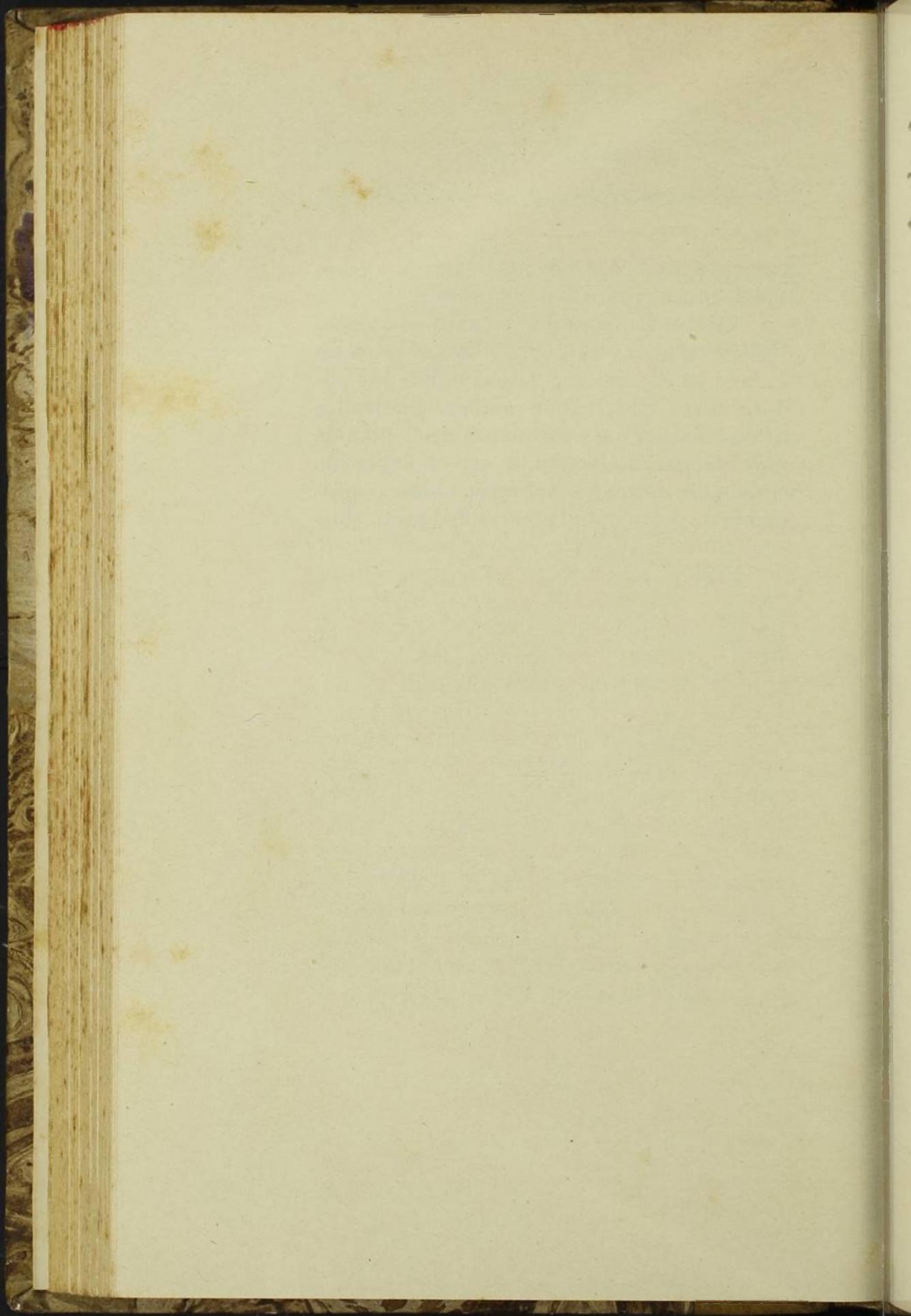
Neste ponto o Sr. Wells attinge ao princi-pio constructor da sua doutrina, e pergunta «se sociologia é a descripção da sociedade idéal e das suas relações com as socieda-des existentes, isto não dar-se-lhe-ia o ne-cessario arcabouço synthetico?» «Toda a literatura sociologica, fóra do dominio da historia, que tem resistido á prova do tempo e se firmado na estima dos homens, é fran-

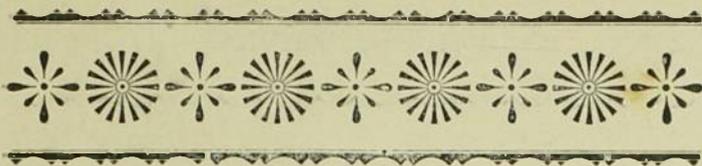
camente utopica, responde. Por isso o methodo que suggere é o seguinte :

«As instituições dos estados existentes seriam comparadas com as instituições do Estado Ideal; as suas falhas e defeitos poderiam ser mais effectivamente criticadas nesta relação, e o conjuncto da sciencia da psychologia collectiva, a psychologia da associação humana, actuaria sobre o problema da practicabilidade do ideal proposto.»

1905.







A POESIA BRASILEIRA NO CHILE

DEVIDO á sua particular configuração geographica e á enorme amplitude do seu territorio, o Brasil é limitrophe de todos os estados sul-americanos, com excepção de um só—o Chile, e é justamente a este que nos prendem os mais estreitos e fortes vinculos de mutua sympathia.

Clemente Barahona Vega.—Trovas y modinhas brasileiras.—*Santiago, 1903, in-32.* *O mesmo e Leonardo Eliz.*—Los Cantos del sabiá.—*Santiago, 1903, in-8°.*

A ausencia de irritantes questões de fronteiras e da concurrencia de interesses mercantis, alliada a certas affinidades psychicas entre os dois povos, determinou, sem duvida, esta bella approximação fraterna e sincera, de que se registram tão numerosos testemunhos desde a Independencia.

Não é dos menos expressivos a attenção carinhosa que, de parte dos mais selectos intellectuaes chilenos, tem merecido o estudo e a vulgarização da nossa literatura.

Alli—naquella estreita faixa de terra apertada entre a muralha altissima dos Andes e a vastidão interminada do Pacifico; entre aquella raça viril, laboriosa e intelligente, os nossos bons prosadores e poetas encontram interpretes entusiastas e admiradores idoneos.

Raras são, talvez, as joias mais fulgurantes da belletristica brasileira, que alli não tenham sido trasladadas para o harmonioso e másculo idioma de Cervantes e de Campoamor, e nesta propaganda — tão digna da nossa maxima gratidão — destaca-se a actividade competente dos

Srs. Clemente Barahona Vega e Leonardo Eliz.

O primeiro transplantou para o castelhano algumas das melhores amostras da nossa poesia popular.

E' de certo, sob varios pontos de vista, extremamente ociosa e pueril a interminavel controversia sobre qual seja a melhor das linguas; o orgulho nacional induz cada povo proclamar a primazia da patria.

Assim os hespanhóes, firmados na opinião do seu imperador Carlos V, se vangloriam com ser o seu idioma o mais perfeito e harmonioso, porquanto é o mais digno de ser falado pelos anjos; entretanto, juizes de competencia menos discutivel do que a do celebre monarcha em cujos dominios o sol não tinha occaso, contestam esta pretensa superioridade.

Cervantes, castelhano e portanto insuspeito, affirmou que o gracioso dialecto valenciano era o unico que *puede competir en ser dulce y agradable* com o idioma portuguez; Diez assignalou as qualidades de flexibilidade e de precisão em que sobreleva ás demais linguas romanicas a

de Camões; Schlegel accentuou a riqueza das suas assonancias e a sua maravilhosa pertinencia para a poesia, e Boutewerk a considerou particularmente favoravel á expressão dos sentimentos ternos um grão de singeleza e intensidade nunca attingido pelo hespanhol.

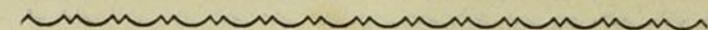
Para verificar a propriedade deste conceito do grande historiador das literaturas ibericas, de possuir a lingua que falamos mais recursos para a manifestação adequada da ternura romantica, é sufficiente cotejar os originaes dos versos de alguns dos nossos maiores lyricos, como Gonçalves Dias, Maciel Monteiro, Casemiro de Abreu e Castro Alves, com as traducções para o hespanhol publicadas pelos dois poetas chilenos em *Los Cantos del Sabiá*; da comparação resalta logo a ausencia, nas versões, da meiguice carinhosa e delicada que perfuma tão suavemente as estrophes originaes.

Não obstante a similhaça apparente entre os dois idiomas, existem a separá-los, além de differenças syntaxicas, disparidades prosodicas que explicam assás este phenomeno.

A curiosa *plaquette*—*Trovas y Modinhas Brasileiras*, do Sr. Clemente Barahona Vega, parece testemunhar mais uma vez da incapacidade da lingua de Zorilla para exprimir os cambiantes subtis do nosso lyrismo, ainda quando trabalhada pelo talento de emerito artista do verso.

No louvavel designio de tornar conhecidas no seu paiz as producções do nosso *folk-lore*, o Autor passou para o hespanhol bom numero de quadras populares brasileiras; em algumas logrou vencer brilhantemente as difficuldades acima apontadas, estabelecendo completa equivalencia lexica e emotiva; em outras, porém, a diversidade dos vocabulos correspondentes o obrigou á mudança de rimas por meio de habeis paraphrases, expediente que em geral prejudicou bastante a indole e o encanto dos originaes.

Por isso, as vezes em que, menos ao seu estro do que á sua lingua, falleceu aptidão para aquella inteira correspondencia exterior e intrinseca, são mais numerosas do que os triumphos alcançados em tão ardua taréfa.



Com mais felicidade foram trasladados os versos da feição culta, da lavra de Auta de Sousa, Mello Moraes Filho, Roberto Correia, Avelino Foscolo e outros poetas nossos, que constituem a segunda parte das *Trovas y Modinhas Brasileiras*.

O companheiro do Sr. Clemente Barahona Vega na publicação de—*Los Cantos del Sabiá*, o Sr. Leonardo Eliz, é um exemplo salutar do quanto póde o talento servido por uma vontade robusta e constante. Nascido em Santiago do Chile, no anno de 1860, sem bens de fortuna, adquiriu por esforço proprio e tenaz perseverança, uma cultura solida e variada com que commetteu victoriosamente á conquista de posição conspicua entre os mais genuinos representantes da actual mentalidade chilena.

Estreando no jornalismo, já em 1887, o Sr. Leonardo Eliz publicava a sua primeira obra de vulto — *Siluetas Liricas y Biograficas* — classificada, por um seu illustre compatriota, de «resumo compendio dos trabalhos e da vida literaria dos mais distinctos poetas nacionaes, e especialmente dos pertencentes á juventude

moderna. Ao lado de um perfil traçado em estrophes polidas e harmoniosas, estampa um trecho de prosa definindo a physionomia moral de cada poeta que retrata. E' um livro unico em seu genero no paiz e de summo interesse literario e historico pelas noticias que consigna».

Nomeado, em 1889, lente cathedratico de literatura hespanhola no Lyceu de Valparaiso, e pouco depois da Escola Naval da mesma cidade, os labôres do magisterio não o afastaram das lides da imprensa, e cada vez mais operoso, além de collaborar assidua e brilhantemente no jornalismo, foi dando á luz varios trabalhos historicos, philosophicos, poeticos e criticos, como a *Biografia* do pranteado philologo e publicista Eduardo de la Barra; *Un Heroe del Trabajo*, relatando a vida publica do distincto e popular defensor das classes operarias Francisco Galleguillos Lorca, e o vibrante poemeto—*América y Colon*—em homenagem ao 4° centenario do descobrimento do Novo-Mundo.

Ao mesmo tempo proseguia indefesso colligindo os materiaes necessarios á organização da sua obra monumental—*El*

Parnaso Chileno—vasta anthologia, enriquecida de abundantes noticias critico-biographicas e organizada com tão esmerada erudição e tão superior criterio, que poucos rivaes poderá achar nas literaturas latino-americanas.

Perfeito conhecedor da lingua portugueza, o Sr. Leonardo Eliz é um apaixonado cultôr das letras brasileiras, tendo diffundido no seu paiz em revistas e folhetos, as producções selectas dos nossos melhores prosadores e poetas, sabendo conservar-lhes no idioma extranho todas as bellezas e attractivos dos originaes.

Um dos seus criticos, o Sr. Mauret Caamano, elogia sobretudo a fidelidade e a perfeição das suas traducções de Fagundes Varella.

Compartilhamos desta opinião, comquanto pensemos que o caprichoso traductor tenha sido, em geral, igualmente feliz nas demais versões de outros poetas nossos.

No elegante folhêto—*Los Cantos del Sabiá*—tocante *Homenaje a los distinguidos marinos de lo crucero «Almirante Barroso» en su arribo a Chile*, publicado

em 1903 pelo Sr. Leonardo Eliz de parceria com o Sr. Clemente Barahona Vega, encontram-se passados para o hespanhol versos de Alvares de Azevêdo, Gonçalves Dias, Augusto de Lima, Bittencourt Sampaio, Raul Pompeia e Lucio de Mendonça, nos quaes a equivalencia das expressões e a manutenção do rhythmo primitivo são verdadeiramente inexcediveis.

O mesmo observámos no recente livro do primeiro destes poetas transandinos—*Poesias Liricas*—onde, de permeio a producções originaes de impecavel textura e estro vigoroso, vêm semeadas algumas traducções não menos dignas de apreço, quer pela excellencia da fórma, quer pelo esméro da escolha.

Experimenta-se, ao lê-las, uma sensação muito prazente, mixto de gozo esthetico e de orgulho patriotico satisfeito; é que se descobre, graças ao delicado lavôr do poeta chileno, immensamente ampliado o circulo dos admiradores dos seus confrades brasileiros.

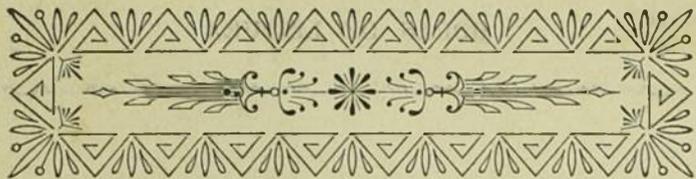
Notam os compatriotas do Sr. Leonardo Eliz que o seu lyrismo requeira habitualmente vaga tristeza ou intensa melanco-

lia; factôr meramente emotivo isto, porém, em nada prejudica a serena formosura da sua musa que, no sensato dizer do Sr. Clemente Barahona Vega, é «recatada, sã, sincera, ingenua e amavel, tendo bebido as aguas puras da fonte Castalia».

Nós, brasileiros, admirando os dois correctos e inspirados poetas chilenos, devemos tambem reverenciar gratissimos aos dois prestimosos amigos das letras patrias.

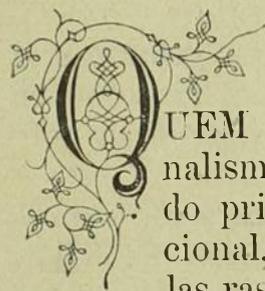
1905.





XXV

JORNAES D'OUTR'ORA



QUEM quer que comparar o jornalismo contemporaneo com o do principio da nossa vida nacional, ficará sorprendido pelas rasgadas differenças de fundo e de fórma que os separam.

A começar pelo formato é flagrante a dessimilhança entre os grandes quotidianos hodiernos — vastas toalhas com que, no dizer de José de Alencar, a civilização limpa todas as manhãs o rosto ao publico—e

os minusculos periodicos do decennio de 1820.

Impressos geralmente em excellente papel de linho, mas com fontes safadas e incompletas, distinguam-se ainda estes pelo imprescindivel adôrno do cabeçalho com vinhetas symbolicas ou allusivas ao titulo e pelo uso de epigraphes mais ou menos pertinentes ao seu programma.

Os emblemas, sempre xylographados, occupavam o alto da primeira pagina, raras vezes dividida em mais de duas columnas, e consistiam óra em simples traducções pinturescas do titulo e óra se complicavam em verdadeiras estampas allegoricas; as epigraphes, em verso ou em prosa, continham tambem identicas referencias.

Era vulgar serem ambas assás expressivas e escolhidas com grande felicidade.

Assim, o primeiro jornal publicado no Recife, a *Aurora Pernambucana*, cujo numero inaugural vio a luz a 27 de Março de 1821, redigido pelo celebre Rodrigo do Fonseca Magalhães, estampava acima da titulo uma pequena gravura representando uma praia arborizada e ao fundo o sol

surgindo radiante do seio do mar, e trazia por divisa os versos de Camões :

*Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Trax a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salramento...*

figurando claramente uma e outra a éra nascente do constitucionalismo.

No *Relator Verdadeiro*, do padre Francisco Ferreira Barretto, que o substituiu a 13 do Dezembro do mesmo anno, o moto, tirado de Phædro, resa: *Utilius homini nihil est*, e a vinha apresenta um fuste de columna tendo inscripto na base — *Constituição*—e mais acima—*Sic semper manebunt*; no topo vê-se uma corôa, um sceptro e uma folha de pergaminho, sobre os quaes um indio e Minerva estendem as mãos em attitude de juramento.

Muito mais singela é a gravura impressa no segundo jornal pernambucano, a *Segarrega*, de Felippe Menna Calado da Fonseca, surgido a 8 do mesmo mez, onde se observa apenas, dentro duma moldura hexagonal, o instrumento *musico* do seu

nome, e mais abaixo a legenda: *Brincando contarei verdades puras.*

E', pelo contrario, um verdadeiro enigma pittoresco, dum comico involuntario, o *cliché* d'O *Maribondo*, redigido, a partir de 25 de Julho de 1825, pelo padre José Marinho Falcão Padilha e por muitos erradamente considerado a primeira folha republicana publicada no Brasil: em saltos grotescos um individuo exageradamente *corcunda* (portuguez) foge acoçoadado por um exame de *maribondos* (brasileiros) que esvoaçam duma arvore proxima, o todo destoando da gravidade da divisa: *A justiça ultrajada véla em todos os corações.*

Se do exame exterior passarmos a inquirir do conteúdo a diversidade se manifesta ainda mais evidente e rasgada.

Nascida num borrascoso periodo de profundas transformações sociaes, a nossa primitiva imprensa foi essencial senão exclusivamente politica.

Os jornalistas da época feriam todos a mesma tecla numa fatigante monophonia, ainda mais agravada pela pequenez do formato dos periodicos que obrigava, mui-

tas vezes, a sacrificar todo o ambito duma edição a um só artigo, como frequentemente na famosa *Sentinella da Liberdade* (1823) de Cypriano Barata.

Outros iam mais além; *O Argus Pernambucano* (1824) do festejado poeta Natividade Saldanha, em *cinco* numeros publicou apenas dois artigos!

Quanto mais faceis de contentar eram os nossos antepassados, cujos bisnetos exigem hoje seja o jornal uma completa e variadissima encyclopedia!

O noticiario, ou não existia absolutamente, ou era tarde e moroso em demasia; sem falar dos acontecimentos importantes occorridos em outras partes do Brasil, ou do estrangeiro, que a difficuldade das communições só permittia conhecer após dilatado praso, mesmo os factos locaes de maior transcendencia só tinham divulgação pela imprensa semanas depois de succedidos.

Contribuia em grande parte para esse atrazo a falta de periodicidade regular no apparecimento dos jornaes que, salvo o *Diario do Governo* (1823-25)—restricto

á publicação do expediente—, quasi nunca saíam mais de duas vezes por mez.

Entretanto, não se supponha, enganado pelo titulo, que aquelle organ official fôsse quotidiano; não, quando muito apparecia todas as semanas. Jornal, no sentido rigoroso deste gallicismo que ociosamente adoptámos, só vimos a possuir, de 7 de Novembro de 1825 em diante, quando Antonio José de Miranda Falcão fundou o *Diario de Pernambuco*, dando-lhe egualmente orientação assás diversa da dos precusores, dos quaes fôra modelo quasi unico o acanhado *Astro da Lusitania*, publicado em Lisbôa.

Miranda Falcão, trilhando com perseverança e habilidade a senda, tres annos antes desbravada apenas por Manuel Clemente do Rego Cavalcanti na *Gazeta Pernambucana*, deu á sua folha uma feição toda utilitaria, recheiando-a de informações commerciaes e abrindo largo espaço aos annuncios e communicações de interesse particular, e modificando por tal forma a physionomia da imprensa contemporanea que até mesmo os organs genuinamente politicos, como *O Cruzeiro*,

O Amigo do Povo e *O Constitucional* (1829-31) foram obrigados a seguir-lhe as n6rmas.

Apesar destes progressos um lamentavel defeito ancestral continuou, infelizmente, a macular-lhes as columnas, num deplorabilissimo crescendo. Deslustravam-n'as, com grosseira virulencia, interminaveis *Correspondencias*, artigos anonymos eivados de torpezas e villanias, tristes pronuncios dos *A pedido* e das *Solicitadas* com que, ainda n6o ha muito, se conspurcavam quasi todos os jornaes brasileiros, sob a capa do *testa de ferro*.

Mas... deixemos sem sermonar a covardia ignobil dos que sempre recorreram a t6o indigno expediente; repugna 6 dignidade humana conceber taes homens.

Indaguemos de assumpto mais...limpo.

Qual era a circula76o dos nossos primeiros jornaes?

A sua tiragem era habitualmente de 200 exemplares, duplicando-se em occas6es excepcionaes e attingindo, por vezes, cifra ainda mais avultada, conforme succedeu com alguns numeros da *Sentinella*

da Liberdade, que tiveram até seis edições. Estes algarismos, porém, seriam erroneamente interpretados por quem lhes quizesse applicar o moderno criterio de Hatin: isto é, que cada exemplar dum jornal é lido por cinco pessoas. Naquella época a porcentagem da nossa população illustrada era incalculavelmente superior á actual, mas as opiniões, patrocinadas pela imprensa, espargiam-se, talvez, tão céleres como hoje. Temos provas que alicerçam esta affirmativa.

Raros são os exemplares de qualquer um dos nossos primeiros jornaes conservados até hoje—que não mostrem vestigios de terem sido manuseados por numerosos leitores; outro-sim é sabido que logo publicados eram lidos nas esquinas das ruas mais frequentadas perante numeroso auditorio.

Mas, se a sua circulação, mau grado a minguada tiragem, era equivalente, talvez, á dos seus actuaes congeneres, num ponto os excedia.

O seu preço era exorbitante.

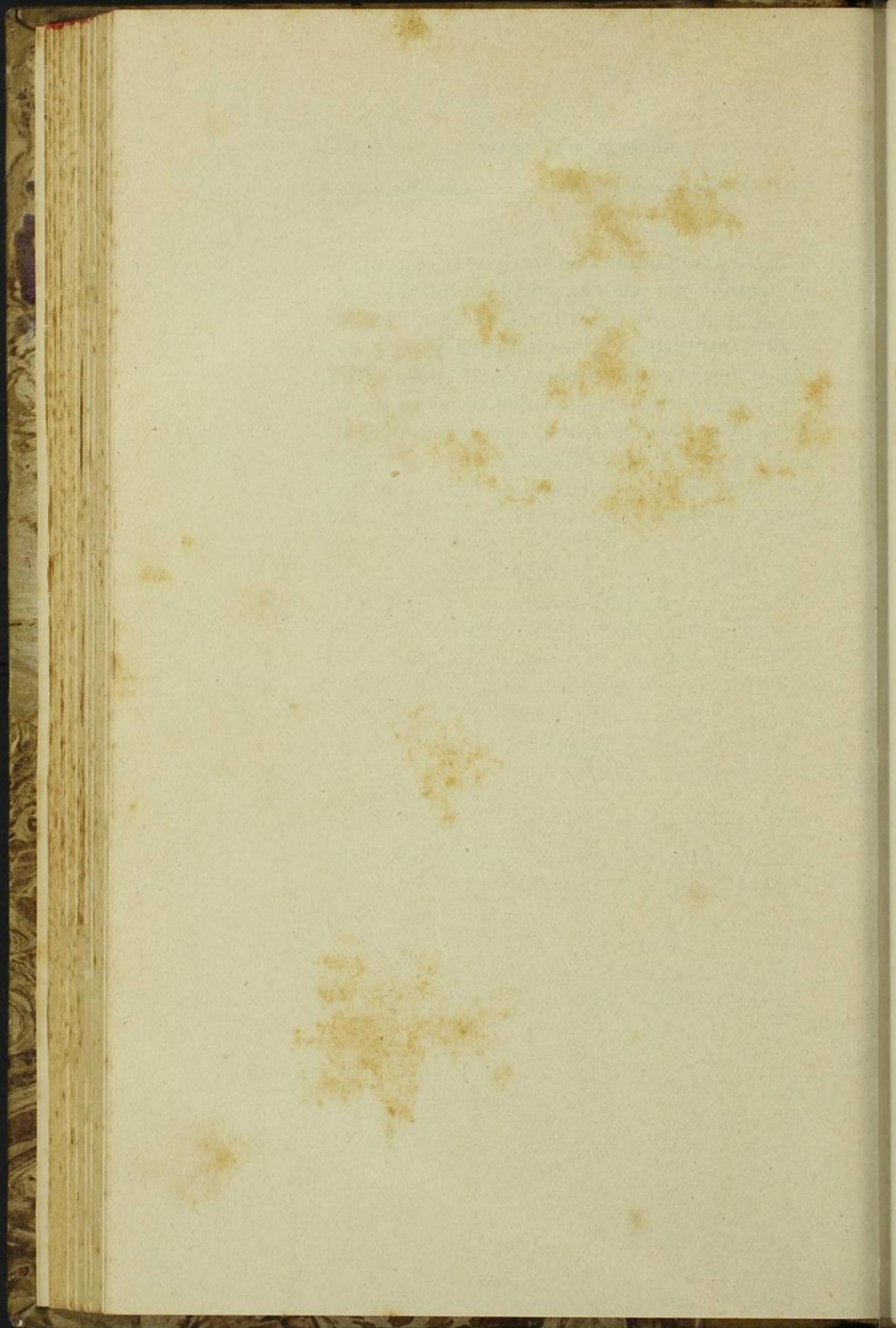
Não admittiam assignaturas, e os numerosos avulsos eram vendidos por 80 réis.

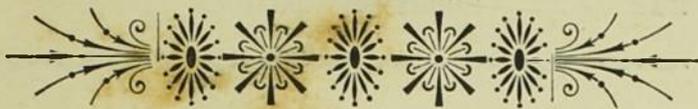
Ora, considerando que esta quantia, ao cambio da época (48 *d*) equivale ao de hoje (12 *d*) a 320 réis, e que a superficie impressa de qualquer jornal de 1820 não occuparia mais de 1/10 da dum dos nossos diarios matutinos, vendido a 100 réis, teremos que o seu preço actual seria de 3\$200!!!!

E ainda haverá quem diga que os nossos jornaes são caros!

1906.







XXVI

O ESTUDO DA LINGUA PATRIA

ESTES dois compendios do consciencioso professor de portuguez na nossa Escola Normal foram evidentemente elaborados com criterio filho de consideravel experiencia docente e aturado versar dos melhores mestres da lingua.

Julio Pires Ferreira.—Grammatica portugueza. —(1º anno). Para uso dos cursos primarios. *Recife, 1905*, in-8º, 112 pp.

O mesmo.—Idem, idem.—(2º anno). Para uso do curso medio e superior. *Ibidem, 1905*, in-8º, 270 pp.

São claros, syntheticos e, quanto possível, expurgados da rebarbativa tecnologia hybrida de que tanto se tem abusado ultimamente em obras similares; por isso creio satisfazerem plenamente ás exigencias dos actuaes methodos de ensino.

Mas, quanto á legitimidade racional destes methodos, não tenho tão seguro parecer.

Concordam os pedagogos que o ensino primario ou elementar deve ser sobretudo intuitivo, concreto; cumpre ao professor objectivá-lo experimentalmente afim de que os discipulos aprendam a formular por si proprios as suas primeiras generalizações, as suas abstracções expontaneas.

E de Greef, considerando que os cerebros infantis são egualmente inaptos para a concepção das leis da lingua como para uma concepção cosmogonica e social, geral e abstracta ou mesmo concreta, insurgio-se contra o ensino de *regras* de grammatica a creanças e chegou ao ponto de exigir que esta, sendo apenas o formulario das leis da lingua oral ou escripta, fôsse rigorosamente banida das aulas primarias, pelo menos.

Não sei se convem ir tão longe; mas, é obvio ser em grande parte devida aos absurdos methodos vigentes a ignorancia geral e profunda da lingua materna que se observa entre nós.

Sem falar da immensa maioria analphabeta da população, mesmo entre a gente semiculta ou com pretensões a tal, é lamentavel o abuso que se faz do nosso bello idioma.

Comportam-se para com elle como um bando de selvagens que se apoderasse de um vasto palacio esplendidamente mobiliado: estragam isto, destróem aquillo e deixam alas inteiras inexploradas cair em ruinas.

A penuria vocabular é extrema, resultando menos da estreiteza de idéas e da inexperiencia philosophica, do que derivando da propria ignorancia da lingua, atrozmente ensinada por processos irracionaes.

E para supprí-la ha recurso constante a termos de giria e a neologismos ociosos, que vão aos poucos constituindo este abominavel mistifório orgulhosamente denominado *dialecto brasileiro*.

Certo ha um progresso natural e uma evolução necessaria em todas as linguas vivas, progresso que não póde ser obstado. Nas applicações, na politica, nas sciencias, na interpretação philosophica ha perpetua necessidade de palavras novas, palavras para exprimir novas idéas e relações, palavras sem ambiguidade e sem associações estorvantes. Mas os neologismos dos garotos e dos follicularios raramente preenchem estas lacunas.

Em geral são apenas estupidos esforços de gente ignara para prover o superfluo. E parallelamente com a invenção de substitutos inferiores para palavras e phrases já existentes, desenvolve-se o habito ainda mais nocivo do emprego errado de termos cuja significação é insufficientemente conhecida.

São processos estes não de evolução, mas, de ruina — condemnam, mutilam, destroem, e pelo desuso e pela destruição de palavras e phrases nos segregam do passado e ameaçam a nossa unidade ethnica.

A lingua deve progredir e tem de evolver — deve purificar-se, requintar-se,

aperfeiçoar-se; mas não merece a sorte do filamento algar que apodrece e morre logo que deixa de crescer.

Podemos possuir um idioma mais copioso e vario do que o de Sá de Miranda ou de Bernardim Ribeiro — não ha mal nisto — mas, não é motivo para desdenharmos o que manejaram tão vigorosamente.

Não ha razão para não dispormos integralmente da bella lingua dos quinhentistas. Certo, Fr. Luiz de Sousa acharia obscuro o portuguez synthetico e allusivo de Eça de Queiroz, do mesmo modo por que podemos conceber a existencia de milhares de palavras e de phrases, para nós extranhas e bizarras, em uso corrente no seculo XXII; mas seria desarrazoado suppôr por que tempo virá quando o que foi excellentemente escripto em portuguez, nos dias de D. Manuel, deixe de ser comprehensivel e excellente.

Consideremos ainda o enorme obstaculo que a ignorancia prevalecente da lingua portugueza entre nós oppõe ao desenvolvimento da consciencia nacional, impedindo a circulação ampla das idéas.

Estas só podem ser expressas por intermedio dos mais estafados logares comuns, se se destinam á grande maioria dos nossos compatriotas nas presentes condições.

O autor que hoje tem de escrever para o grande publico é continuamente forçado a deter-se, a vacillar perante as palavras que lhe vêm á mente; precisa considerar o numero dos leitores capazes de apprehender o sentido real do termo empregado; cumpre-lhe recorrer a periphrases corriqueiras, a novas disposições engenhosas do trivial; a todo momento sente-se obrigado a omissões, ou a redundancias.

Palavras simples e necessarias como «abstinencia», «delisquescente», «segregar», por exemplo, têm de ser repudiadas por quem escreve para o geral dos leitores; deve usar de «intemerato» como se fôsse synonymo de «destemido»; de «indecente» como equivalente de «obsce-no», afim de ser comprehendido por individuos cujos instrumentos linguisticos, no dizer drastico de H. G. Wells, não são mais aptos ao pensamento contemporaneo

do que uma gaita, uma matraca e um tambôr são capazes de reproduzir a *Eroica* de Beethoven.

E, ignorantes da propria ignorancia, participam da mais deploravel das ignorancias. Excepto entre alguns raros escriptores e criticos, não ha consciencia deste grave defeito. O vulgar dos homens não suspeita que o seu vocabulario restricto restringe tambem as suas idéas. Sabe que na lingua existem «palavras difficeis», termos raros, mas desconhece que isto implica a existencia de noções definidas além do seu horizonte mental. A sua mesquinha collecção de palavras diarias, de phrases cançadas e de trapos safados constitue o que elles chamam de *portuguex rasteiro*, e acreditam seriamente que fóra dos seus estreitos limites existe apenas um dialecto elaborado e obscuro feito para uso privado dos doutos.

Não padece duvida ser esta suspeita assás justificavel pelas façanhas estylisticas de pretenciosos e garrulos plunitivos. Mas, é uma justificação superficial de um erro profundo e desastroso.

A's falhas no vocabulario de um homem correspondem lacunas na sua intelligencia; a falta de palavras significa a ausencia de idéas que elle não tem meios de apprehender claramente, constituem symptomas lastimosos da sua imperfeita existencia mental, factores consideraveis no conjuncto da sua inaptidão pessoal para a vida.

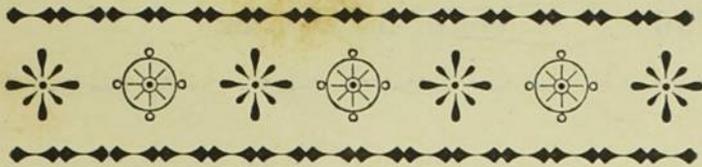
Esta ignorancia da lingua portugueza, tão ameaçadora para o futuro da nossa nacionalidade, é infelizmente mais do que ignorancia passiva; é activa, é aggressiva, tem campeões na imprensa e no ensino.

Urge, pois, combatê-la por todos os meios e desde as aulas primarias; mas, por processos menos irrationaes e absurdos, quaes os methodos actualmente em vigôr.

Até onde me conduziram involuntariamente as *Grammaticas* do Dr. Julio Pires!!!...

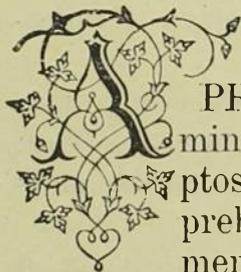
1905.





XXVII

AFFONSO OLINDENSE



PROFUNDA indiferença dominante, entre nós, pelos assumptos literarios pode apenas surprehender aos que propositadamente esquecem sermos uma nação de analfabetos, em que mesmo a insignificante minoria letrada pouco quasi ou nada lê ; esta causa primordial, oriunda da nossa infeliz organização ethnopsychologica, é ainda mais agravada pelas nossas deploraveis condições economico-sociaes, que fazem do Brasil, mau grado as suas tão apreciadas riquezas naturaes, um dos

paizes relativamente mais pobres do planeta.

Como, pois, florescer uma literatura entre gente sem gosto pela leitura e onde aos poucos que o têm fallecem em geral os recursos para a aquisição de livros?

Deste conjuncto de circumstancias desfavoraveis resulta constituirem os nossos escriptores um verdadeiro proletariado da penna, tanto mais doloroso quanto os seus desventurados membros são forçados a occultar os andrajos sob os falsos ouropeis duma gloriola improductiva e ephemera.

Desamparados, em vida, de compensações positivas, baixando ao tumulo vem présto o olvido apagar a memoria das suas obras.

O primoroso e fecundo belletrista a quem, num debil mas sincero preito de justiça, consagramos as presentes linhas, é um exemplo caracteristico deste phenomeno cultural, tão explicavel quão triste.

Nascido em Olinda, a 8 de Outubro de 1855, Affonso Olindense Ribeiro de Sousa, fez os estudos primarios e preparatorios sob a direcção de seu pae, o exi-

mio pedagogo José Francisco Ribeiro de Sousa, por muitos annos provector director do afamado *Collegio de Santo Amaro*.

Matriculando-se na Faculdade de Direito do Recife, após um curso brilhantissimo, bacharelou-se em 16 de Novembro de 1879.

Á mingua de recursos viu-se, desde os tempos de estudante, obrigado a leccionar particularmente, e ainda depois de formado continuou nesse ingrato magisterio, chegando mesmo a manter por algum tempo um estabelecimento de instrucção denominado — *Atheneu Brasileiro* — que não logrou prosperar; abraçou então a advogacia, em cujo exercicio a morte o colheu, nesta cidade, em 17 de Outubro de 1889, quando o seu bello talento attingira gráo de cultura promettedor dos mais succulentos fructos.

Ainda assim o que resta da sua actividade litteraria, como jornalista, poeta e dramaturgo, testemunha assás das suas poderosas faculdades estheticas e creadoras.

Estreando na imprensa periodica fundou e redigiu em companhia de Fran-

cino Cismontano e de Francisco Ignacio Ferreira a excellente revista satyrico-epigrammatica — *Os Xenios*—hebdomadario escripto e illustrado com muito espirito e proficiencia que, de 1878-79, rivalizou brilhantemente com o famoso *Diabo a Quatro* de Annibal Falcão e Sousa Pinto; serviam-lhe de epigraphe e symbolizavam o seu programma os seguintes versos do *Fausto* de Goethe:

«Vrais insectes nous sommes là,
«Tenant une mauvaise pince
«Pour rendre honneur au puissant prince,
«A Satan, notre cher papa».

Mais tarde, de 1883 a 1884, Affonso Olindense redigiu *O Globo*, semanario do Dr. Sabino Pinho, e um dos mais noticiosos, variados e bem feitos que já possuímos; de 1884 a 1885 encontrâmo-lo escrevendo, de parceria com o escól dos intellectuaes da época, *A Arte Dramatica*, e logo depois partilhando com Tobias Barretto e Sousa Pinto a *Revista das Artes*, dois magnificos periodicos creados pela benemerito e saudoso coronel Francisco de Paula Mafra, e finalmente, em 1888,

collaborando na substanciosa revista de Arthur Orlando intitulada — *Homens e Letras*.

Como jornalista Affonso Olindense se distinguiu sobremaneira pela delicadeza da verve, o esmero da linguagem e a variedade dos conhecimentos, sendo principalmente notaveis os seus artigos de critica theatral, especialidade em que excellia.

Alem de numerosas producções inser-tas nos jornaes que vimos de mencionar, o seu estro expandiu-se igualmente em varias publicações avulsas, como os poe-metos *Naufragio do vapor Bahia*, *A Es-crava Branca*, *A Caridade* e *Libertas que sera tamen*, apparecidos em 1885 a 1888, e no volume de poesias intitulado *Inodo-ras*, que infelizmente não saú á luz.

Educado entre os clangôres ruidosos da musa «condoreira», foi um lyrico com todos os defeitos e muitas das qualidades dos progonos da escola hugoana entre nós, havendo nos seus versos surtos admira-veis que aquelles não desdenhariam legiti-mar; alcandorando-se, por vezes, em estrophes vibrantes, ás cumiadas do Olym-po, sabia tanger com igual mestria a lyra

melodiosa e terna das canções amorosas, a que transmittia a ardencia tropical do seu temperamento de mestiço.

Mas, onde a pujança das suas aptidões belletristicas se revelou em esplendida floreação foi no dominio das ficções dramaticas, que constituem a parte maxima da sua obra literaria.

Ainda academico escreveu *A Filha Martyr*, drama em quatro actos, só representado e impresso em 1884, ao qual se seguiram a breves intervallos: *Ismael*, drama moderno em um prologo e tres actos; *Avatar*, drama extrahido da conhecida novella de Theophilo Gautier; *Guerra das Mulheres*, comedia calcada sobre o romance do mesmo titulo de Alexandre Dumas; *Tamar*, operêta historica em tres actos; *Do Libori*, drama; *O Solteirão*, scena comica, e *No Campo da Honra*, drama historico-militar, em cinco actos, peças das quaes apenas as duas ultimas foram publicadas, sendo, porém, todas representadas com enorme successo pelo Club Dramatico Familiar desta cidade.

Não é pouco para um homem que morreu aos trinta e quatro annos e sempre

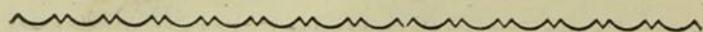
teve de buscar em labôres extranhos ás suas predilecções os meios de subsistencia, e só podia consagrar-lhes breves e fatigados lazeres.

Entretanto, apreciando conjunctamente a obra dramatica de Affonso Olindense e as suas theorias estheticas sobre a arte que tanto acarinhava, observa-se notavel discrepancia entre as opiniões que proclamava e a indole das composições que produziu.

Era dos que não acreditavam na pretendida morte do *drama*, e na tendencia que, diziam, manifestava de desaparecer da scena.

— « E' verdade, — escrevia mais ou menos em 1884, — que nesses ultimos tempos o theatro dramatico já não consegue reunir senão um circulo muito limitado de apreciadores ; não, porém, porque já não tenhamos gosto pelo *drama*, ou porque a *fôrma dramatica* seja imprestavel; e sim porque a *Dramatica* assim como a temos já não está no espirito do nosso tempo.»

Mais tarde, nas interessantes paginas de *Autocritica* que precedem o drama *No*



Campo da Honra (1888), acrescentava : «E' preciso não confundir o drama *fôrma artistica*, com o drama *producto da arte*, e não tomar o *conceito* pelo *phenomeno*.

E' esta a confusão, que fazem os que accendem cyrios e entoam o *De-profundis* á cabeceira da *Arte Dramatica*, que posto esteja enferma, ainda não está moribunda.

«A *Dramatica* é um producto cultural do espirito do homem e, portanto, deve acompanhá-lo em sua marcha evolutiva. Desde que ella se deixa atrazar, não pode inspirar mais do que um méro interesse archeologico: é o interesse, que desperta o achado de um vaso de Pompeia, ou de uma *igaçaba* tupí.

«A gente admira; mas, não se emociona, e as artes, e mais do que todas a *Dramatica*, exigem as emoções fortes, vibrantes e promptas.

«Estou certo de que aquella scena terrivel das Euménides de Eschylo, que fez com que as mulheres daquelle tempo déssem á luz prematuramente no mesmo instante, e morressem alli mesmo de puro medo muitas crianças, — hoje produziria

o effeito de um ridiculo supremo, ou passaria despercebida por incomprehensivel. E porque? E' obvia a resposta. As Euménides estão para a *Dramatica* moderna, como o seculo de Eschylo está para o seculo de Edison. O sentimento religioso daquelles tempos e a que foi devido todo o effeito da celebre scena, esvaiu-se através dos seculos e as *Furias* já não impressionavam a pessoa alguma.

«O theatro deve ser do *seu tempo* para ser o que deve ser. Não creio, porem, sem reservas no naturalismo dramatico de Zola. Em Junho de 1885 já dizia eu o seguinte:

—«O *real*, sim: esta é a grande questão. As cousas como *realmente* ellas o são... eis a verdade. Porem, e a arte?... A expressão da arte deve contentar-se singelamente com o *real* como elle *realmente* é? Creio que não. Por mais que me digam, eu não comprehendo uma arte sem ideal, sem inspiração, sem esse *quid divinius*, que faz precisamente com que o verdadeiro artista seja um ente privilegiado. Conciliar a exigencia do ideal artistico, eis o grande problema.»

No entanto, elle proprio confessa que na sua obra dramatica muita cousa está em contradicção comsigo mesmo.

Emquanto pugnava por uma reforma do theatro, que fizesse delle uma cousa moderna, escrevia peças puro 1830, nas quaes havia exercitos, tiros, ferimentos, mortes, fuzilamentos, perdões, monologos, *ficelles*, reconhecimentos, desmaios, beijos, abraços e até... embuçados.

—«Oh!... exclamava o Autor. E' o que redobra o peccado! — eu pequei com inteiro conhecimento do mal e com intenção de o praticar!...»

Mas, o publico exigia aquelles dramalhões apparatusos, e cumpria satisfazê-lo, proporcionando-lhe bem codimentada de incidentes violentos a iguaria predilecta.

Nestas condições força é dar razão ao dramaturgo quando assim se justificava:

«A ser a cousa como eu entendo, este genero é banido do theatro; mas, desde que se tem em vista fazer uma peça de tal genero, então... façâmo-la pelos moldes do genero, pelos moldes de 1830.

«Caíram as *odes saphicas* e hoje estão em rigôr da moda os *alexandrinos*; mas, se, por uma phantasia, eu quizer fazer uma ode daquelle genero, certo que não n'a farei em *alexandrinos* e sim em *versos saphicos*. Se eu fosse pintor e quizesse pintar uma paizagem européa, não podia dar-lhe o *tom* quente dos tropicos, nem coqueiros esbeltos, nem frondosas mangueiras: dava-lhe brumas, pinhaes, eirados, moinhos, etc.»

Perfeitamente logico.

E cumpre assegurar que, attentas estas considerações, os seus dramas são verdadeiros modelos no genero: cheios de interesse, movimentação e lances patheticos, e escriptos numa lingua castiça e esmerada.

Dos seus outros trabalhos apenas foi publicada uma conferencia sobre *A Immi-gração*, repleta de conceitos novos e idéas aproveitaveis; no numero dos manuscritos que deixou — e que infelizmente se devem considerar perdidos — figurava uma série de estudos juridico-sociaes sobre *Os Direitos da Mulher Brasileira*, um romance realista intitulado *A Fonte do*

Mal e uma traducção do drama em cinco actos *O Diabo*, de Delacour e Thiboust.

Tal era o escriptor, fecundo e primoroso, de quem, ha pouco, escreveu, com saudade e justiça Sebastião Galvão:

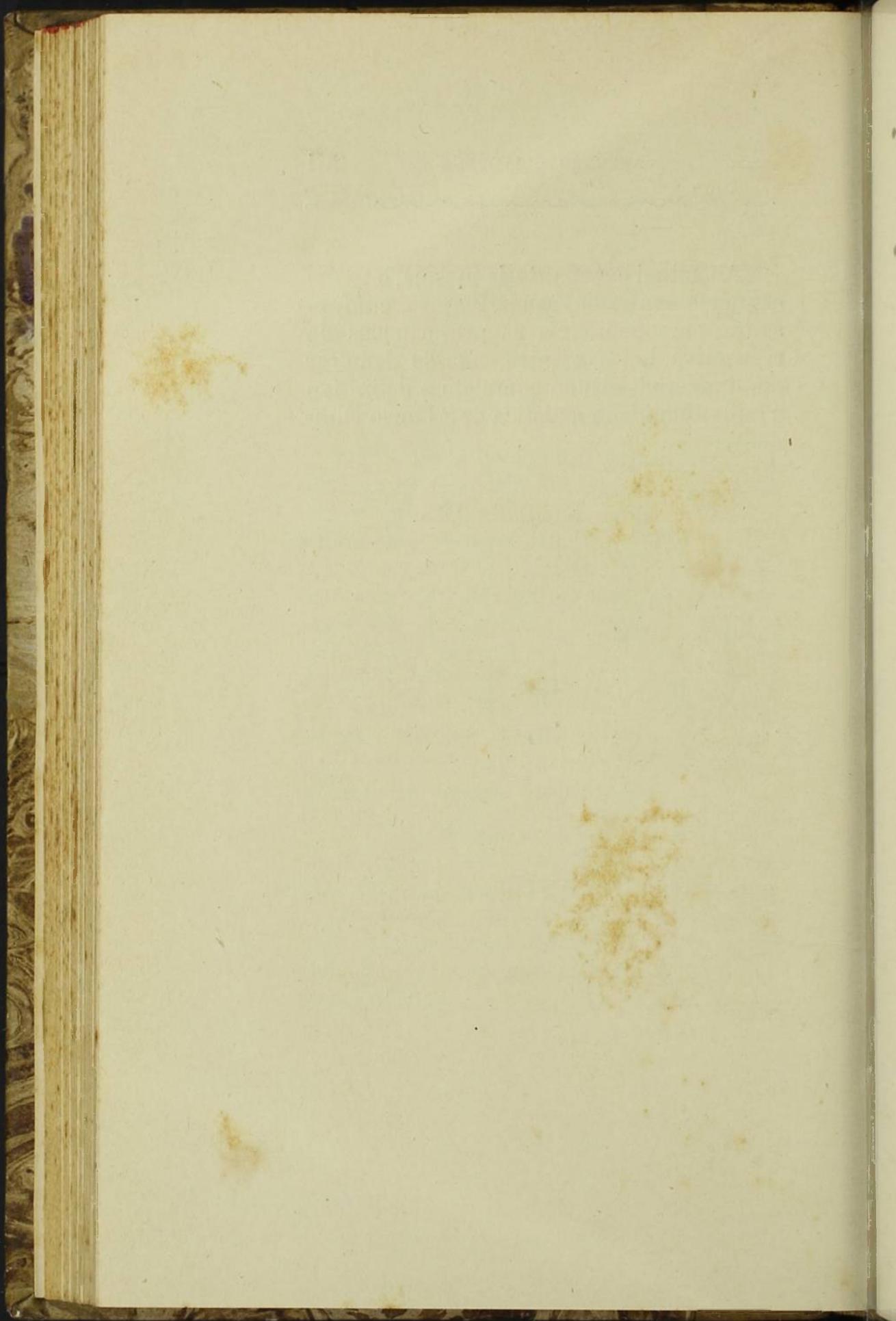
«Foi um bello talento e um trabalhador incansavel, entretanto seu nome, poucos annos além de sua morte, quasi está desaparecido, porque tendo vivido unicamente no ambito literario do Recife, suas composições apenas tiveram a publicidade ephemera dos jornaes. Foi um escriptor fertilissimo, correcto e aprimorado, sendo sobretudo poeta inspirado de musa lyrica e condoreira. Muito modesto, nunca fez reclame de seu merito, e esse é o motivo principal por que muitos não o conhecem no mundo literario.»

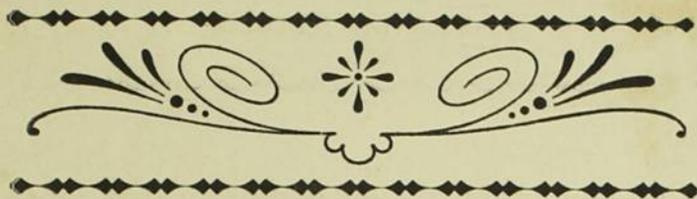
Sirvam estas breves paginas ao menos de protesto contra o olvido em que se tem deixado sepultar a memoria do eminente literato, cujo nome, aliás, a Academia Pernambucana de Letras teve a equidade de escolher para patrono de uma das suas cadeiras.

Ao actual occupante da mesma, o nosso estimado confrade França Pereira, cumpre agora, em obediencia ás prescripções da respectiva Lei Organica, não se demorar em fixar num estudo completo e definitivo a individualidade artistica de Affonso Olin-dense.

1905.

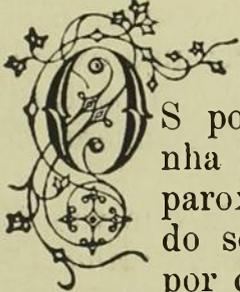






XXVIII

UMA ESCRIPTORA

S porfiados debates da campanha feminista, que attingio ao paroxismo no ultimo decennio do seculo passado, exauriram por completo o thema dos direitos e das capacidades da mulher, a emular com o homem no exercicio de quasi todas as funcções sociaes e no de todas as profissões liberaes, e, se não alcançaram justificar todas as pretenções das suas pro-

Amelia de Freitas Bevilaqua.— Aspectos.—
Recife, 1905, in-16°, 100 pp.

motoras, provaram ao menos a sua aptidão para a actividade literaria.

E, tambem no decorrer daquellas ardozas polemicas, mais rasgado se manifestou o sulco que distinctamente separa a *bas-bleu* da escriptora de raça.

Emquanto a primeira faz da literatura um adôrno exquisito e raro, escreve por faceirice, substitúe ao leque ou ao *face-à-main* a penna, que outr'ora M.^{lle} de Scudéry roubava aos alvos cysnes das piscinas de Versailles, a ultima obedece a um instincto irresistivel, cede a um pendor natural, satisfaz uma expansão legitima, produzindo o que os francezes tão espirituosamente chamam de *la copie*.

Entre ellas ha a distancia que vae da princeza Rattazzi, abominavel *femme savante*, a Carmen Sylva, adoravel rainha de ballada medieval exilada para o prosaismo utilitario dos tempos actuaes.

Tambem entre nós existem de ambas as especies, e bem mais numerosas as da primeira, que o sarcasmo de Molière, Chappelle, Bernier e Bergerac parecia ter para sempre sepultado sob o ridiculo.

A operosa Autora dos *Aspectos* tem fornecido á critica attestados sufficientes da sua genuina vocação belletristica para não permittir mais vacillações em classificá-la justamente entre as primeiras.

Sem possuir o vigôr masculino, o colorido forte, a emotividade febril das obras excepcionaes de Mme. Dudevant, os seus escriptos respiram esta meiga feminilidade que seduz sem deslumbramento, prende sem fascinação e captiva quasi insensivelmente.

Em geral esboçam apenas ligeiramente pequenos quadros intimos, registram impressões de momento, a que a nota pessoal consegue vencer a trivialidade, traçam silhuêtas onde a verdade sympatica resalta da propria avareza das linhas, e em todos domina um optimismo reconfortante a lenir maguas e a consolar pezares.

Suaves, amenos, têm na sua ingenita simplicidade não raro trechos de um carinho commovedor, phrases de uma sinceridade tocante, comprovando que á sua feitura não concorreram em absoluto as

exageradas e mortificantes preocupações da fôrma, sempre nocivas á espontaneidade da expressão e á verdade do sentir, e que teriam dissipado um dos seus maiores encantos: a franqueza ingenua da sua tonalidade ethica.

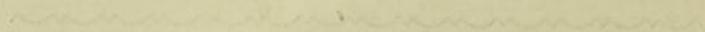
Nelles se não percebem vestigios deste lamentavel preconceito artistico que faz consistir a suprema belleza da composição na opulencia de adjectivos sonoras e no brilho exotico de vocabulos ineditos, como se não lhe fôsse incomparavelmente superior esta singeleza tão distincta, que alguém já denominou excellentemente de «aristocracia do estylo».

O receio de incorrer no logar commum, transformando-se aos poucos em morbido terrôr, e o desejo parallelo de vestir as idéas de novas roupagens, forçando a divorciar palavras legitima e secularmente alliadas para consorciá-las a extranhas companheiras, sem cogitar da felicidade intima do novo enlace, são, aliás, os caracteristicos mais flagrantes das literaturas e dos escriptores decadentes.

Na minha humilde opinião, póde a illustre Autora dos *Aspectos* folgar com a certeza de que jamais zoilo pouco delicado e cortez possa descobrí-los nas suas apreciaveis producções literarias.

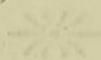
1905.

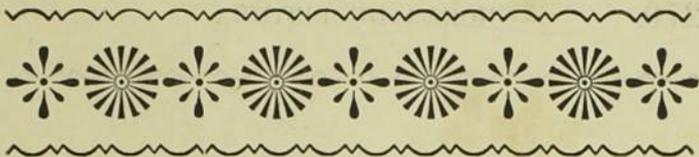




En un mundo donde la opinión pública
tiene a veces los caprichos de un niño
y donde se ve a veces a los grandes
hombres de la ciencia y de las letras
que se dejan llevar por las corrientes
de la moda y del momento.

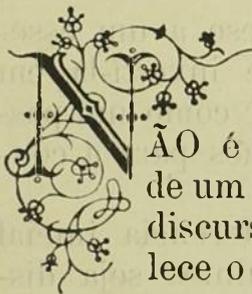
1907





XXIX

PHIAELANTE DA CAMARA—ENSAISTA



NÃO é fácil julgar das qualidades de um orador pela leitura dos seus discursos, porque então nos fallece o melhor elemento de prova —o auditorio, no dizer de Emerson, alguma cousa mais do que a somma dos individuos que o compõem.

Mas, no caso presente, não nos con-frange semelhante difficuldade, porquanto

Phaelante da Camara.—Orações civicas e literarias. — Com um prefacio do Dr. Raul Azedo.—*Recife, 1906, in-4º, 146 pp.*

nem o Dr. Phaelante da Camara é propriamente um orador, nem os seus trabalhos, agora enfeixados em volume, são verdadeiramente discursos.

Na preferencia dos assumptos, nos processos de composição e na fórmula litteraria, o illustre professor da Faculdade de Direito se nos revela sobretudo como um «ensaista» erudito e brilhante: disserta menos do que collecciona aspectos para a exposição do thema, é antes suggestivo do que exhaustivo.

Jamais submette a these a um assedio rigoroso, prazendo-lhe investí-la em repetidos assaltos, a adejar como um passarinho em busca de materiaes para a construcção do ninho.

Talvez, apenas, á conferencia inicial e aos dois discursos seguintes seja discutivel a applicação deste conceito—fructos de primeira sazão, nelles impera a nota declamatoria, com abusos de imagens e exageros de adjectivação e a pompa excessiva da linguagem lembra por vezes os desvarios estylisticos dos «condoreiros».

Quanto a todos os demais—elaborados com maior calma e mais saber, na sere-

nidade culta que dá a consciencia da pósse completa da materia—crêmos não errar classificando-os como «ensaios», no bom significado inglez ou francez do vocabulo.

Os caracteristicos deste genero literario—equidistante da memoria documentada e solenne e do escôrço ligeiro e superficial—evidenciam-se a cada uma das suas paginas, com a frequencia do *Leit motiv*, o tempero anecdotico, o arranjo pittoresco, o traço psychologico e principalmente a elegancia da expressão.

Accresce ainda a predilecção pelos assumptos historicos e sociaes, tão flagrante no hymno patriotico em homenagem a Nunes Machado, na bella synthese da época dos descobrimentos, nos ardorosos panegyricos de Martins Junior e na magnifica conferencia sobre «A Faculdade do Recife como centro de cultura e de cohesão nacional».

São quadros feitos com abundancia de erudição e carinhos de artista, e testemunham ser o Autor incontestavelmente um dos nossos prosadores mais esmerados e originaes.

Na realidade, se consideramos os elementos technicos do seu estylo—a escolha das palavras, a contextura, o rhythmo e o conteúdo das phrases—a sua pericia maravilhosa e seduz.

Examinemos, por exemplo, o esplendido elogio a Gregorio Junior, proferido na *Academia de Letras*.

A' primeira vista notamos nelle um dos meritos mais apparentes da bôa prosa — a selecção habil e o contraste de associação das palavras empregadas, a sua singular precisão, propriedade e encanto poetico, manifestando-se em grande energia de lineamentos, onde as rigidas unidades graphicas se agrupam em mosaico delicado e multicôr.

Reunidas as palavras em phrases, estas se succedem em progressão sabia, primeiro enunciando apenas a idéa, logo deixando-a como que suspensa e precisando-a por fim claramente. Aqui o Autor excita o interesse por meio deste prestimoso elemento de surpresa que é a anthitese; além, com subtileza ainda maior, faz suspeitar a antithese só para a evitar dextramente.

E a sua prosa é rhytmada sem ser metrificada; feita de alliteraões e de assonancias, possúe cadencia variada e jamais degenera em versos soltos, ao que, aliás, não faltam admiradores: não vimos, ainda ha pouco, proclamar-se a descoberta mirifica de que Fr. Luiz de Sousa fazia prosa em versos endecassyllabos?!

Cada phrase litteraria é construida de sons, assim como cada phrase musical se compõe de notas. Um som suggere, echôa, pede e harmoniza com outro som, constituindo a habilidade em usar opportunamente destas concordancias um dos superiores escôpos da arte de escrever.

A belleza do conteúdo da phrase, ou do periodo depende implicitamente de alliteraões e de assonancias: as vogaes e as consoantes exigem serem repetidas e ao mesmo tempo reclamam serem perpetuamente variadas para formar o que Stevenson, nos seus judiciosos *Essays on the Art of Writing*, chamou de «melodia litteraria».

A todas estas injunções da estylistica obedece habilmente o Dr. Phaelante da Camara e por isso a sua prosa apresenta

em geral tão exquisito relevo de sonoridade e de colorido.

Que, por vezes, estas mesmas qualidades, potenciadas em demasia, redundem em prolixidades frondosas, é defeito a que não escaparam os mestres mais applaudidos.

George Brandes, o famoso critico dinamarquez, para distinguir o estylo conciso e aristocratico de Mérimée da maneira ramalhuda e pathetica de Victor Hugo e da escripta pinturesca e sensual de Gautier, lembra os custosos aqueductos romanos, galgando valles em arcarias gigantes para alcançarem o mesmo resultado hoje obtido por meio de canalizações subterraneas, menos dispendiosas e monumentaes.

Talvez esta preocupação de escrever, não só com clareza e correcção, mas ainda imprimindo á phrase melodia e cõr, seja legitima e até louvavel. Mas, Zola já apontou para a eterna juventude da linguagem secca de Voltaire, que narra e não pinta, em opposição ao olvido em que vae caindo a rhetorica apaixonada de Rousseau, o primeiro dos escriptores pinturescos. Entretanto, querer que Rousseau

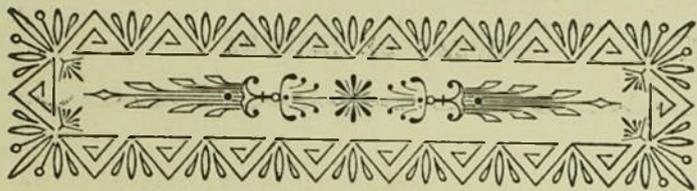
escrevesse como Voltaire não seria supprô alterada a propria essencia do seu genio?

Por isso, louvemos sem rebuço a maneira do elegante «ensaista» pernambucano, maximé quando são estes predicados brilhantes da sua fórmula literaria que, supprindo a falta de dotes tribunicios, suggerem por vezes a illusão da oratoria, senão da eloquencia, e têm sagrado orador o Dr. Phaelante da Camara.

1906.

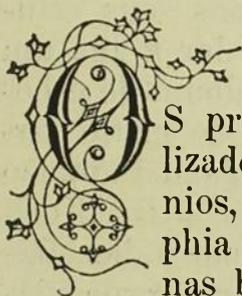


The first part of the book is devoted to a description of the physical features of the United States, and to a history of the discovery and settlement of the continent. The second part is devoted to a history of the political and social development of the country, and to a description of the various states and territories. The third part is devoted to a history of the military and naval operations of the United States, and to a description of the various wars and conflicts in which it has been engaged. The fourth part is devoted to a history of the literature and arts of the United States, and to a description of the various schools and movements in each of these fields. The fifth part is devoted to a history of the religion and philosophy of the United States, and to a description of the various sects and schools in each of these fields. The sixth part is devoted to a history of the science and technology of the United States, and to a description of the various discoveries and inventions in each of these fields. The seventh part is devoted to a history of the economy and commerce of the United States, and to a description of the various industries and trades in each of these fields. The eighth part is devoted to a history of the education and culture of the United States, and to a description of the various schools and movements in each of these fields. The ninth part is devoted to a history of the foreign relations of the United States, and to a description of the various treaties and agreements in each of these fields. The tenth part is devoted to a history of the present state of the United States, and to a description of the various problems and challenges in each of these fields.



XXX

A ARTE DOS INDIGENAS



S progressos consideraveis realizados, nestes ultimos decennios, no dominio da ethnographia e da linguistica dos indigenas brasileiros, têm sido quasi exclusivamente obra de exploradores e scientistas allemães, entre os quaes se salientam pelo merito dos seus trabalhos, os Drs. Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich.

Dr. Theodor Koch Grûnberg — Alfänge der kunst im urwald.—Indianer—Hand-zeichnungen, auf seinem Reisen in Brasilien gesammelt.—*Berlin*, Ernst Wasmuth A. — G., 1906, in-4° oblg., XV—70 pp., 63 estampas e 1 mappa.

E é ainda um seu compatriota que agora nos vem trazer novas e preciosas achegas para estas interessantes e fecundas investigações.

Em dois annos de residencia entre as tribus no Alto Rio Negro colligio o Dr. Theodor Koch fartos e variados materiaes ethnographicos, de cujo preparo e publicação óra se occupa.

Como primeiro fructo dos seus estudos e pesquisas acaba de dar á luz um livro originalissimo — um album de esboços no qual os seus amigos do matto virgem registraram amostras da sua aptidão para o desenho. Juntou-lhe o Dr. Koch algumas folhas, desenhadas por indios Bakairis, que conseguiu reunir na sua viagem de exploração ao Xingú, em 1899, em companhia de outro benemerito ethnologo allemão, o Dr. Hermann Meyer.

O texto, breve mas exhaustivo, além das necessarias considerações geraes, commenta e elucida os desenhos.

Já ha tempos o Dr. Richard Andree, um dos proceres das sciencias anthropologicas na Allemanha, puzera em evidencia a importancia deste ramo dos estudos

ethnographicos em um ensaio sobre *O desenho entre os povos naturaes*; mas, só raramente têm havido viajantes que lhe dedicaram alguma attenção.

E' manifesto que por este meio se teriam poupado muitos esforços engenhosos e inuteis na persecução de desvios fallazes, como o que conduzio a serem consideradas as inscrições em rochedos, tão frequentes em todas as zonas, como hieroglyphos e pictographias, e a se malbaratar tanta perspicacia na vã solução dos seus pretensos enigmas.

Talvez os primeiros desenhos, a lapis sobre papel, feitos por indigenas sul-americanos sejam devidos a Karl von den Steinen e, mais recentemente, a Max Schmidt, que conseguiram mover alguns individuos das tribus do Xingú a esta occupação artistica.

Tôscos e ingenuos, apresentavam, com as tentativas analogas das crianças, uma similhaça sorprehendente ou antes que não deve sorprehender, pois sob muitos aspectos, o homem primitivo tem de ser considerado como uma criança, usando os alle-mães chamá-lo com frequencia *Naturkind*.

São realmente crianças na concepção do mundo exterior e no encadeamento dos raciocínios, conforme demonstram aquelles desenhos, cujo numero se tornára louvavel missão augmentar.

O Dr. Koch devotou-se systematicamente a essa tarefa e por isso alcançou exito magnifico.

Fez os indios desenharem com ou sem suggestão de sua parte, e cada um delles se expressou a lapis em uma ou mais folhas do album.

Em geral caracterizaram nellas com mão firme o mundo ambiente, o que não é muito de admirar, attendendo-se ao pronunciado senso artistico que o selvagem revêla no tecido, na pintura e na ornamentação dos seus utensilios, mascaras, adornos e armas. Naturalmente não faltam aptidões, mas, segundo o Dr. Koch, são raras.

Em todos os seus desenhos, sobretudo nos de homens e de animaes, é peculiar o revêlo das feições caracteristicas do modelo, e por vezes nota-se mesmo certa intenção humoristica.

No texto explicativo o Dr. Koch analisa as particularidades da representação em geral e após as dos diferentes objectos que o indio procurou figurar.

Nestes grosseiros desenhos lineares salta á vista a preocupação de reproduzir aquillo que no momento mais interessava o rude artista, ou o que desejava communicar graphicamente ao espectador, com desprezo completo das proporções e omissão das partes que na occasião lhe pareceram menos importantes. Os lineamentos corporaes, ou os contornos constituem a essencia destes «desenhos descriptivos», como é apparente na confusão frequente entre a vista de frente e a de perfil, a exemplo dos esboços das crianças.

Os objectos são figurados em posição, por assim dizer, «mixta», apresentando os perfis dois olhos e as casas simultaneamente planta e elevação. Os membros, ainda os mais importantes como as pernas, quando não interessam especialmente o desenhista, são omittidos.

Outras vezes, por engano, ou negligencia, são acrescentados: assim figuram passaros quadrupedes e peixes com pernas.

Nestes casos é manifesto que o indio esqueceu o que pretendia representar e fundio differentes animaes em uma monstruosidade. Com frequencia apparecem tambem os membros separados do corpo, anomalia que o Dr. Koch procura explicar, suppondo ter o selvagem tido principalmente em vista «enumerá-los» ou não ter querido omittir partes invisiveis ao expectador : assim é que representa os peixes com todas as espinhas.

Os animaes inferiores, que não lhe fornecem alimento ou contra os quaes não tem de lutar, não prendem a attenção do indio; egualmente desdenha as plantas, no que, como já notou Andree, de novo se assemelha ás crianças, que sempre preferem modelos vivos.

De todos os desenhos do album os mais bem apanhados e movimentados são as scenas de caçadas e de pescarias, ou das danças guerreiras.

E' digno de nota que o selvagem tambem representa objectos que não vê, apenas crê ver ou suppõe existir, como espiritos e phantasmas, isto é, as almas dos mortos, procurando exprimir e ac-

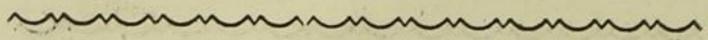
centuar a sua natureza incorporea, phantastica.

Em um espirito sylvestre (*Makuke*) dos indios Kobéuas o seu principal attributo, a longa barba, é posto em forte relêvo.

A collecção contem ainda alguns desenhos das mascaras usadas nas cerimoniaes dos ditos Kobéuas e figurando espiritos maus, gnomos e gigantes, que povoam a natureza toda e são a causa de todos os males.

A estampa 54 mostra uma planta de parte do rio Caiary-Uapés, desenhada por um indio Kobéua muito circunstanciadamente, porém, com pouca exactidão topographica.

Não são menos curiosas as duas chartas celestes dos Tucanos e dos Kobéuas (Ests. 55 e 56) onde vemos que a imaginação de selvagem tambem povoou o firmamento de homens e animaes, frequentes personagens dos seus mythos, ou descobre nos astros objectos do seu uso quotidiano, como o fizeram os antigos. As constellações têm nomes proprios e por vezes,— diz o Dr. Koch, mais expressivos do que os



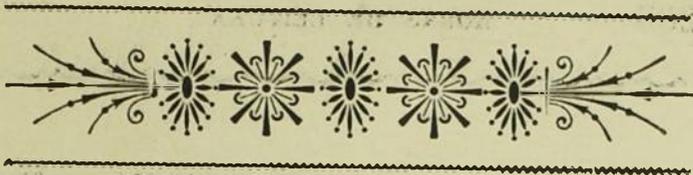
dos antigos. Os Kobéuas denominam a via lactea de *maúma*, ou «caminho dos sapos», o que desenhista expressa por meio de um grande barrachio.

As ultimas estampas trazem amostras do desenho ornamental dos indigenas, no qual predominam motivos tirados dos seus modelos de tecidos.

Finalmente para tornar os *Primordios da Arte na Floresta Virgem* um livro de ameno versar, concorre ainda o seu aspecto artistico e a sua execução typographica, tão aprimorada quanto original.

1906.



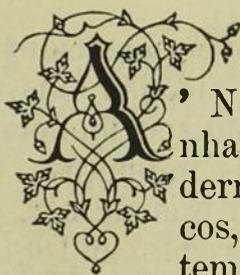


XXXI

O SR. JULIUS MEILI

E A

Numismatica Brasileira



' NUMISMATICA—tão desdenhada por certa escola de modernos historiadores scientificos, esquecidos do auxilio que tem prestado sobretudo na solução de intrincados problemas chronologicos—certo não cabe logar conspicuo na vasta hierarchia dos conhecimentos huma-

Julius Meili—Das Brasilianisches Geldwesen.
— O Meio Circulante no Brasil. — *Zurich*, 1897
—1905, 2 vols. in-8° 1 vol. in-4°.

nos : é uma sciencia de gabinete, como que feita para os ocios eruditos de amadores opulentos. Mas, quando estes, deixando de ser meros colleccionadores, passam a considerar as moedas e medalhas sob aspectos historicos, artisticos e economicos, indagando das suas relações com o progresso de um povo, reúnem, por vezes, elementos de valia para o estudo da sua evolução cultural e chegam a resultados que a propria sociologia não pôde desprezar.

Está nestas condições raras e preciosas o Sr. Julius Meili.

Desde 1875, quando ainda negociante na Bahia, este benemerito cidadão suiso veio reunindo as especies do seu monetario brasileiro, hoje o mais numeroso e completo que existe aquem e alem mar, e retirando-se da vida commercial, em 1889, deu inicio á publicação de varias monographias, descrevendo e representando as preciosidades da sua collecção.

Refundindo e ampliando, mais tarde, estes primeiros estudos, empreendeu elaborar a historia d'*O Meio Circulante no*

Brasil, obra de proporções monumentaes, que brilhantemente vai levando a termo. O volume inicial comprehendendo *As moedas do Brasil Colonia* (1645-1822) appareceu em 1897.

E' um bello album, primorosamente impresso no Instituto Polygraphico de Zurich, e no seu breve prefacio se acha plenamente demonstrada a utilidade do commettimento do Sr. Meili, em face da pobreza quasi absoluta da nossa literatura numismatica.

De facto, ainda não realizada a promessa feita, em 1880, por Teixeira de Aragão, de consagrar um quarto volume de sua excellente *Descrição Geral e Historia das Moedas de Portugal*, ao numario brasileiro, apenas possuíamos os lacunosos «apontamentos e catalogo» que, sob o titulo de *Moeda do Brasil*, João Xavier da Motta deu á luz nove annos depois. Quem procurava esclarecimentos mais minuciosos tinha que respigar trabalhosamente informações esparsas por grande numero de obras e catalogos, na apparencia alheios ao assumpto, cuja hi-

bliographia methodica occupa as primeiras paginas do volume citado. Vem após uma relação das principaes Leis, Alvarás, Cartas regias, Decretos, Provisões, Portarias e avisos de 1694 a 1822, referentes ao meio circulante no Brasil-Colônia, na qual está condensada toda a legislação sobre a materia.

A' parte descriptiva, profusamente entremeiada de notas historicas, serve de introduccão um golpe de vista retrospectivo sobre o numerario portuguez tendo curso no Brasil de 1500 a 1688. A leitura deste capitulo é summamente instructiva; nelle se nos mostra como, em um periodo de quasi dois seculos as successivas e frequentes reduccões de padrão foram enfraquecendo a moeda e elevando o valôr do metal.

Passando a tratar do numario propriamente brasileiro, o Autor nos ministra dados novos e curiosos sobre o primeiro dinheiro metallico fabricado no Brasil: as famosas moedas obsidionaes cunhadas no Recife, pelos Hollandezes, em 1645-46 e 1654. Em fins do mesmo seculo XVII a exportação do dinheiro de contado para a

metropole por motivos perfeitamente explicados no succulento capitulo — *Raxão dos estabelecimentos de Casas de Moedas no Brasil*, attingio proporções taes que a colonia ficou quasi inteiramente privada de numerario.

Deliberou então El-Rei D. Pedro II autorizar, por Carta Regia de 8 de Março de 1649, a cunhagem de «*Moedas Provincias*», que deviam circular sómente no Brasil, não podendo ser exportadas. Afim de conservar na colonia o novo dinheiro foi aqui prohibido, por Alvará de 10 de Dezembro de 1695, o curso das moedas do reino e aos ourives que trabalhassem ou fundissem metaes preciosos amoedados.

Os valôres estabelecidos para o novo numerario foram de nove especies: tres de ouro (4\$000, 2\$000 e 1\$000) e seis de prata (640, 320, 160, 80, 40 e 20 réis). As primeiras distinguam-se das do reino pela inscripção — *Et Brasilæ Dominus*; — para as de prata foi adoptada a divisa — *Subq. Sign. Nata Stab*—cuja significação tem sido diversamente interpretada.

A Casa da Moeda, primeiramente estabelecida na Bahia, alli funcionou por es-

paço de quatro annos; transferidos então para o Rio de Janeiro o seu pessoal e material, trabalhou nessa cidade de 17 de Março de 1699 a 13 de Outubro de 1700, e mudada finalmente para Pernambuco, laborou no Recife até 5 de Abril de 1702.

No decurso do seculo XVIII a produção fabulosa das jazidas auríferas de Minas Geraes, S. Paulo, Goyaz e Cuyabá levou á metropole um caudal de riqueza inestimavel.

Afim de amoedar o ouro proveniente do imposto de 20 % (quinto), e que sob esta fórma era de preferencia exportado para o reino, instituiram-se casas de moeda em differentes pontos das regiões mineiras, assim como no Rio de Janeiro e na Bahia. As especies e variedades de moedas nellas fabricadas, até á Independencia, são tão numerosas que nos torna impossivel mencioná-las.

Todas, porém, mereceram circumstanciada descripção no trabalho do Sr. Meili e acham-se representadas, nos seus principaes typos, nas bellissimas estampas que o acompanham e completam. E' sobretudo digna de nota a magnifica série de

escudos de ouro, cunhados na Bahia, no Rio de Janeiro e em Villa-Rica, durante o reinado de D. João V, com a effigie do monarcha; as cinco especies desta série, pelo seu alto valôr intrinseco e a sua perfeição artistica, são das mais procuradas pelos colleccionadores. O mesmo acontece com os enormes dobrões de cinco moedas fabricados em Villa-Rica de 1724-1727, com perto de 54 grammas de peso e o valôr nominal de 20\$000.

D'entre o numerario cunhado no reinado de D. José I (1750-77) salientaremos sómente as denominadas moedas mineiras, especialmente adoptadas no commercio do ouro, a cujo preço em vintens (32 I oitava) correspondiam as suas designações de valôr: 600, 300, 150 e 75 réis.

A historia das moedas do reinado de D. Maria I (1777-1805) abrange dois capitulos relativos aos dois periodos: o em que governou com o consorte D. Pedro III (1777-86) e o segundo (1786-1805) em que governou só.

Egual divisão soffreu naturalmente o governo de D. João VI, primeiro como

Príncipe Regente (1805-18) e por fim como Rei (1818-22).

Do primeiro destes reinados o Sr. Meili descreve 272 moedas de ouro, prata e cobre, cunhadas no ou para o Brasil. Não escapou ás suas pesquisas o avultado numero de carimbos postos em moedas nacionaes e estrangeiras durante o reinado de D. João VI, afim de lhes modificar o valôr.

Estas contramarcas são frequentes principalmente nos pesos hespanhóes, que corriam pelo valôr de 960 réis, e receberam o carimbo constante das armas do reino, entre dois ramos de louro, tendo por baixo 960 e no reverso a esphera armillar.

Das barras de ouro de *lei*, que tiveram larga circulação nos districtos auriferos, escreve o Sr. Meili diversos exemplares provenientes das casas de fundição de Villa-Rica, Sabará e Serro Frio. Estes fragmentos do precioso metal acham-se completamente revestidos de marcas constantes das armas do reino, tendo por baixo o nome da localidade da officina fundidora, do numero da barra, do anno da fundição, da palavra *Tóque* e o respectivo algarismo,

e dos algarismos do peso e signaes particulares.

Comquanto reservasse para o terceiro volume o estudo da moeda fiduciaria, o Sr. Meili consagrou neste um pequeno capitulo á fundação do primeiro Banco do Brasil, estabelecido pelo Alvará de 12 de Outubro de 1808, enumerando brevemente as notas por elle emittidas.

Valiosa contribuição para o estudo da nossa historia economica constitue o capitulo intitulado *Produccão total das Casas de Moeda do Brasil de 1703 a 1822*.

Segundo os dados pacientemente reunidos pelo Sr. Meili, o valor do numerario produzido durante aquelle periodo elevou-se ás seguintes sommas:

Ouro.....	245.640:998\$000
Prata.....	40.460:866\$300
Cobre.....	5.000:000\$000

Em 1905 safu á luz o segundo volume d'O *Meio circulante no Brasil*, comprehendendo *As Moedas do Brasil Independente* (1822-1900).

Como o primeiro, fórma um album copiosamente illustrado com gravuras de

245 moedas do Imperio, 26 da Republica e 223 fichas emittidas por particulares ou sociedades.

E' talvez ainda mais completo do que aquelle, não faltando, no texto e nas estampas, uma só das especies cunhadas desde a Independencia, a começar pela famosa moeda de ouro, de 1822, com a effigie de D. Pedro I e que tanto desagradou ao monarcha por não trazer o qualificativo de Imperador *Constitucional*, até ás de nickel da emissão de 1901, logo tão abundantemente falsificadas.

A parte descriptiva é egualmente fertilissima em noticias historicas, economicas e financeiras, e dados sobre as alterações do padrão e as oscillações do cambio. De permeio a estes dois volumes appareceu, em 1903, o terceiro, relativo a *A Moeda Fiduciaria no Brasil, 1771 até 1900*, de formato um tanto maior.

Comprehende o texto duas grandes secções—*Emissões legaes* e *Emissões illegaes*— subdivididas em vinte e seis capitulos respectivamente occupados com a legislação e mais noticias relativas a toda casta de papel moeda que tem circula-

do no nosso paiz desde 1771, quando, em virtude do regimento de 2 de Agosto, começaram a correr em Minas-Geraes os famosos bilhetes de extracção dos diamantes, até aos vales de troco de ouro actualmente emittidos pelas alfandegas.

Combinando a leitura destes capitulos com o exame das estampas, que em numero de 192 representam 1637 especies differentes, obtem-se um golpe de vista assás instructivo, não só sobre a evolução dos nossos processos financeiros, como sobre os progressos das artes graphicas e do aperfeiçoamento esthetico.

A partir das notas do primitivo Banco do Brasil, desmesuradas, grosseiras, feias, facil e frequentemente falsificadas, chegase através de um sem numero de emissões intermediarias, ás cédulas do Theouro Nacional hoje circulantes, perfeitas, elegantes, commodas, mas ainda egualmente objecto de fraude.

Completam excellentemente esta primeira secção d' *A Moeda Fiduciaria no Brasil*, prestabillissimos quadros dos Bancos de emissão que têm existido de 1808 a 1896, outros confrontativos das emis-

sões do Governo e dos Bancos com o cambio, de 1808 a 1900, attentas ás modificações do padrão monetario occorridas em 1833 e 1848, e uma lista dos valôres de papel-moeda legalmente em circulação em fins de Dezembro de 1900, na importancia de 699.631:719\$000, ou uma média de 44\$000 para cada habitante do paiz.

A segunda secção—*Emissões illegaes*—comprehende os bilhetes de Estados, municipalidades, empresas de omnibus, barcas e bonds, e de companhias e particulares, abrangendo o prodigioso total de 1263 especies.

Estas emissões abusivas, illegaes ou criminosas de titulos de credito (quer dizer de divida) ao portador, denominados apolices, cautelas, coupons, estampilhas, ficas, fichas, livranças, obrigações, recibos, sellos, vales, e alcunhados no Ceará de *Borós*, em Pernambuco de *Calcareos*, *Sampaaios* e *Haja-Paus*, no Maranhão de *Debentures*, em Minas-Geraes de *Barrosquês*, não são tão modernas como em geral se presume. O Sr. Meili mostra-nos que já circulavam, em 1837 a 1859, em S. Paulo

Rio de Janeiro, Minas-Geraes, Pernambuco, Maranhão e Pará.

Em appendice menciona ainda o sabio e operoso numismatista specimens de annuncios, reclames, bilhetes de loterias, e de rifa, e fichas de jogo.

Como complemento indispensavel a obras deste genero salientam-se as centenas de magnificas estampas, representando milhares de moedas e cedulas, que acompanham os tres volumes publicados. Executadas com admiravel perfeição pelo processo photo-callographico, o mais fiel que desejar se póde, estas estampas constituem, já por si, um verdadeiro curso de historia da nossa cultura.

Um quarto volume, consagrado ás medalhas e condecorações, e já no prélo, completará em breve esta obra grandiosa e sem rival na literatura das demais nações latino-americanas.

1906.





The following is a list of the names of the persons who have been admitted to the membership of the Society since the last meeting. The names are given in the order in which they were admitted, and are followed by the date of their admission. The names are given in full, and are not abbreviated.

1. Mr. John Smith, admitted on the 1st day of January, 1850.

2. Mr. James Brown, admitted on the 15th day of February, 1850.

3. Mr. William Green, admitted on the 1st day of March, 1850.

4. Mr. Robert White, admitted on the 15th day of April, 1850.

5. Mr. Thomas Black, admitted on the 1st day of May, 1850.

6. Mr. Henry Grey, admitted on the 15th day of June, 1850.

7. Mr. George King, admitted on the 1st day of July, 1850.

8. Mr. Charles Lee, admitted on the 15th day of August, 1850.

9. Mr. Edward Clark, admitted on the 1st day of September, 1850.

10. Mr. Frank Adams, admitted on the 15th day of October, 1850.

11. Mr. John Miller, admitted on the 1st day of November, 1850.

12. Mr. William Davis, admitted on the 15th day of December, 1850.

13. Mr. Robert Jones, admitted on the 1st day of January, 1851.

14. Mr. Thomas Wilson, admitted on the 15th day of February, 1851.

15. Mr. Henry Taylor, admitted on the 1st day of March, 1851.

16. Mr. George Baker, admitted on the 15th day of April, 1851.

17. Mr. Charles Hall, admitted on the 1st day of May, 1851.

18. Mr. Edward King, admitted on the 15th day of June, 1851.

19. Mr. Frank Green, admitted on the 1st day of July, 1851.

20. Mr. John White, admitted on the 15th day of August, 1851.

21. Mr. William Black, admitted on the 1st day of September, 1851.

22. Mr. Robert Grey, admitted on the 15th day of October, 1851.

23. Mr. Thomas King, admitted on the 1st day of November, 1851.

24. Mr. Henry Lee, admitted on the 15th day of December, 1851.

25. Mr. George Clark, admitted on the 1st day of January, 1852.

26. Mr. Charles Adams, admitted on the 15th day of February, 1852.

27. Mr. Edward Miller, admitted on the 1st day of March, 1852.

28. Mr. Frank Davis, admitted on the 15th day of April, 1852.

29. Mr. John Jones, admitted on the 1st day of May, 1852.

30. Mr. William King, admitted on the 15th day of June, 1852.

31. Mr. Robert Lee, admitted on the 1st day of July, 1852.

32. Mr. Thomas Clark, admitted on the 15th day of August, 1852.

33. Mr. Henry Adams, admitted on the 1st day of September, 1852.

34. Mr. George Miller, admitted on the 15th day of October, 1852.

35. Mr. Charles Davis, admitted on the 1st day of November, 1852.

36. Mr. Edward Jones, admitted on the 15th day of December, 1852.

37. Mr. Frank King, admitted on the 1st day of January, 1853.

38. Mr. John Lee, admitted on the 15th day of February, 1853.

39. Mr. William Clark, admitted on the 1st day of March, 1853.

40. Mr. Robert Adams, admitted on the 15th day of April, 1853.

41. Mr. Thomas Miller, admitted on the 1st day of May, 1853.

42. Mr. Henry Davis, admitted on the 15th day of June, 1853.

43. Mr. George Jones, admitted on the 1st day of July, 1853.

44. Mr. Charles King, admitted on the 15th day of August, 1853.

45. Mr. Edward Lee, admitted on the 1st day of September, 1853.

46. Mr. Frank Clark, admitted on the 15th day of October, 1853.

47. Mr. John Adams, admitted on the 1st day of November, 1853.

48. Mr. William Miller, admitted on the 15th day of December, 1853.

49. Mr. Robert Davis, admitted on the 1st day of January, 1854.

50. Mr. Thomas Jones, admitted on the 15th day of February, 1854.

51. Mr. Henry King, admitted on the 1st day of March, 1854.

52. Mr. George Lee, admitted on the 15th day of April, 1854.

53. Mr. Charles Clark, admitted on the 1st day of May, 1854.

54. Mr. Edward Adams, admitted on the 15th day of June, 1854.

55. Mr. Frank Miller, admitted on the 1st day of July, 1854.

56. Mr. John Davis, admitted on the 15th day of August, 1854.

57. Mr. William Jones, admitted on the 1st day of September, 1854.

58. Mr. Robert King, admitted on the 15th day of October, 1854.

59. Mr. Thomas Lee, admitted on the 1st day of November, 1854.

60. Mr. Henry Clark, admitted on the 15th day of December, 1854.

61. Mr. George Adams, admitted on the 1st day of January, 1855.

62. Mr. Charles Miller, admitted on the 15th day of February, 1855.

63. Mr. Edward Davis, admitted on the 1st day of March, 1855.

64. Mr. Frank Jones, admitted on the 15th day of April, 1855.

65. Mr. John King, admitted on the 1st day of May, 1855.

66. Mr. William Lee, admitted on the 15th day of June, 1855.

67. Mr. Robert Clark, admitted on the 1st day of July, 1855.

68. Mr. Thomas Adams, admitted on the 15th day of August, 1855.

69. Mr. Henry Miller, admitted on the 1st day of September, 1855.

70. Mr. George Davis, admitted on the 15th day of October, 1855.

71. Mr. Charles Jones, admitted on the 1st day of November, 1855.

72. Mr. Edward King, admitted on the 15th day of December, 1855.

73. Mr. Frank Lee, admitted on the 1st day of January, 1856.

74. Mr. John Clark, admitted on the 15th day of February, 1856.

75. Mr. William Adams, admitted on the 1st day of March, 1856.

76. Mr. Robert Miller, admitted on the 15th day of April, 1856.

77. Mr. Thomas Davis, admitted on the 1st day of May, 1856.

78. Mr. Henry Jones, admitted on the 15th day of June, 1856.

79. Mr. George King, admitted on the 1st day of July, 1856.

80. Mr. Charles Lee, admitted on the 15th day of August, 1856.

81. Mr. Edward Clark, admitted on the 1st day of September, 1856.

82. Mr. Frank Adams, admitted on the 15th day of October, 1856.

83. Mr. John Miller, admitted on the 1st day of November, 1856.

84. Mr. William Davis, admitted on the 15th day of December, 1856.

85. Mr. Robert Jones, admitted on the 1st day of January, 1857.

86. Mr. Thomas King, admitted on the 15th day of February, 1857.

87. Mr. Henry Lee, admitted on the 1st day of March, 1857.

88. Mr. George Clark, admitted on the 15th day of April, 1857.

89. Mr. Charles Adams, admitted on the 1st day of May, 1857.

90. Mr. Edward Miller, admitted on the 15th day of June, 1857.

91. Mr. Frank Davis, admitted on the 1st day of July, 1857.

92. Mr. John Jones, admitted on the 15th day of August, 1857.

93. Mr. William King, admitted on the 1st day of September, 1857.

94. Mr. Robert Lee, admitted on the 15th day of October, 1857.

95. Mr. Thomas Clark, admitted on the 1st day of November, 1857.

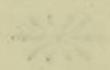
96. Mr. Henry Adams, admitted on the 15th day of December, 1857.

97. Mr. George Miller, admitted on the 1st day of January, 1858.

98. Mr. Charles Davis, admitted on the 15th day of February, 1858.

99. Mr. Edward Jones, admitted on the 1st day of March, 1858.

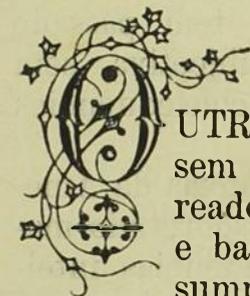
100. Mr. Frank King, admitted on the 15th day of April, 1858.





XXXII

O PAN-AMERICANISMO



UTROS meritos não distinguem este novo trabalho do laureado escriptor pernambucano, e bastaria a actualidade do assumpto a que é consagrado para torná-lo de leitura obrigada a quantos se interessam pelo futuro da nossa nacionalidade.

«Para todo filho do Novo Mundo, escreveu no paragrapho inicial, o pan-ameri-

Arthur Orlando.—Pan-Americanismo, *Rio de Janeiro*, 1906, in-8°, 220 pp.

canismo é dentre os problemas politico-sociaes aquelle que de preferencia lhe deve preoccupar o espirito».

E realmente os intuitos desse magno programma intercontinental, que ora se discute no Rio de Janeiro, gerando esperanças e enthusiasmos e provocando desconfianças e apprehensões, constituem a soberana questão vigente na politica americana.

O idéal da confraternização dos povos colombianos, sonho generoso de Bolivar, infelizmente até hoje não tem passado de uma aspiração quasi subjectiva, sem resultados praticos, nem consequencias apreciaveis.

Muito ao contrario, a historia da America independente registra sobretudo manifestações copiosas de tendencias inteiramente oppostas, marcando a accentuação de rivalidades e até mesmo o empenho de fomentar o incremento do espirito nativista, mercê de tradições historicas e ethnologicas.

Quem ousará negar a verdade deste quadro sombrio e entristecedor que da vida das nações ibericas do novo conti-

nente traçou a penna erudita e elegante de Eduardo Prado?

« O Mexico deprime, opprime e tem, por vezes, invadido Guatemala, que tem sangrentissimas guerras com a republica do Salvador, inimiga rancorosa do Nicaragua, feroz adversaria do Honduras, que não morre de amores pela republica de Costa Rica. A Colombia e Venezuela odeiam-se de morte.

« O Equador é victima, nunca resignada, óra das violencias colombianas, óra das pretenções do Perú. E o Perú? Já não assaltou a Bolivia, já não se uniu depois a ella numa guerra injustissima ao Chile?

« E o Chile, já não invadiu duas vezes a Bolivia e o Perú, não fez um horroroso morticínio de bolivianos e peruanos na ultima guerra, talvez a mais sangrenta do seculo XIX? E o Chile não tem sómente estes inimigos: o seu grande adversario é a Republica Argentina. Este paiz, que tem usurpado territorios á Bolivia, obriga o Chile a conservar um numero exercito, e ninguem ignora que um conflicto entre aquelles paizes é uma catas-

trophe que, de um momento para outro, poderá rebentar. O dictador Francia, o verdugo taciturno do Paraguay, que Augusto Comte colloca entre os santos da humanidade venerados no calendario positivista, por odio aos argentinos e aos outros povos americanos, enclausurou o seu paiz durante dezenas de annos. A Republica Argentina é a adversaria nata do Paraguay. Lopez atacou-a, e ella secundou o Brasil na sua guerra contra o Paraguay.

«E que sentimento tem a Republica Argentina pelo Paraguay? Não ha um só homem de estado argentino que não confesse que a suprema ambição do seu paiz é a reconstituição do antigo vice-reinado de Buenos-Aires, pela conquista do Paraguay e do Uruguay.»

E, ainda ha pouco, as suas aspirações expansionistas não eram menos hostis á nossa patria, chegando o seu famoso estadista Alberdi a formular que «a solução do problema sul-americano estava na dissolução do Brasil».

Accrescente-se a isto «a luta das classes, a discordia intestina, a guerra eco-

nomica e a ameaça da invasão de raças superiores em numero e diferentes em cultura, em idéas, em sentimentos, em alma, «e teremos espectáculo dos mais proprios a despertar a attenção do politico e do sociologo, do pensador e do philosopho, e incitá-los á pesquisa de um remedio para esta lamentavel situação em que se agitam dezenas de milhões de homens.

Foi o que fez—e na mais opportuna das occasiões—Arthur Orlando, esta mentalidade superior e superiormente culta, de que tanto se deve orgulhar Pernambuco.

A feição positiva do seu espirito, a sadia orientação da sua philosophia, a sua vastissima informação em assumptos de sciencias sociaes e historia americana, habilitaram-n'o singularmente para a tarefa de que acaba de se desempenhar de modo brilhante e fecundo.

Sincero entusiasta do pan-americanismo, nem por isso se deixa deslumbrar pelas suas vantagens provaveis ao ponto de esquecer os seus perigos possiveis.

Proclama a necessidade da fixação de compromissos reciprocos entre as nações

americanas, que alliadas a «uma harmonica estrutura de principios economicos, sociaes e politicos» sirva de fundamento á acção commum dos mesmos paizes, sem distincção de raça, de lingua e de religião, em face das pretensões européas.

Mas, adverte tambem que neste plano de acção urge respeitar a autonomia de interesses, a soberania politica e a independencia economica de cada paiz e excluir qualquer intuito de predominio de uma raça sobre as outras.

Sem exagerar o chamado perigo-alle-mão, sem attribuir á immigração italiana consequencias temerosas, Arthur Orlando determina as distincções que caracterizam o pan-americanismo, o imperialismo anglo-saxonio e a chimera do néo-cesarismo hespanhol de Silvela, concluindo que «o pan-americanismo não tem outro fim senão procurar o verdadeiro rumo na resultante das forças oppostas do nacionalismo e do cosmopolitismo, afim de marchar á frente da civilização», porquanto não se póde negar que o descobrimento da America influiu sobre a marcha do progresso humano, e que a orga-

nização do pan-americanismo modificará profundamente a economia do mundo civilizado.»

Mas, para organizar o pan-americanismo cumpre evidentemente subordinar a este ideal não só o direito como as instituições militares e os methods de educação.

Arthur Orlando presuppõe a existencia de um direito constitucional americano, «que colloca os direitos do individuo acima de qualquer ataque ou violencia, quer individual, quer colectivo, e considera todo acto que fere a liberdade ou a propriedade do individuo—fosse um acto de soberania — uma questão de direito, que deve ser decidida pelos tribunaes», de sorte que, «perante o direito americano, toda questão civil, politica internacional deve ser decidida judicialmente, por um tribunal competente e não á força *manu militari*.»

Considerando após o problema importantissimo do que elle chama «a educação pan-americana» o sociologo pernambucano suggere a sua organização em obediencia ao seguinte programma: «1º) O ensino da

geographia de accôrdo com os estudos de Le Play, Rousiers, Henri de Tourville e Demolins. 2º) O ensino da historia das sciencias, letras, artes, industrias, religiões. 3º) O ensino da ethnologia ou socio-psychologia dos povos. 4º) O ensino da sciencia economica. 5º) O ensino do direito comparado. 6º) O ensino da historia do direito. 7º) O ensino do direito internacional privado e publico, em complemento ao ensino do direito comparado. 8º) O ensino da politica juridica.»

Não é tudo: urge ainda subordinar cada uma destas disciplinas ao interesse geral e ás exigencias particulares do problema dominante.

Por fim, Arthur Orlando investiga as bases sobre as quaes deve ser estabelecida uma justiça internacional. Rejeitando as concepções de Lorimer, Bluntschili e Komarowsky, que peccam viceralmente por considerarem a paz um fim em si e não, como realmente o é, um mero *modus vivendi*, inclina-se para as opiniões manifestadas por Bortury e Bryce nos seus famosos estudos sobre o *Commonwealth* americano, e comquanto lhe

pareça ainda prematura a elaboração de um plano circunstanciado da justiça internacional pan-americana, aventura a proposta das seguintes medidas, desde já: «*a*) accordo geral em distincção de estados grandes e pequenos; *b*) determinação dos pontos sobre que versa o accordo; *c*) plena autonomia legislativa dos estados em tudo que diz respeito á vida nacional; *d*) faculdade reservada aos estados não signatarios de adherirem ao accordo originario; *e*) determinação clara e expressa da competencia legislativa nacional e da collectiva internacional relativamente aos pontos de accordo; *f*) direito de cada estado retirar-se da confederação, podendo, porém, esta adoptar, contra aquelle, providencias internacionaes.»

Não julga Arthur Orlando que para a organização do pan-americanismo, se faça necessaria a adhesão de todos os estados do Novo-Mundo, nem que sejam reguladas todas as materias que deveriam entrar no accordo.

Espera que o tempo e a experiencia se encarregarão de completar a obra.

Os dois capitulos finaes do livro, rivalizando em importancia e interesse, são particularmente consagrados ao Brasil, e nelles o autor deixou paginas admiraveis de observação e sorprendentes de criterio philosophico.

Demonstra alli como o Brasil está habilitado a collaborar na obra da reorganização da vida social americana desde a emancipação dos escravos; estuda a escravidão e os seus effeitos, o abolicionismo e a proclamação da republica; considera o seculo XX sob o ponto de vista brasileiro; analysa os trabalhos dos Drs. Luiz Pereira Barretto e França Pereira; confronta a religião e a sciencia, o catholicismo e o protestantismo; condemna as aberrações de Augusto Comte e a sua sociologia, e termina mostrando que a raça latina está em atrazo, porque é uma raça communitaria, em que os individuos não têm iniciativa e não contam senão com a collectividade: elles não se decidem por si, mas pelo meio familiar, politico, religioso, de que fazem parte.

E para combater este inconveniente, julga preciso submeter a raça latina ao

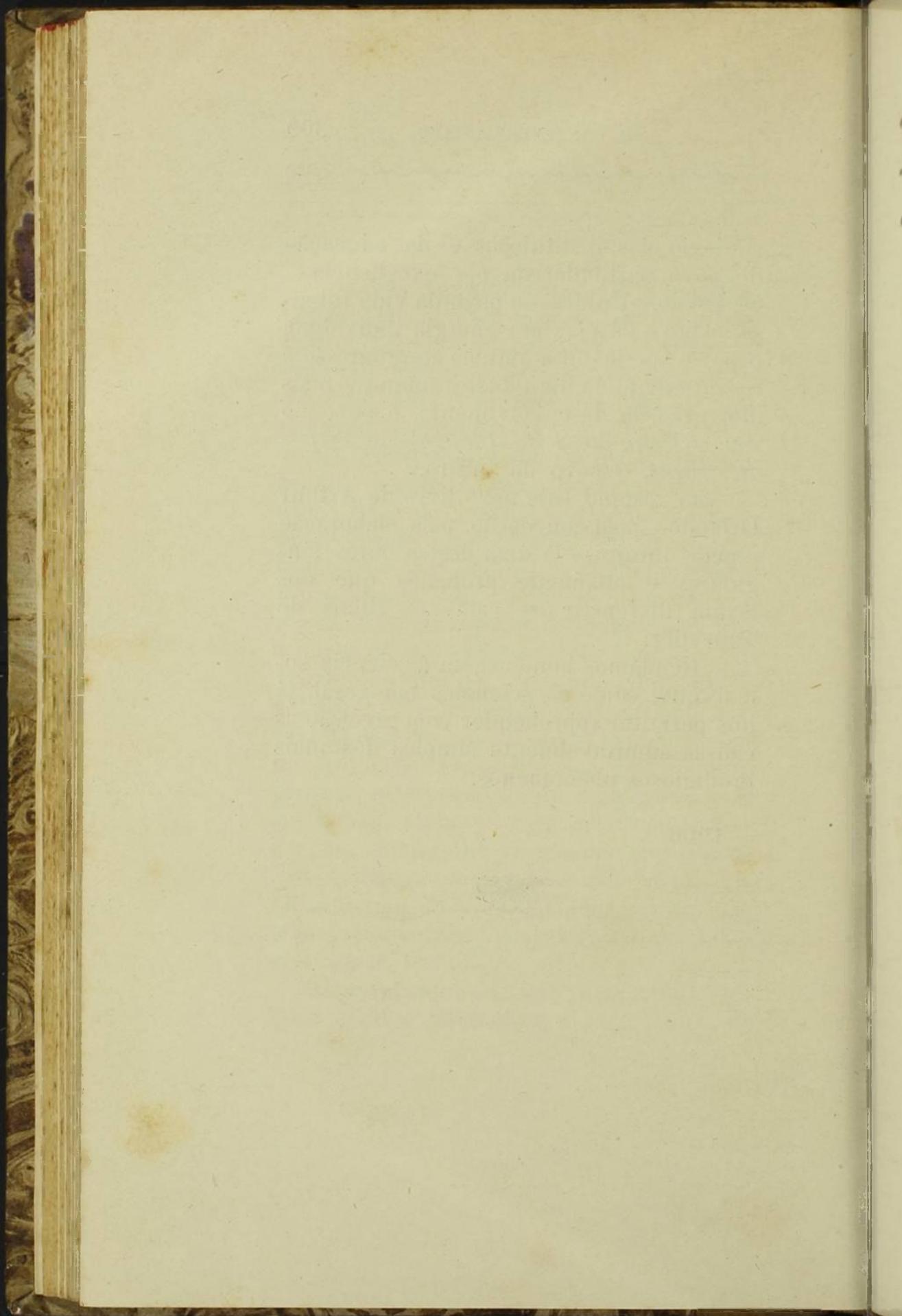
contagio das instituições e da educação do povo particularista por excellencia— Os Estados-Unidos—o povo da vida intensa, o povo da maxima energia individual, o povo que levou a aptidão ao progresso e o sentimento da dignidade humana ao mais alto gráo de desenvolvimento, o povo do *Self—Help*, do *Self—Control*, do *Self—Restraint*, o povo do futuro.»

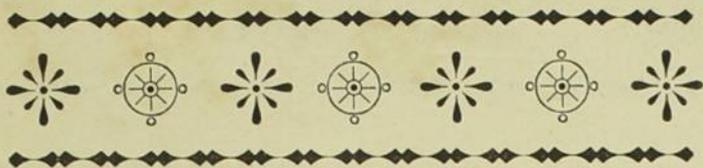
Em resumo, este novo livro de Arthur Orlando—pela concepção, pela elaboração e pelos intuitos—é uma destas obras singulares e altamente proficuas que nos levam a repetir as palavras Henri de Tourville:

«Rendamos homenagem á sciencia social que, como as sciencias em geral, já nos permite apprehender com precisão as causas admiravelmente simples dos mais prodigiosos phenomenos.»

1906.







XXXIII

A GLORIA LITERARIA



A correspondencia de Diderot com Falconnet, quando o grande escultor permanecia em S. Petersburgo erigindo a estatua equestre de Pedro o Grande, encontrei algumas cartas de cuja leitura guardo indelevel impressão : são aquellas em que Diderot fala ao amigo da satisfação que devia experimentar, prevendo a immortalidade do seu nome, e a outra na qual Falconnet responde nada lhe ser mais indifferente e preferir o bem estar presente a todas as glorias postumas — resposta que indignou o emerito encyclopedista.

—Este conceito de Falconnet me ocorre sempre de novo toda vez que ouço, nas francas expansões de palestras intimas, o meu amigo Terencio Gomes, um dos nossos muitos talentos esperançosos, indolente e vaidoso como uma mulher formosa, ruidoso e vazio como um tambôr carnavalesco, manifestar a sua paixão da immortalidade, o desejo vehemente de que o seu nome vingue ás edades, e accumular provas de que nenhuma paixão é mais legitima, nenhum desejo mais natural.

Com profunda amargura na voz clama contra a cegueira e a injustiça que parecem presidir á distribuição da gloria litteraria, desta gloria que é o seu mais ardente e nunca satisfeito anhelos.

Procura cohonestar esta sêde de gloria attribuindo-a á vontade de sobreviver a si proprio em obras duradouras—como outros aspiram a se perpetuar nos filhos — e explica esta ancia nobre como expressão immediata da crença na duração pessoal após a morte, o que, aliás, constitúe uma das mais sublimes aspirações do homem civilizado.

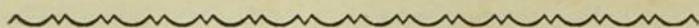
E accrescenta que não é somente a idéa do aniquilamento individual que á maioria dos homens pesa e horroriza.

Punge-lhes tambem o espirito o doloroso receio de que a patria a que pertencem possa vir a perder a independencia, ou a lingua que falam a ser supplantada por outra.

Ainda mais — aos individuos de alto desenvolvimento psychico tortura a hypothese abominavel de que, em futuro remoto, a vida desapareça do planeta que habitamos. E' assás improvavel que as mais celsas conquistas da civilização humana se possam salvar para outros mundos; o homem, pelo menos, nada herdou da cultura hypothetica de outros astros.

Para aquelles que, como o mencionado artista francez, aspiram breve renome apenas, ha poucas probabilidades de conseguí-lo, mesmo dispondo de talentos que evidentemente fallecem ao meu amigo Terencio Gomes.

Volvendo os olhos para o passado, verificamos com surpresa a enorme cópia da literatura mais selecta que tem desaparecido sem deixar vestigios, e, sobretudo,



de quão fortuitos azares tem dependido a conservação da que ainda possuímos.

Que de ensinamento nos dá, neste particular, a historia das letras greco-latinas!

Sabemos os nomes de trezentos e cinquenta tragicos hellenos, e só de tres nos restam as obras. Atheneus lêra oitocentos entremêzes gregos e nós nem um só conhecemos.

Dos melhores lyricos da Grecia—entre elles a poetisa Corinna, que cinco vezes venceu ao proprio Pindaro—existem apenas fragmentos insignificantes. Os melhores poetas do tempo de Augusto louvam a Gallus e Varius como seus eguaes, e delles tudo se perdeu, enquanto poetas menores da «idade de prata», que ninguem lê, chegaram até nós. Se possuímos Tacito devemosol-o, talvez, a que o imperador seu homonymo, imaginando ser descendente delle, enchesse das suas obras as bibliothecas publicas e ordenasse que annualmente dellas se fizessem dez cópias. Ainda assim ter-se-iam perdido se, no seculo XV, não se houvesse encontrado, em um convento da Westphalia, os restos da cópia unica de que ha noticia. No se-

culo XIV um erudito descobriu a segunda decada de Tito Livio no pedaço de pergamino que envolvia um foguete; o resto do livro empregado pelo fogueteiro, perdeu-se.

Não tiveram melhor sorte do que os livros da antiguidade os da idade media.

Perdeu-se toda a literatura epica da Provença. Não resta mais nem a centesima parte da literatura comica da França medieval. Em 1840 descobriu-se em Berlim, numas aguas-furtadas, sessenta e uma farças e «moralidades» francezas, impressas no seculo XVI, que, sem este exemplar unico, seriam desconhecidas.

A *Canção de Rolando* só foi achada em 1837, depois de permanecer ignorada durante oitocentos annos. A *Chronica da Conquista da Guiné*, de Gomes Eannes de Azurara, escripta em 1448, só vio á luz da imprensa em 1841. A carta de Pero Vaz de Caminha, o documento fundamental da nossa historia, jazeu inedita tresentos e dezeseite annos. A inestimavel *Historia do Brasil* de Fr. Vicente do Salvador, terminada em 1627, ainda em 1886 era desconhecida, e perdido está o livro

que sobre o mesmo assumpto escreveu o famoso João de Barros. Onde existirá hoje a *Chronica* que o pernambucano Fr. Francisco do Rosario elaborou já nos meados do seculo XVI? Quem se recorda mais do nome de um só dos sete membros da *Academia Brasilica dos Esquecidos*, ou dos quarenta da *Academia dos Renascidos*?

Quem pôde prever o que o futuro guardará da prodigiosa producção literaria actual?

Mas, com certeza se pôde affirmar que não occuparão mais de uma ou duas pequenas prateleiras os livros de hoje que, d'aqui a trezentos annos, ainda merecerem a estima da gente culta.

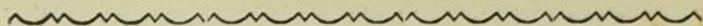
Os demais, antes que o esquecimento os sepulte, já se terão destruido a si proprios, graças á pessima qualidade do papel contemporaneo. Os que não forem de continuo reeditados, mesmo escapando ás traças e ao caruncho, estarão reduzidos a pó. E será em bem da humanidade, que do contrario ficaria submersa sob um diluvio de papel impresso.

Na Bibliotheca do Museu Britannico são depositados diariamente sessenta livros novos, sem fallar nas revistas e periodicos. Só em Paris appareciam, em 1905, 3287 jornaes. Tudo isto tem mais ou menos valor momentaneo.

E' o pão quotidiano da existencia moderna. Mas, como aquelle, não supporta ser guardado por muito tempo. Talvez apenas um por cento dos livros novos, estima George Brandes, não segue logo a sorte das folhas ephemeras da imprensa diaria, e faz algum ruido antes de desaparecer. Ruido e fumo, eis a formula hodierna.

E então nós, pobres escriptores da provincia, em um paiz de illetrados, que poderemos aguardar para as nossas obras, ainda as melhores, senão o olvido, prompto e eterno?

E' por isso que ouço, não sem tristeza compassiva, o meu amigo Terencio Gomes clamar, com amargura na voz, contra a cegueira e a injustiça que parecem presidir á distribuição da gloria literaria, desta gloria que é o seu mais ardente e nunca satisfeito anhelos.



Mas, não procuro animá-lo, nem consolá-lo, sequer. Para que, também! Como não perceber, através dos queixumes do seu melindroso amor-proprio, que lhe floresce n'alma a esperança ingenua de ir bater «da immortalidade a porta que scintilla», sobraçando meia duzia de discursos.

Bemaventurados os... que se illudem!

1906.

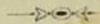


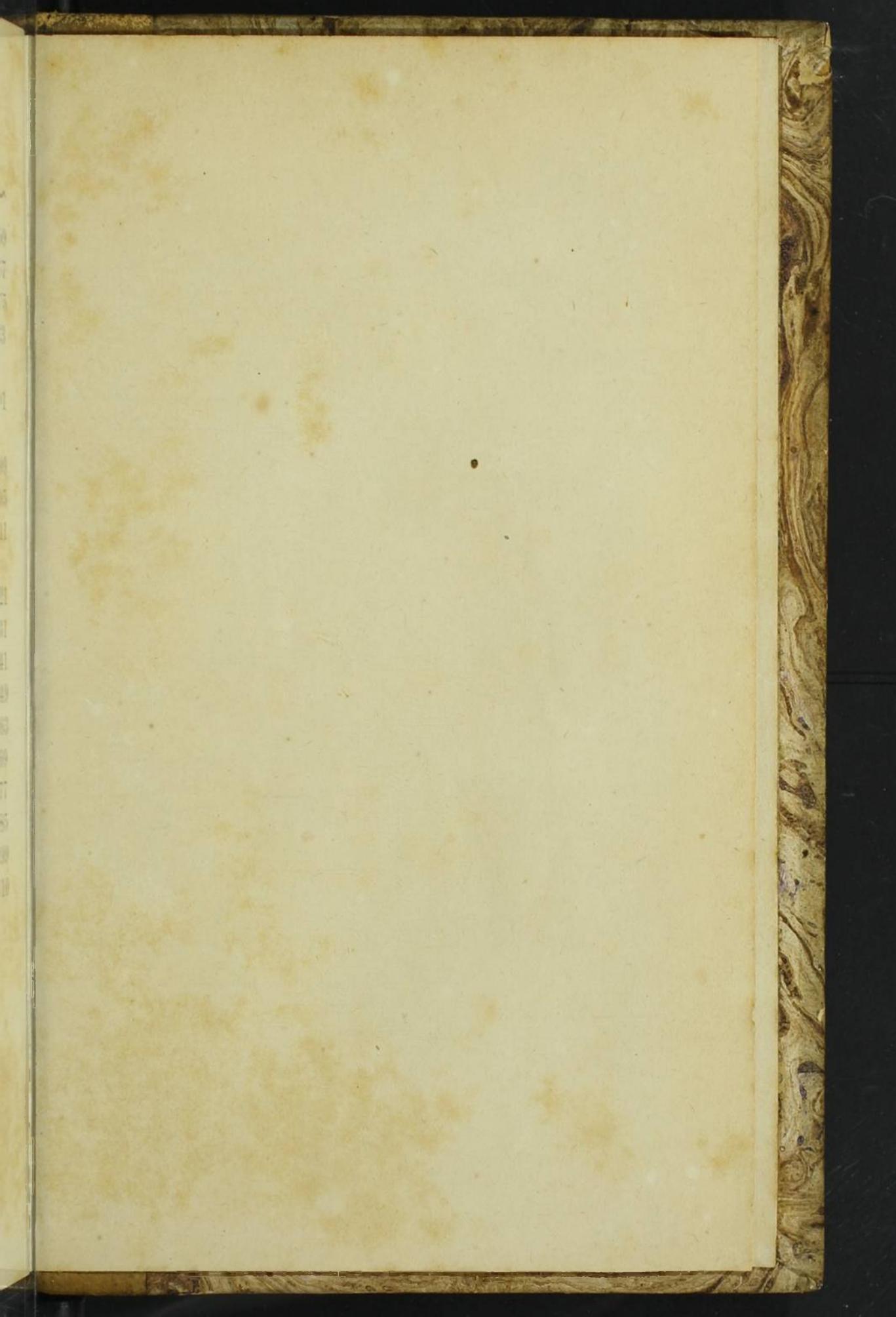
Índice

I	Um livro infame.....	9
II	A arte colonial.....	17
III	Um romance tapuyo.....	27
IV	A literatura Teuto-Brasi- leira.....	37
V	O primeiro livro sobre o Brasil.....	53
VI	Tres opusculos.....	59
VII	O tricentenário do Ceará, 1603-1903... ..	69
VIII	O Sr. Nelson de Senna...	77
IX	O Folk-Lore do Norte.....	83
X	Uma comedia historica....	93
XI	A arte de ler.....	103
XII	Um novo mappa do Brasil Oriental.....	113
XIII	A naturalidade de Cama- rão	123
XIV	Os Recifes da costa do Brasil	133
XV	Uma memoria historica...	141
XVI	Medicina e Medicos.....	149

XVII	O Sr. Theotonio Freire...	159
XVIII	«O Correio Paulistano»...	167
XIX	Poetas Paraenses.....	175
XX	Um escriptor Sergipano....	183
XXI	Um chronista do se- culo XVIII.....	191
XXII	Uma nova historia do Bra- sil	199
XXIII	Um bom livro didactico...	205
XXIII*	Um sociologo original....	211
XXIV	A poesia brasileira no Chile	221
XXV	Jornaes d'outr'ora.....	231
XXVI	O estudo da lingua Patria	241
XXVII	Affonso Olindense.....	249
XXVIII	Uma escriptora.....	263
XXIX	Phaelante da Camara.....	269
XXX	A arte dos indigenas.....	277
XXXI	O Sr. Julius Meili.....	285
XXXII	O Pan-Americanismo.....	299
XXXIII	A gloria literaria.....	310

(*) Repetido por engano de numeração.





17619

